

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ELIS REGINA NUNES MOTA ARAÚJO

**O COTIDIANO DA INFÂNCIA E DAS PRÁTICAS
EDUCATIVAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO:
CATEGORIAS EM CONSTRUÇÃO NA HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO**

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2016

ELIS REGINA NUNES MOTA ARAÚJO

**O COTIDIANO DA INFÂNCIA E DAS PRÁTICAS
EDUCATIVAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO:
CATEGORIAS EM CONSTRUÇÃO NA HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a
obtenção título de Mestre em Educação, ao Programa de
Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de
Sergipe.

ORIENTADORA: Prof^a. Dra. Silvana Aparecida Bretas

São Cristóvão/SE

2016

ELIS REGINA NUNES MOTA ARAÚJO

**O COTIDIANO DA INFÂNCIA E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA
EDUCAÇÃO DO CAMPO: CATEGORIAS EM CONSTRUÇÃO NA
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a
obtenção título de Mestre em Educação, ao Programa de
Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de
Sergipe.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Silvana Aparecida Bretas (Orientador)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dra. Sonia Meire Santos Azevedo de Jesus
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dra. Marizete Lucini
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dra. Fernanda de Lourdes Almeida Leal
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Dedico este trabalho às crianças do Assentamento Fortaleza, especialmente Daniel, Natália e Sofia, que me ajudaram a compor as histórias e os conhecimentos que partilho nestas páginas, e aos homens e mulheres que muito me ensinaram sobre a resistência e a garantia do direito a uma vida humana com respeito e dignidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

aos assentados e às assentadas, especialmente ao senhor Bernardo e às crianças, porque todos me ensinaram a valorizar e respeitar a vida e a não me intimidar quando se pensa e se busca o direito a uma vida digna;

a Dona Genivalda e a Dona Iolanda, mulheres fortes e determinadas, pessoas de extrema importância na fundação do Assentamento e da escola, por suas contribuições e permissões para a realização deste trabalho;

à Prof^a Silvana Aparecida Bretas, pelas orientações minuciosas e cuidadosas dadas com ética e responsabilidade profissional;

à Prof^a. Maria Cristina Martins, por me inserir no mundo da pesquisa;

à Prof^a. Ana Maria Lourenço de Azevedo, pelos ensinamentos e indicações de trabalho, que muito me ajudaram na elaboração teórico-metodológica;

a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, pelas contribuições generosas e diversificadas subjacentes ao texto final deste trabalho;

ao meu companheiro, Eli, por ter sido parceiro nos momentos de angústia, dúvida e incerteza que permeiam o universo da pesquisa;

à Gabriela, à Isa e à Ana Beatriz, pela compreensão das minhas ausências e silêncios ao longo desses dois anos;

a meus irmãos, Rita, Ricardo e Armando, pelas lembranças de nossa infância em Pedra Branca e pelas alegrias e tristezas compartilhadas;

a meus pais, pela dedicação e pelo carinho sempre a mim dispensados;

aos amigos assentados e assentadas do Assentamento Fortaleza e a todos que comigo vêm partilhando as alegrias e as tristezas da vida.

RESUMO

O presente trabalho versa sobre o tema da infância campesina e das práticas educativas em escola da educação do campo. Busca compreender o cotidiano da infância em uma comunidade rural com práticas econômicas, sociais e culturais próprias da vida do campo, na perspectiva dos adultos e das crianças que lá vivem e constituem uma comunidade. A investigação empírica foi desenvolvida no Assentamento Fortaleza, localizado no Povoado Aningas, município de Nossa Senhora da Glória-SE. As questões tratadas nesta investigação centram-se no cotidiano da infância campesina na comunidade e nas práticas educativas da escola do assentamento, sob a perspectiva dos estudos da História Social da Infância e orientação metodológica de observação e de análise do que transita entre a totalidade, a especificidade e a singularidade do objeto de estudo. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas, dos registros no diário de campo e dos desenhos das crianças no período compreendido entre junho de 2014 e março de 2015. Os resultados demonstram que a luta pela terra implica a luta pela educação escolar e que o cotidiano da infância tem o trabalho, entrecruzado com brincadeiras (roda, pega-pega, esconde-esconde), como elemento relevante na formação dos sujeitos, o que evidencia haver especificidade na infância campesina, demarcada historicamente por contradições.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. História Social da Infância. Educação do Campo. Comunidades Tradicionais

ABSTRACT

This work deals with the theme of childhood and educational practices in peasant school of field education. It tries to understand the daily life of childhood in a rural community with economic, social and cultural practices of field life, from the perspective of adults and children who live there and constitute a community. The empirical research has been developed in the Fortaleza Settlement, located in the village Aningas, municipality of Nossa Senhora da Glória, Sergipe. The issues addressed in this research focus on the daily life of peasant childhood in community and educational practices of the settlement school, from the perspective of Social History of Childhood studies and methodological orientation of observation and analysis of which transits between the totality, the specificity and uniqueness of this object of study. The data were collected through semi-structured interviews, records in the diary of field and of the drawings of children in the period from June 2014 and March 2015. The results show that the struggle for land means the fight for school education and that the daily life of childhood has job, interlocked with playing (wheel, tag, hide and seek), as a relevant element in the formation of the subjects, what evidences there is specificity in field childhood, historically demarcated by contradictions.

KEYWORDS: Childhood. Social History of Childhood. Field Education. Traditional Communities

LISTAS

Lista de Imagens

Nºs	Títulos	Páginas
1	Campo de pesquisa	11
2	Instalações da Escola Municipal Assentamento Fortaleza	15
3	A infância no assentamento	30
4	A saída da escola	47
5	Os lotes e sua divisão	53
6	Desenho de Adenilson, 7 anos	60
7	As brincadeiras	65
8	Desenho de Emílio, 7 anos	74
9	Desenho de Daniel 6 anos	75
10	Desenho de Mateus, 6 anos	76
11	Desenho de Natália, 6 anos	77
12	Desenho de Adenilson, 6 anos	78
13	Desenho de Letícia, 6 anos	79
14	Desenho Mariana, 6 anos	80
15	Desenho de Luca, 6 anos	81
16	Desenho de Jeferson, 6 anos	82
17	Desenho de Jorge, 6 anos	83

Lista de Quadros

Nºs	Títulos	Páginas
1	Mapa das dinâmicas agrárias do município de Nossa Senhora da Glória-se	15

Lista de Tabelas

Nºs	Títulos	Páginas
1	Crianças de 0 a 6 anos por faixa etária e situação do domicílio, 2010	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CAPÍTULO I - CRIANÇA E INFÂNCIA COMO CATEGORIAS EM CONSTRUÇÃO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: O COTIDIANO EM SUA TOTALIDADE, SINGULARIDADE E ESPECIFICIDADE	30
2.1. Criança, Infância e Educação do Campo	43
3. CAPÍTULO II - INFÂNCIA DO CAMPO: A RELEVÂNCIA DA ESCOLA PARA O ASSENTAMENTO FORTALEZA	47
3.1. Do Alto Bonito à Fazenda Fortaleza: assentados e acampados.....	50
3.2. A Escola de uma Sala Só	55
3. Reflexões sobre a Relação entre Trabalho e Escola na Comunidade	59
4. CAPÍTULO III - A INFÂNCIA SEGUNDO OS AGENTES SOCIAIS E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS	65
4.1. Situando a Escola, os Trabalhos e as Brincadeiras	66
4.2. A Vida nos Desenhos das Crianças	74
4.3 Eu não Tive Infância.....	83
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICES (Transcrição de Entrevistas)	95
Apêndice A: Entrevista com Natália e Daniel	95
Apêndice A1: Entrevista com Maria Letícia, Sofia, Alex, Erivan e Daniel	97
Apêndice B: Entrevista com Altevânia Bezerra da Silva	99
Apêndice C: Entrevista com Maria Iolanda de Moura	101
Apêndice D: Entrevista com Genivalda de Sá Silva.....	104

Apêndice E: Entrevista com Maria Joseilma da Mota.....	109
Apêndice F: Entrevista com Jânio Santos da Conceição	112
Apêndice G: Entrevista com Rosineide Guimarães.....	113
Apêndice H: Entrevista com José Nilton de Lima.....	115
Apêndice I: Entrevista com José Bernardo Correia.....	117
Apêndice J: Entrevista com Luciene Gonzaga dos Santos	119
Apêndice K: Entrevista com Sinoélia Gonzaga dos Santos	121
Apêndice L: Entrevista com Alessandra Silva Santos.....	124
Apêndice M: Entrevista com Elvina Maria Alves Oliveira Dantas.....	126
ANEXOS (Termos de Consentimento)	131

1. INTRODUÇÃO

Imagem 1 – Campo de Pesquisa



Fonte: Arquivo de Pesquisa/26.11.2014

Rapaz, digo agora, desde que comecei a me entender por gente, eu já ia pra roça. Quando meu pai não tava, eu ia sozinho, é tanto que o povo perguntava: rapaz, o que você veio fazer o que aqui? Tinha dias que eu ia escondido, não vou mentir. Aí eu trabalhava um pouco no sol, descamisado. Aí meu pai pegava a camisa, fazia assim um 'giraquinho' e eu ficava na sombra da camisa, aí pegava no sono. Outras horas me acordava com aquele calor brabo, né. Minha infância toda vida foi gostar de trabalhar. Pelejava com carro de boi... (CORREIA, 55 anos data da entrevista) ..

A presente pesquisa nasceu do resultado dos trabalhos anteriormente desenvolvidos em dois projetos denominados “Os modos de aprender de crianças em comunidades pesqueiras”¹ e “Pesquisa Nacional Caracterização das Práticas Educativas com crianças de 0 a 6 anos residentes em áreas rurais”², este desenvolvido no ano de 2012. Esses trabalhos induziram a importantes reflexões sobre oferta e demanda de Educação Infantil nas comunidades tradicionais, como são as do campo, e me levaram a desenvolver o projeto de pesquisa que apresentei ao Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade federal de Sergipe, em 2013.

Importa aqui, de imediato, enunciar o âmbito da educação no campo, que, segundo as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica (2002), é integrado pelos povos das florestas, da pecuária, das minas e da agricultura, pelos espaços pesqueiros, caíçaras, ribeirinhos e extrativistas. No arcabouço jurídico-institucional da educação do campo, cabe destacar também o Decreto Nº 6.040, de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, definidos como grupos culturalmente diferenciados, que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização e que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua produção cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição (BRASIL, 2007). O termo, assim definido, caracteriza conhecimentos que são passados de geração em geração e que são construídos através das relações estabelecidas no âmbito familiar e na comunidade. As relações de vizinhança e confiança são características desses sujeitos, que dividem seus espaços constituídos a partir do viver juntos. No caso da presente pesquisa, interessa centrar o foco na comunidade tradicional, ligada, social e economicamente, ao cultivo da terra e à cultura caipira, de acordo com designação de Antônio Cândido (2010, p. 12), ou à cultura do matuto e do sertanejo, como bem se conhece no Nordeste brasileiro.

Nessa perspectiva, o objeto de estudo é a educação da infância do campo, buscando compreender o cotidiano da infância em uma comunidade rural, com práticas econômicas,

¹ Pesquisa desenvolvida no Povoado Areia Branca, Zona de Expansão de Aracaju, no período de 2010 a 2012, com apoio da FAPITEC/PIBIC/PIIC e CNPQ sob a coordenação da Prof^a. Dra. Maria Cristina Martins.

² Pesquisa desenvolvida nos seguintes municípios: Campo do Brito, Canhoba, Moita Bonita, Neópolis, Nossa Senhora das Dores, Pedrinha, Poço Redondo, Porto da Folha, Propriá, Riachão do Dantas, Rosário do Catete, Salgado e São Miguel do Aleixo, sob a coordenação nacional, por indicação do Ministério da Educação-MEC, da Prof^a. Dra. Maria Carmen Barbosa, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e sob coordenação estadual da Prof^a. Dra. Maria Cristina Martins.

sociais e culturais próprias da vida do campo. Nesse sentido, o cotidiano da infância, por um lado, será perscrutado nas gerações adultas, que já viveram essa temporalidade e que, por integrarem uma comunidade tradicional, tendem a preservar não só sua memória, mas também revivê-la, através de ensinamento a novas gerações, e, por outro, no cotidiano das crianças camponesas de hoje. Em ambos os casos, a escola e a comunidade são centros privilegiados de observação e análise.

A investigação empírica foi desenvolvida no município de Nossa Senhora da Glória, conhecido como a capital do sertão sergipano, distante da capital 122 km e com população de aproximadamente 35.000 habitantes, composta, entre outros, por agricultores, assentados, pequenos proprietários de sítios, funcionários públicos, comerciantes e duas famílias atuantes na atividade industrial³. Algumas características nos remetem a aspectos de urbanização, como rede bancária, hotéis e livraria para atender uma população de média densidade demográfica.

Esse Município faz parte da bacia leiteira de Sergipe, sendo considerado o maior produtor. Registre-se, no entanto, que os pequenos produtores de têm enfrentado sério problema de monopólio na compra de sua produção, pois se veem obrigados a vender seu produto à empresa de laticínios ao preço de R\$0,80 (oitenta centavos) o litro, o que leva ao progressivo empobrecimento dos pequenos agricultores.

O Plano de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo da Pecuária de Leite e Derivados – Alto Sertão (2008) aponta a necessidade de modificar essa situação, principalmente, para os pequenos agricultores, que acabam ficando na informalidade, face às dificuldades com relação à criação dos animais e à exigência de se organizarem para concorrer no comércio local.

Definido o Município em que o estudo seria realizado, decidiu-se pelo Assentamento Fortaleza, localizado no Povoado Aningas distante aproximadamente 20 km da sede urbana de Nossa Senhora da Glória. A escolha se deveu às características peculiares do Município e do Assentamento, tendo a seleção do campo de pesquisa resultado das discussões desenvolvidas na *Pesquisa Nacional Caracterização das Práticas Educativas com crianças de 0-6 anos residentes em áreas rurais* (2012), quando se percebeu a existência de escolas de educação infantil multisseriadas em assentamentos rurais.

³ Trata-se de duas famílias distintas, proprietárias do Laticínio e da Indústria de Móveis e Estofados, respectivamente.

Esclareça-se que o fato de se tratar de estudo de caso, que será abordado mais adiante nas discussões metodológicas, não desobriga do estudo da constituição sócio-histórica da conquista da terra e, conseqüentemente, da educação no campo e, especialmente, da educação da infância.

O Movimento dos Sem Terra - MST é conhecido por seu importante papel na defesa dos direitos do homem do campo residente em áreas rurais assentadas. A partir desse fato e da aproximação com os sujeitos da pesquisa, percebi a relevância desse movimento na luta pela conquista da terra. Há mais de vinte anos, o MST luta pela distribuição mais justa de terra e da riqueza para as populações do campo. A história e a identidade desse movimento se constituem de forma coletiva. Para Foerster e Vasconcelos (2015, p. 65), “este movimento social é compreendido como sujeito que educa os trabalhadores sem terra em sua luta coletiva”.

No contexto de lutas coletivas desse movimento, consolidou-se, em Nossa Senhora da Glória-SE, o Assentamento Fortaleza, localizado no Povoado Aningas, no ano de 1998. Segundo relatos de lideranças do Assentamento, esses trabalhadores, primeiramente, ocuparam as terras do Alto Bonito, povoado de Poço Redondo, resistindo às condições subumanas que tais ações impõem aos seus agentes. Nesse mesmo período o INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária reconheceu como improdutiva uma grande propriedade, a antiga Fazenda Fortaleza, que, desapropriada, foi ocupada por quarenta e seis famílias, as quais abandonaram, assim, a condição de acampados para se tornarem assentados.

Sobre os assentamentos no Município pesquisado, dados da pesquisa de Mota (2010) indicam que:

Atualmente Nossa Senhora da Glória possui 06 assentamentos, formados por 290 famílias. Mesmo assim, restam ainda 02 fazendas grandes que têm cerca de 1000 ha cada uma. Reconhecem que depois da ação da reforma agrária na região são poucos os que não têm terra, muito embora as opiniões sejam divergentes quanto a adequação dessa política para pessoas que têm procedimentos tão diferenciados (MOTA, 2010, p. 128).

Quadro 1: Mapa das Dinâmicas Agrárias do Município de Nossa Senhora da Glória-SE



Fonte: Rev. Bras. de Agroecologia. 5(2): 126-138 (2010)

Por sua história e constituição, tornou-se central no objeto de estudo a Escola Municipal Assentamento Fortaleza que oferece matrículas para crianças de 4 a 12 anos.

Imagem 2: Tomadas da Escola Municipal Assentamento Fortaleza



Fonte: Arquivo de Pesquisa - 26.11.2014

Trata-se de escola multisseriada, com duas salas de aula; dois banheiros (feminino e masculino), em péssimas condições de uso; uma cozinha para o preparo do lanche das crianças

e uma sala que serve como depósito. Não há cantina nem cadeiras, na hora do lanche, as crianças realizam as refeições sentadas ao chão. Antes de servir o lanche, a merendeira (única funcionária da escola para os serviços gerais) coloca um recipiente com água para que as crianças realizem a higiene antes da alimentação. Vale ressaltar que, como a escola não possui sistema de distribuição de água pela Companhia de Saneamento Básico - DESO, a água do recipiente é utilizada por todas as crianças. No recreio, como não podem sair para brincar fora da escola, as crianças se aglomeram em pequenos espaços, uma vez que a escola não possui parque infantil ou área apropriada para as brincadeiras. Não existe biblioteca ou mesmo um cantinho de leitura que poderia auxiliar nesse momento lúdico. Há duas professoras, que contam com a colaboração de várias mães, as quais, ao levarem os filhos para a escola, ficam esperando o horário de finalizar as atividades escolares⁴.

As lideranças do Assentamento Fortaleza têm como representante a Sra. Iolanda (47 anos), uma das responsáveis pela luta e permanência desses sujeitos na comunidade, na medida em que defende a garantia da identidade dos sujeitos, por meio da construção e consolidação de seus saberes e fazeres no cotidiano da comunidade.

Para introduzir o tema e delimitar o objeto de estudo, é preciso considerar as leis que regem o sistema educacional em nosso país. A Constituição Federal de 1988, em seu Art. 1º, reconhece o Brasil como República Federativa composta pela União, Estados, Municípios e o Distrito Federal que, teoricamente, são regidos pelo princípio do federalismo que pressupõe regime de colaboração e independência dos poderes pactuados. Com relação ao sistema educacional, o Art. 205 afirma:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

A Constituição estabelece também que creches e pré-escolas passem a compor os sistemas educacionais. Essa mesma disposição consta na LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), quando, no Artigo 29, estabelece a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica e garante às crianças de 0 a 6 anos direito a educação fora do contexto familiar, através da oferta de creches e pré-escolas públicas em todo o território

⁴ Esse aspecto chama atenção, pois denota comportamento bastante diferente do já estabelecido, o fato de as mães deixarem seus filhos para se ocuparem de outras atividades, domésticas ou profissionais. Esse aspecto será considerado em análise mais adiante.

brasileiro. Segundo Kulhmann, “[...] até meados da década de 1970, as instituições de educação infantil viveram um lento processo de expansão, parte ligada aos sistemas de educação, atendendo crianças de 4 a 6 anos, e parte vinculada aos órgãos de saúde e de assistência, com um contato indireto com a área educacional” (2000, p. 9). Ainda segundo esse autor, com a entrada da mulher no mercado de trabalho, para os filhos da classe média brasileira surgem as instituições particulares, deixando de ser “legitimação social” o atendimento escolar das crianças desde sua mais tenra idade apenas para as crianças pobres.

Em 1989, realiza-se a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, na cidade de Nova York, com a participação de todos os membros das Nações Unidas (193 países). Esse evento tinha como principal objetivo assegurar os direitos das crianças e adolescentes, reconhecendo suas especificidades. A Convenção foi relevante para a efetivação do Art. 227 da Constituição Federal (1988), bem como para a posterior instituição do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990). Sobre as iniciativas orientadas a prover direitos para as crianças e adolescentes, Rosemberg (2010) argumenta:

Longo tem sido o percurso histórico das instituições sociais, inclusive jurídicas e acadêmicas, para que os adultos das sociedades ocidentais reconhecessem, à criança, o estatuto de sujeito e a dignidade de pessoa. Dentre os marcos fundantes desse reconhecimento destacam-se a Declaração Universal dos Direitos da Criança promulgada pela Organização da Nações Unidas – ONU, em 1959, e a publicação do livro de Philippe Ariès (1961), *L'enfant et la vie familiale sous l'ancien régime*. Apesar de críticas que lhes foram feitas, ambos os textos instalaram discursos e práticas sobre a infância e as crianças contemporâneas. A Convenção de 1989, em relação às declarações internacionais anteriores, inovou não só por sua extensão, mas porque reconhece à criança (até os 18 anos) todos os direitos e todas as liberdades inscritas na Declaração dos Direitos Humanos. Ou seja, pela primeira vez, outorgaram-se a crianças e adolescentes direitos de liberdade, até então reservados aos adultos (ROSEMBERG, 2010, p. 694).

Nesse cenário, se dá a transição da educação infantil do paradigma do assistencialismo, para atender as famílias dos centros urbanos, para um direito social da criança. A creche permaneceu por um longo período atendendo as crianças de 0 a 6 anos, passando, posteriormente, a acolher as crianças de 0 a 3 anos, sendo as crianças de 4 a 6 anos encaminhadas à pré-escola. Em 2013, com a alteração da LDBEN, a educação infantil passou a integrar a Base Nacional Comum Curricular, consolidado, assim, identidade da Educação Infantil como parte integrante da Educação Básica.

A Emenda Constitucional nº 59/2009 dá nova redação aos incisos I e VII do Artigo 208, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino dos quatro aos dezessete anos e estendendo a abrangência de programas suplementares a todos os níveis da Educação Básica.

Nesse período, inicia-se também o movimento social de grupos ligados à luta pela terra que cobra da União a formulação de políticas públicas que valorizem a cultura do campo em favor das crianças residentes em áreas rurais, entendendo que essas famílias têm direito à educação infantil para suas crianças.

Não obstante o poder de organização do movimento social de luta pela terra, somente no ano de 2002 o Conselho Nacional de Educação estabeleceu as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo - DOEBEC (Resolução CNE/CEB nº 1/2002). Nesse documento se lê:

Art. 6º - O Poder Público, no cumprimento das suas responsabilidades com o atendimento escolar e à luz da diretriz legal do regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, proporcionará Educação Infantil e Ensino Fundamental nas comunidades rurais, inclusive para aqueles que não o concluíram na idade prevista, cabendo em especial aos Estados garantir as condições necessárias para o acesso ao Ensino Médio e à Educação Profissional de Nível Técnico (BRASIL, 2002).

A I Conferência por uma Educação Básica do Campo, que ocorreu no ano de 1998, tinha por objetivo central a realização de algumas reflexões sobre a educação ofertada nas comunidades rurais. Nesse evento foram estabelecidos alguns princípios:

- vincular as práticas de Educação Básica do Campo com o processo de construção de um Projeto Popular de Desenvolvimento Nacional;
- propor e viver novos valores culturais;
- valorizar as culturas do campo;
- fazer mobilizações em vista da conquista de políticas públicas pelo direito à Educação Básica do Campo;
- lutar para que todo o povo tenha direito e acesso à alfabetização;
- formar educadores e educadoras do campo;
- produzir uma proposta de Educação Básica do Campo;
- envolver as comunidades neste processo (BRASIL, 2011, p.28).

O MST, na década de 1980, elaborou proposta de educação que se diferencia do modelo da escola pública tradicional, na medida em que parte da realidade, isto é, do cotidiano das crianças que vivem processos educativos diversos em seus espaços de vida. Para Caldart (1995), esse processo educativo,

transforma camponeses cabisbaixos, culpados, sem autoestima nem coragem de erguer os olhos diante daqueles que julgam seus superiores, em trabalhadores SEM TERRA, com altivez suficiente para desafiar os poderosos constituídos, para olhar direto nos olhos de seus opositores e exigir o que julgam ser de direito (1995, p. 8).

O movimento se esforçou em definir o tipo de escola que poderia transformar assentados e acampados em sujeitos conscientes de suas condições econômicas, sociais e históricas e, ao mesmo tempo, serem sujeitos de ação para conquistas do povo camponês.

Nessa escola, a proposta pedagógica deve estar assentada na organicidade entre a cultura campesina e os processos pedagógicos de sala de aula na constituição da alteridade desses sujeitos. Sua matriz teórica tem como princípio educativo a proposta de Paulo Freire de uma educação libertadora.

A partir da compreensão e inserção dessa luta e desse debate na graduação, decidi investigar o universo das comunidades campesinas. Ademais, a origem e vivência na forma de vida e cultura campesinas me fizeram perceber e compreender a necessidade de políticas públicas que possibilitem ao homem do campo aí permanecer.

Assim, pensei em um trabalho que privilegiasse as populações campesinas, mais especificamente as crianças e suas infâncias, em seus espaços históricos e culturais, com ênfase na educação escolar. Nesse sentido, procuro neste estudo avançar um pouco mais, tentando analisar e refletir sobre a educação da infância “no” e “do” campo.

Minha origem e trajetória de vida campesina fizeram-me refletir sobre a ausência ou precariedade da escola nas comunidades, o que dificulta, se não impede, as crianças terem direito e acesso à educação. Um dos graves problemas enfrentados pela infância campesina está relacionado à distância entre essas instituições e moradia das crianças, o que faz com que muitos tenham que levantar muito cedo e andar quilômetros para poder estudar. O transporte escolar quase sempre é precário e insuficiente para atender as comunidades. Enfim, são inúmeros fatores que dificultam o acesso à escola das crianças e adolescentes residentes em comunidades rurais.

Essa análise indicou a necessidade de dar prosseguimento aos trabalhos que fazem referência às escolas do campo, bem com refletir sobre e discutir o contexto histórico, cultural e social das crianças residentes na área rural. Não se trata de simplesmente pensar uma escola “do” e “no” campo, mas de considerar o cotidiano dessas crianças a partir das relações estabelecidas em seu contexto histórico e cultural, de propor uma abordagem mais reflexiva no campo das relações estabelecidas entre escola-família-comunidade.

Nessa perspectiva, cabe aqui considerar minha relação com o objeto pesquisado “infância do campo”, pensando minha infância campesina e todo o cotidiano e memória vivenciados nesses espaços. Tive oportunidade de reconhecer-me nas tantas histórias de luta por uma escola do/no campo. Meus pais também desejavam uma escola do/no campo para seus

filhos, entretanto fez-se necessário nossa retirada do campo para a cidade para que pudéssemos dar continuidade aos nossos estudos, pois a escola que existia apenas alfabetizava crianças e adolescentes.

Este trabalho pretende, portanto, dar voz a esses sujeitos através das histórias de seu cotidiano, entendendo que não se pode aceitar a situação de “abandono” das crianças no campo, negligenciadas e submetidas a uma educação e uma proposta pedagógica que sequer as reconhece enquanto meninas e meninos residentes em áreas rurais. Entretanto, apesar de a grande maioria da população campesina estar fora da escola, saberes e fazeres se constituem nesses espaços e são aplicados no manejo de culturas agrárias diversas e no comércio, muito especialmente na compra e venda de seus produtos.

Existe uma tendência de se anularem as especificidades dessas populações. No entanto, elas resistem a partir da formação de movimentos sociais e sindicais, referidos anteriormente e discutidos mais adiante, que afirmam ser esse território espaço de vida política, cultural, social e econômica. A escola ambientada nesse universo deve perceber a realidade e as experiências das crianças, delineando-as numa proposta pedagógica que se configure entre os limites da relação entre aquilo que deve ser igual para todas as crianças e aquilo que contemple as especificidades daquelas que vivem no campo.

Transmitir informação igual e construir conhecimento único é uma forma de homogeneizar o aprendizado. O modelo de criança ideal urbano se configura nas atividades padronizadas, nos livros didáticos que não contextualizam suas experiências, provocando de certa forma a desvalorização da cultura campesina. Essas questões desafiam e remetem a Silva, Pasuch e Silva (2012), quando analisam o geral e o específico nas Escolas de Educação Infantil do Campo:

Uma das principais questões que podemos nos fazer na discussão sobre Educação Infantil do Campo e na elaboração de projetos pedagógicos diz respeito aos limites da relação entre o geral e o específico, ou seja, entre aquilo que deve ser igual para todas as crianças e aquilo que deve respeitar as peculiaridades e as diversidades do campo (SILVA, PASUCH e SILVA, 2012, p. 75).

Além disso, outros aspectos característicos das escolas no campo permanecem, como pequenos espaços escolares sem infraestrutura, salas multisseriadas, professores sem formação específica⁵, ausência de biblioteca e parque infantil, entre outros. Por isso, é fundamental

⁵ A professora da escola de nossa pesquisa é licenciada em História e estava atuando na Educação Infantil.

questionar como se constitui e de que maneira ocorre a oferta de educação infantil nos espaços campestinos.

O termo *campo* nos leva aos estudos de Silva, Pasuch e Silva (2012) e de Silva, Silva e Martins (2013), já referidos neste trabalho, que, em suas pesquisas sobre educação infantil no campo, sublinham a conquista dos movimentos sociais na construção de um projeto que inclua o cotidiano das comunidades rurais. O *campo*, como aqui especificado, não pode ser um espaço vazio, pensado e evidenciado em projetos tecnológicos e econômicos a partir de uma visão econômica de mercado. Ferrarini (2014), ao referir o espaço campestino, argumenta que,

O ambiente rural é, sem dúvida, lugar de condição e suporte de relação, de espaços de convivência, de particularidades. Fomenta marcas na memória, já que esses lugares não são apenas uma demarcação geográfica, mas são construídos social e historicamente, gerando representações sobre esses espaços vividos, denota-os de um sentido ou, melhor, de múltiplos sentidos (FERRARINI, 2014, p. 58).

Esse ambiente rural repleto de múltiplos saberes e fazeres se constitui no cotidiano de cada indivíduo, fazendo-nos perceber que, como entendem Silva, Pasuch e Silva (2012), “as fronteiras entre campo e cidade não são nítidas” (2012, p. 36), uma vez que a maioria das cidades brasileiras possui um perfil rural, em razão dos muitos campestinos que migram das áreas rurais para as urbanas, estabelecendo certa continuidade entre os espaços do campo e da cidade.

Observa-se que a ampliação dos diversos campos de pesquisa é um esforço de compreensão da diversidade e da realidade das infâncias brasileiras. Tal universo nos obriga a centrar o foco nas questões a serem tratadas na presente investigação, a saber: De que modo se constitui o cotidiano da infância campestina, tendo em vista as temporalidades já vivenciadas pelos adultos e pelas crianças que hoje vivem suas infâncias no Assentamento Fortaleza? Como se deu e como hoje se desenvolve esse cotidiano na comunidade e nas práticas educativas da escola do Assentamento? É possível afirmar a existência de uma especificidade de infância campestina através da elaboração histórica do cotidiano do campo?

Essas questões serão esclarecidas na perspectiva dos estudos históricos sobre o cotidiano da infância no tempo presente, o que significa dizer que temos como principal objetivo compreender o cotidiano da infância em uma comunidade rural em suas práticas econômicas, sociais e culturais próprias da vida do campo, na perspectiva dos adultos e das crianças que lá vivem e se constituem em comunidade.

Além do objetivo geral antes enunciado, são objetivos os específicos do estudo aqui relatado:

- identificar qual é e como se constitui o cotidiano da infância, da educação e das práticas educativas, junto aos pais e educadores das crianças da comunidade pesquisada;
- analisar junto às famílias a relevância da escola de educação infantil;
- realizar estudo sobre a história da luta dos assentados na ocupação do Assentamento e da criação da escola.

Entendo que o objeto de estudo exige reconhecer a relevância da oferta de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental de qualidade “do” e “no” campo como estratégia importante, uma vez que poderá contribuir para a construção da identidade das crianças. Complementando a perspectiva histórica aqui adotada, tomou-se o movimento social de luta pela terra como elemento fundamental para a emergência da especificidade da educação da infância no meio rural. No contexto dessa luta, a compreensão não perpassa apenas a reivindicação da terra e condições de existência material, mas o protagonismo da população do campo como grupo social produtor de conhecimento, de cultura e de formas de vida.

A perspectiva teórica aqui adotada compartilha os princípios da Educação do Campo, que valorizam o sujeito do campo, superando os antagonismos campo/cidade. As crianças moradoras em áreas rurais vivem suas experiências de vida a partir das relações estabelecidas no campo, ou seja, através de conhecimentos que são ensinados de geração em geração. É preciso conhecer essa infância e resgatar esses sujeitos no ambiente escolar, seu modo de vida, seus vínculos de pertencimento, sua dinâmica de trabalho, não em uma perspectiva capitalista, mas como formação e constituição do trabalho, como aprendizado de vida, reconhecendo a importância de seus saberes para a construção do aprendizado das crianças.

Partindo dos pressupostos acima evidenciados, do ponto de vista metodológico, este trabalho estuda a infância na perspectiva do cotidiano, da memória e socialização dos sujeitos envolvidos na pesquisa, por entender-se a relevância da experiência individual que se desenrola em circunstâncias histórico-sociais específicas do campo. Para Eclea Bosi (1994):

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória (p. 73).

Busquei, através das entrevistas com adultos e crianças, compreender o cotidiano que se configura na vivência e experiência daqueles que já viveram suas respectivas infâncias no campo e que hoje as revivenciam, na medida em que ensinam e lutam por direitos da infância presente. Foi através dos saberes e dizeres dos mais velhos, que sobreviveram a tantas lutas, que se estabeleceram e se estabelecem os direitos à terra, à educação, enfim, o direito à vida.

Esta pesquisa assume uma abordagem qualitativa através do estudo de caso e entende que, de acordo com Lüdke e André (2005), o pesquisador deve escolher através de sua perspectiva de estudo uma situação que, inserida em um universo mais amplo, vai compreender de forma mais adequada aquilo que deverá ser investigado. Lüdke e André (1986) tomam o estudo de caso enquanto processo metodológico de pesquisa que deverá estar atento aos novos elementos que surgem no decorrer da pesquisa, para assim poder analisar o tema que deverá ser pesquisado, o qual deve ser aplicado através de um objeto de pesquisa particular. As autoras afirmam que “[...] o caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenvolver do estudo” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 17). Assim como a pesquisa histórica do tempo presente, o estudo de caso também enfrenta algumas críticas enquanto método científico. Para Yin (2011), o pesquisador, ao utilizar o estudo de caso como estratégia de pesquisa, deve superar as críticas, para assim ter condições de lidar com a imensa variedade de fontes existentes nas pesquisas sociais. Argumenta esse autor:

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. Pode-se complementar esses estudos de casos "explanatórios" com dois outros tipos – estudos "exploratórios" e "descritivos". Independentemente do tipo de estudo de caso, os pesquisadores devem ter muito cuidado ao projetar e realizar estudos de casos a fim de superar as tradicionais críticas que se faz ao método (YIN, 2011, p. 27).

Durante o desenvolvimento das estratégias metodológicas, as questões “como?” e “por quê?” surgiram na perspectiva de construir os processos investigativos da pesquisa. O campo real a ser pesquisado se caracteriza como uma comunidade tradicional de população do campo, onde os saberes e fazeres da comunidade são passados de geração em geração. As comunidades tidas como tradicionais possuem a característica de valorização e respeito às experiências do cotidiano; homens, mulheres e crianças dividem espaços e atividades diversas, todos contribuem de maneira significativa nas diversas atividades que se configuram nos espaços campestres.

Na progressão dos intentos metodológicos, utilizei o conceito de comunidade defendido pela historiadora Agnes Heller (1970), cuja base de pensamento é a cotidianidade e cuja tônica é admissão de que o indivíduo se insere na comunidade desde o seu nascimento, não como uma escolha autônoma, mas como um elo inicial da própria natureza que, ao conviver, o torna membro da comunidade. Por isso, ela define comunidade como,

[...] uma unidade estruturada, organizada, de grupos, dispondo de uma hierarquia homogênea de valores e à qual o indivíduo pertence necessariamente; essa necessidade pode decorrer do fato de se “estar lançado” nela ao nascer, caso em que a comunidade promove posteriormente a formação da individualidade, ou de uma escolha relativamente autônoma do indivíduo já desenvolvido (HELLER, 1970, p. 71).

Esse processo de formação do indivíduo em uma determinada comunidade induz à reflexão sobre a história dos sujeitos em seus espaços de vida. Ainda segundo Agnes Heller, o princípio da cotidianidade surge na perspectiva de não promover a alienação do sujeito, buscando-se novas perspectivas de valorização da vida humana. No caso desta pesquisa, olhamos o indivíduo em sua temporalidade infantil, quando, ao ser lançado à vida, inicia a construção de sua identidade enquanto sujeito do campo pertencente a uma comunidade específica.

A partir da perspectiva histórica, pensei uma metodologia que viabilizasse a percepção e registro da história dessa infância, entendendo que, como pensa Chesneaux, “[...] a relação dialética entre passado e futuro, elemento, ao mesmo tempo, de continuidade e ruptura, de coesão e de luta, é a própria trama histórica” (1976, p.24). Sabe-se da luta dos movimentos sociais de luta pela terra, histórias que se inscrevem nesses espaços de lutas e rupturas; um cotidiano de lutas de permanência do saber local, de se estabelecer no espaço e tempo de uma cultura própria, em diálogo constante com outras formas culturais.

Para considerar os aspectos históricos da conquista e constituição do Assentamento Fortaleza, recorri a documentos oficiais do MST e entrevistas com as lideranças locais.

Como o foco deste trabalho é a infância no campo, especialmente sua escolaridade, atentei para uma questão teórico-metodológica cuidadosamente discutida entre os pesquisadores da infância, qual seja, entronar a fala da criança concebendo-a como produtora de conhecimento e de cultura, razão por que os meios para acessá-la devem ser mais diversificados. A entrevista pode ser um meio, mas não o único. As crianças gostam de desenhar

e de brincar, reproduzindo o mundo do adulto, o que torna imperioso dar-se atenção aos desenhos espontâneos e desenhos com comandas (BRETAS e MARTINS, 2009). A partir dessas considerações e instrumentos, podem-se formular questões como “o que você acha de sua infância?”, “o que você pensa da escola?”, “quais as brincadeiras da escola e da casa?”, “como você ajuda seus pais?”.

As fotografias foram utilizadas não como instrumento metodológico, mas como ilustração. O diário de campo foi ferramenta para complementar os dados colhidos. Para delimitar a coleta dos dados, apresentam-se os critérios de escolha dos sujeitos participantes da presente pesquisa.

Através dos gestores da Secretaria de Educação do Município de Nossa Senhora da Glória, iniciaram-se contatos com os gestores da escola e do Assentamento Fortaleza. Com base nos referenciais metodológicos da pesquisa de abordagem qualitativa, foram definidos os sujeitos, entre professores, diretora, famílias e movimentos sociais, que deveriam compor o grupo de informantes dos espaços pesquisados. Os instrumentos e procedimentos utilizados foram: roteiro de observação e entrevistas, conversas gravadas, observação dos espaços escolares e familiares, anotações no diário de campo e os desenhos das crianças. Através de visita à escola e às famílias selecionadas, referidas mais adiante, foi possível coletar os dados de forma mais qualitativa e interativa com os sujeitos, cruzando falas, percepções, observações e análise das situações apresentadas à pesquisadora. A utilização do gravador deu-se de forma consentida pelos sujeitos e ampliou a nossa capacidade de registro sem perda das informações, complementando o diário de campo. As anotações no diário estão contidas no texto e nas análises, não aparecendo em separado. Alguns fragmentos das entrevistas aparecem no texto em destaque com identificação no contexto da narrativa.

Para que pudesse definir os sujeitos da pesquisa, foram estabelecidos alguns critérios metodológicos no sentido de informar que a pesquisa de abordagem qualitativa se apropria do estudo de caso, compreendendo que não se dará conta de abordar todas as categorias que se apresentam durante o desenvolvimento dos trabalhos no campo pesquisado. Os pais foram escolhidos em conformidade com sua participação na vida escolar dos filhos: pais que participam e pais que não participam, ou seja, buscou-se identificar pais que não estavam envolvidos com a vida escolar de seus filhos, muitas vezes, em decorrência do trabalho rural e doméstico. Nesse grupo de sujeitos, destacaram-se os adultos que foram crianças no

Assentamento quando ainda era um acampamento em uma fazenda de propriedade particular⁶. O objetivo dessas entrevistas está relacionado com a luta dos dirigentes da associação de moradores do assentamento e do MST para a implantação da escola no Assentamento.

Com relação ao grupo de crianças entrevistadas, segui o critério de idade, já que se trata de uma sala multisseriada: uma (01) criança de cinco anos; quatro (04), de seis; e três, (03) de sete, totalizando 08 crianças. As brincadeiras e desenhos foram desenvolvidos com todas as crianças da sala de aula, aproximadamente vinte.

Entre os informantes adultos, foram entrevistados: a Presidente da Associação dos Pequenos Agricultores do Assentamento Fortaleza⁷; a merendeira⁸; a professora; crianças; pais e representantes do MST que participaram da história da fundação da escola.

Para a análise das entrevistas semiestruturadas escolhi as seguintes categorias: infância, cotidiano, práticas educativas, escola, movimentos sociais, cultura e identidade campesina. Essa escolha se deveu à necessidade de aproximação com os sujeitos, no sentido de compreender o cotidiano da comunidade, buscando identificar as lutas que foram vivenciadas pelos moradores e moradoras no trânsito de “acampados” para “assentados”,⁹ bem como promover uma discussão e reflexão sobre a relevância da escola para a comunidade. Nessa perspectiva, buscou-se identificar de qual infância se estava falando.

Os trabalhos foram desenvolvidos no primeiro semestre de 2014 e no primeiro e segundo semestres de 2015, através do registro no diário de campo, das entrevistas semiestruturadas e de atividades desenvolvidas com as crianças em sala de aula e das visitas à comunidade.

No primeiro momento, visitou-se o Povoado Aningas¹⁰, com vista a obter autorização da diretora da escola¹¹, para que pudesse dar início aos trabalhos no Assentamento. De acordo

⁶ A Fazenda Fortaleza de propriedade particular foi desapropriada pelo INCRA no ano de 1998.

⁷ D. Maria Iolanda de Moura (46 anos).

⁸ D. Genivalda de Sá Silva (57 anos). Primeira funcionária da Escola. Integrante do movimento que reivindicava a escola no Assentamento.

⁹ A situação de acampados representa o tempo que os “sem terra” em grupo se instalam em espaços (invasões), objetivando a luta pela terra. No momento que o Governo Federal, através do INCRA, desapropria as terras consideradas improdutivas, estes são remanejados e passam de acampados para assentados, já que lhes foi garantido o direito à terra, como forma de subsistência para as famílias acampadas.

¹⁰ Local onde fica localizada a Escola Municipal Deputado Elvaldo Diniz, responsável pela Escola do Assentamento Fortaleza.

¹¹ Maria Joseilma da Mota.

com os registros no diário de campo, a primeira visita aconteceu no dia 11 setembro de 2014, quando se teve a oportunidade de conhecer a comunidade e a escola.

Ao chegar ao Assentamento, percebi um cotidiano de muito trabalho, homens e mulheres espalhados por entre as plantações de milho, na lida com os animais, no transporte de água¹², nos afazeres domésticos. As crianças andavam livres por entre as pequenas estradas de barro, construindo suas próprias brincadeiras e ajudando suas famílias nos trabalhos desenvolvidos na comunidade. O Assentamento se configura entre os lotes de terra distribuídos pelo INCRA para as famílias assentadas, encontrando-se em seu centro uma igreja (católica), a escola e uma quadra de esportes.

Na escola, inicialmente tive meu primeiro contato com a merendeira¹³, para assim iniciar os trabalhos. A partir desse momento, tive a oportunidade de conhecer as crianças e de buscar identificar os sujeitos de pesquisa. No primeiro contato com as crianças, realizei uma roda de conversa, onde todos participaram, falando de suas brincadeiras, seus afazeres domésticos, e algumas questões sobre a escola. Nessa roda de conversa, percebi que todas as crianças ajudavam nos serviços domésticos e também na lida com a terra. No dia 26 novembro de 2014, realizei as entrevistas com as crianças, uma de quatro anos e uma de seis anos, com duração de aproximadamente duas horas, respeitados os momentos de brincadeiras, a ida ao banheiro e as conversas paralelas.

Em outra visita, entrevistei a Presidente da Associação dos Pequenos Agricultores do Assentamento Fortaleza¹⁴, buscando identificar a constituição do Assentamento e a história da construção da escola na comunidade. Nesse mesmo dia, foi entrevistado também o primeiro presidente¹⁵ da Associação, que participou ativamente da luta pela terra e por uma escola do/no campo.

¹² Um dos principais problemas enfrentado pela comunidade: a escassez de água.

¹³ D. Genivalda, uma das responsáveis pela luta da construção da escola no Assentamento.

¹⁴ D. Maria Iolanda Moura (46 anos). A entrevista foi realizada na Igreja Católica do Assentamento. Presidente da Associação dos Pequenos Agricultores do Assentamento é figura importante para a comunidade. Através do MST realiza reuniões mensais com os pequenos agricultores, buscando contribuir na solução dos problemas da comunidade. No momento da entrevista estava coordenando a reforma da Igreja, segundo Natália (6 anos) “ela é a dona da igreja”.

¹⁵ José Bernardo Correia (55 anos). Primeiro Presidente da Associação de Pequenos Agricultores. A entrevista foi realizada em sua casa. Almoçou-se com sua família e se percebeu a luta dessas pessoas pelo sustento e valorização do Assentamento enquanto espaço de vida.

Em 2015, retornei ao Assentamento para dar continuidade à pesquisa, tendo por principal objetivo entrevistar os primeiros alunos da escola do Assentamento¹⁶ para tentar compreender a história da criação da Escola na comunidade, que anteriormente funcionava em uma “casa velha” distante do Assentamento. As entrevistas com as mães das crianças aconteceram de forma participativa, seguindo a lógica do cotidiano e respeitando seus espaços de vida.

O trajeto em direção à comunidade transportava para outra realidade. A paisagem do campo é algo que se diferencia da vida na cidade, o silêncio, o voo dos pássaros, os campos, as conversas na beira da estrada, os pequenos lotes de terra com seus currais¹⁷ anexos às casas, as cancelas¹⁸, os animais na frente das casas, enfim, a paisagem do campo se configura nesse cenário de vida. Consegui viajar no tempo e reencontrar a infância campesina! Nesse contexto, pode-se considerar uma aproximação um pouco “maior” com essa infância campesina. Durante as viagens conseguia perceber as dificuldades enfrentadas na lida com a terra, homens e mulheres trabalhando sob um sol que aquecia de forma intensa provocando um calor quase que insuportável! E assim, permaneci por um longo período vivenciando estes fazeres e saberes de homens, mulheres e crianças residentes em comunidades rurais.

Os capítulos que seguem pretendem dar continuidade e aprofundar as reflexões a partir do objeto de estudo - a infância do campo -, procurando dialogar com os trabalhos oriundos dos projetos de pesquisa antes referidos, que apresentam um olhar para o campo pesquisado à luz do cotidiano das crianças, através de seus saberes e fazeres.

O Capítulo I apresenta basicamente a trajetória teórico/metodológica definida pelos principais autores, buscando contribuir de maneira significativa para o saber investigativo. Aborda-se a história social da infância, através dos estudos de Ariès (1978), Priore (2006), Heller (1970), Azanha (2011) e Corsaro (2011), entre outros.

No Capítulo II, dialoga-se com as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo - DOEBC (Resolução CNE/CEB nº 1/2002) e, mais especificamente, com a educação da infância e a história da criação da escola do Assentamento, à luz dos trabalhos

¹⁶ No momento, esses sujeitos representam a grande maioria das famílias da Escola do Assentamento.

¹⁷ Espaço cercado que geralmente é construído ao lado das casas para o recolhimento dos animais.

¹⁸ Construídas de madeira, servem como controle de acesso aos lotes.

de Silva, Pasuch e Silva (2012), Foerst... [et al.] (2015), Silva, Silva e Martins (2013) e Barbosa ...[et al.] (2012), entre outros.

No Capítulo III, têm-se as histórias da infância segundo seus agentes e seus sujeitos. Abordam-se o cotidiano da infância e das práticas educativas através dos depoimentos e desenhos coletados ao longo da pesquisa empírica.

2. CAPÍTULO I - CRIANÇA E INFÂNCIA COMO CATEGORIAS EM CONSTRUÇÃO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: O COTIDIANO EM SUA TOTALIDADE, SINGULARIDADE E ESPECIFICIDADE

Imagem 3 : A Infância no Assentamento



Fonte: Arquivo de Pesquisa/29.11.2014

Rapaz, digo agora, desde que comecei a me entender por gente, eu já ia pra roça. Quando meu pai não tava, eu ia sozinho, é tanto que o povo perguntava: rapaz, o que você veio fazer o que aqui? Tinha dias que eu ia escondido, não vou mentir. Aí eu trabalhava um pouco no sol, descamisado. Aí meu pai pegava a camisa, fazia assim um ‘giraquinho’ e eu ficava na sombra da camisa, aí pegava no sono. Outras horas me acordava com aquele calor brabo, né. Minha infância toda vida foi gostar de trabalhar. Pelejava com carro de boi... (CORREIA, 55 anos data da entrevista)

Nos estudos de Silva, Pasuch e Silva (2012) acerca de projetos que discutem as infâncias camponesas, tem-se uma reflexão sobre a cultura do campo e da infância nessas comunidades:

Os movimentos sociais lutam para construir um projeto de campo e de sociedade que inclua o modo de vida camponês [...] na experiência familiar, vi diferentes configurações. Crianças com as mães, com os pais, padrinhos e com os avós. Não há crianças abandonadas no campo. Elas não perambulam pelas estradas, nem dormem ao relento. Há sempre um grupo que acolhe, protege, cuida, alimenta e orienta (SILVA, PASUCH e SILVA, 2012, p. 10-11).

A infância camponesa se configura no cotidiano das crianças que dividem seus espaços e partilham suas experiências. Elas não são abandonadas, todos são responsáveis pelo sustento, pelo cuidado, pelas brincadeiras. Trata-se, enfim, de relações de vizinhança que proporcionam o olhar para a vida do outro.

Uma educação “do” e “no” campo vem se constituindo através da luta dos movimentos sociais e sindicais que entendem a educação na perspectiva da valorização da cultura e da identidade das comunidades nas quais a vida se configura.

A escola “do” e “no” campo surge na perspectiva de uma instituição escolar que não esteja submetida ao projeto pedagógico da escola urbana. Ainda de acordo com Silva, Pasuch e Silva (2012), essa discussão sobre a escola “do” e “no” campo surge na perspectiva de um projeto político-pedagógico que contextualize esse campo repleto de saberes:

A Educação do Campo entendida como direito nos marcos da equidade, o que inclui a justiça social e o reconhecimento das especificidades, rejeita a imposição de um modelo educacional e pedagógico que nega as culturas, os saberes e os modos de produção de vida das populações do campo (SILVA, PASUCH e SILVA, 2012, p. 59).

No ano de 2010, a professora Rita de Cássia Freitas Coelho, então Coordenadora de Educação Infantil do Ministério da Educação (COEDI/SEB/MEC), convidou as pesquisadoras Ana Paula Silva e Jaqueline Pasuch, ambas envolvidas nos estudos sobre a infância na perspectiva do direito a ter direitos, para que coordenassem os trabalhos de elaboração das Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Campo (SILVA, PASUCH e SILVA, 2012). As pesquisadoras reuniram profissionais dos dois segmentos, Educação Infantil e

Educação do Campo, e representantes dos movimentos sociais com o objetivo principal de “pautar a Educação Infantil para as crianças das áreas rurais brasileiras” (SILVA, PASUCH e SILVA, 2012, p. 30).

Nesse âmbito, tem-se, nos anos de 2010 e 2011, o I e II Seminário Nacional de Educação Infantil do Campo, ambos realizados em Brasília sob a coordenação Ministério da Educação. No ano de 2010, o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, através do Censo Demográfico, recenseou 19,6 milhões de crianças na faixa etária de 0 a 6 anos.

Tabela 1: Crianças de 0 a 6 anos - por Faixas Etárias e Situação do Domicílio

Faixas Etárias	Situação do domicílio		Totais
	Urbano	Rural	
0 a 3 anos	8.984.571	1.954.294	10.938.867
4 e 5 anos	4.715.286	1.086.270	5.801.556
6 anos	2.344.948	546.646	2.891.596
Totais	16.044.805	3.587.210	19.632.019

Fonte: portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&tas

Nesse movimento por uma Educação do Campo que possa garantir a oferta de escolas para as populações camponesas, integra-se o MIEIB¹⁹ – Movimento Interfóruns de Educação Infantil no Brasil, que, entre suas abordagens e encaminhamentos junto aos órgãos competentes na luta pelo direito à educação das crianças, se posiciona de maneira contundente na defesa da educação infantil do e no campo.

Nessa luta, os movimentos sociais possuem relevância significativa quando tentam firmar-se no cenário educacional, em busca do direito à memória, valores, linguagens e culturas, enfim o direito de reconhecer-se num contexto histórico, social e cultural. A busca do reconhecimento dos grupos sociais, que, muitas vezes foram esquecidos no âmbito das políticas

¹⁹O MIEIB – Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil – criado em 1999, após articulações entre diversos setores da sociedade brasileira e a mobilização de pessoas e instituições do campo educacional, tem como principal objetivo promover mobilização e articulação nacional no campo da educação infantil junto aos organismos responsáveis ou representativos do setor no plano nacional: - divulgar para a sociedade brasileira uma concepção de educação infantil comprometida com os direitos fundamentais das crianças e com a consciência coletiva sobre a importância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento do ser humano.

públicas, se apresenta nas pesquisas do sociólogo Arroyo (2013), o qual, ao falar dos movimentos sociais, argumenta:

Este reconhecimento dos outros educandos que chegam às escolas públicas é nuclear nessas propostas. Reconhecer que em nossa história social, política e cultural foram subalternizados como irracionais, primitivos, à margem da história intelectual, ética cultural. Mas trazendo uma disputa da história de resistências e de afirmações de serem sujeitos de culturas, valores, identidades, memórias, conhecimentos que ao menos a escola pública e as políticas públicas deveriam reconhecer, assumir e incorporar nos currículos (ARROYO, 2013, p. 31).

É essa a luta daqueles que entendem ser o professor e a escola construtores de um espaço de subjetividades e de valorização do ser humano, a partir de sua relação histórico-cultural entre educandos e educadores. Será preciso não apenas uma mudança nos projetos de educação infantil enquanto proposta técnica e pedagógica, mas também uma mudança de concepções elucidativas sobre a diversidade de infâncias na contemporaneidade e as implicações dessa clareza conceitual por parte dos docentes que atuam na educação da infância.

Por essa razão e pela necessidade de se buscar uma análise abrangente da realidade estudada, busquei, nos estudos do historiador Philippe Ariès (1978), *História Social da Criança e da Família*, os conceitos teóricos e significados históricos que se têm constituídos em relação à criança e à infância em diferentes períodos. Essa obra foi um marco na emergência da infância como categoria conceitual correspondente à temporalidade humana, com suas características e especificidades típicas de um ser que se inicia num mundo pronto e organizado por adultos. Por um longo período tem-se uma criança invisível, “[...] o respeito devido às crianças era algo totalmente ignorado. Os adultos se permitiam tudo diante delas; linguagem grosseira, ações e situações escabrosas; eles ouviam e viam tudo” (ARIES, 1978, p. 128). A emergência da categoria infância aciona uma série de discussões a respeito das características e peculiaridades biológicas, cognitivas e psicológicas da criança na sociedade moderna. Em nosso país, especialmente aquelas pertencentes às famílias com menor poder aquisitivo, as crianças vêm sendo objeto de estudo nos diversos trabalhos desenvolvidos no campo das pesquisas educacionais. O trabalho de Del Priore faz um estudo sobre a *História das crianças no Brasil*. Em seu artigo intitulado “*O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império*”, ela aborda essa temática, afirmando:

Há pouquíssimas palavras para definir a criança no passado. Sobretudo no passado marcado pela tremenda instabilidade e a permanente mobilidade populacional dos primeiros séculos da colonização. “Meúdos”, “ingênuos”, “infantes” são expressões com as quais nos deparamos nos documentos referentes à vida social na América portuguesa. O certo é que, na mentalidade coletiva, a infância era, então, um tempo

sem maior personalidade, um momento de transição e porque não dizer uma esperança (PRIORE, 2006, p. 84).

Tem-se, então, a infância em diferentes perspectivas históricas, poder-se-ia identificar e refletir sobre a infância escrava, indígena, burguesa e real, entre outros. A infância escrava poderia ser considerada um tempo de total abandono e invisibilidade, uma infância invisível, onde os pequenos com idades entre sete para oito anos tornavam-se aprendizes do trabalho. Mattoso (1988), em seus trabalhos sobre a infância escrava no Brasil, tentou compreender o que é ser criança para um escravo, em que condições e em que tempo ele viveu? O texto de Del Priore “O menino que queria ser rei” vem falar de uma perspectiva histórica nesse mesmo período, configurando uma criança da família real portuguesa em nosso país, uma infância que se diferenciava da infância escrava. Essa discussão sobre a história social da infância no Brasil é pontuada por divisões históricas que produziram diferentes discursos. Martins (1990) registra a questão da infância no Brasil, nos seguintes termos:

Os discursos que se voltaram às crianças foram proferidos por muitas Instituições e a responsabilidade de cuidar desta questão passou por muitas “mãos”: Jesuítas, senhores; Câmaras Municipais, Senados e Casas de Misericórdia; asilos/orfanatos, higienistas e filantropos; tribunais e polícia; patrões; família; Juízes de menores; e sociedade civil (MARTINS, 1990, p. 15).

Esses diferentes discursos históricos da infância são relevantes para a compreensão de todo seu processo histórico, cultural e social.

É possível afirmar que, por longo período da história, essa infância era invisível. No entanto, é sabido que a infância continua a ser discutida na pedagogia e nas ciências sociais, onde vários conceitos a definem. Por isso é importante discutir de que infância se está tratando. Tem-se em Sarmento (2001) essa invisibilidade da infância uma vez que, apesar da garantia de seus direitos firmados na legislação, ela permanece invisível, “não é de ausência política que se trata, mas de invisibilização na cena pública” (SARMENTO, 2001, p. 38). No Brasil, essa questão é pertinente, na medida em que se observa essa ausência e invisibilidade nas diferentes infâncias de nosso país, especialmente em termos de classes sociais e etnias.

Phillipe Ariès (1978) e Del Priore (2006) foram fundamentais na construção teórica da pesquisa, foram apropriados, no entanto, alguns conceitos teóricos que definem a infância e a criança em outros campos do conhecimento das Ciências Humanas.

Segundo o sociólogo Corsaro (2011), até muito recentemente havia uma total ausência de estudos sociológicos sobre a infância, cenário que se vem modificando em razão do número

significativo de pesquisas e estudos em curso. O sociólogo afirma que os estudos sociológicos sobre a infância foram influenciados pela teoria da psicologia do desenvolvimento, que inicia seus estudos na perspectiva da criança como um sujeito ativo que passa a construir sua interpretação com relação ao mundo. Corsaro refere a teoria do desenvolvimento intelectual, do psicólogo Jean Piaget, como o melhor representante dessa abordagem da criança enquanto um sujeito ativo. Em Vygotsky, tem-se a teoria sociocultural do desenvolvimento humano que, assim como Piaget, pensa a criança como um ser ativo, entretanto, segundo Corsaro, a teoria Vygotskiana afirma que o desenvolvimento da criança está ligado às ações culturais e sociais que acontecem em seu cotidiano, através das relações coletivas existentes na sociedade.

As teorias sociais da infância de Vygotsky e Piaget influenciaram os estudos de Corsaro (2011), que questionou essa visão linear no processo de desenvolvimento da criança apresentando um *modelo de teia global*, “este modelo incluía reprodução interpretativa como um espiral em que as crianças produzem e participam de uma série de culturas de pares incorporadas” (ibidem, 2011, p. 37). Essas teorias surgiram na perspectiva de se pensar a criança e a infância na sociedade, sua cultura de pares se configura através das relações que se estabelecem em seu contexto histórico, cultural e social.

Para que pudesse refletir sobre a criança, infância e educação do campo, bem como o cotidiano dessas populações, foram consideradas também revisões e análises da literatura realizadas em resumos de teses e dissertações publicadas no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES nas últimas duas décadas.

Na escolha das palavras chave, foram considerados os trabalhos realizados a partir da concepção de criança, infância e educação infantil no campo. No primeiro levantamento, utilizaram-se como palavras chave: Infância, Criança e Educação Infantil, tomando como área do conhecimento a educação. Foram encontrados 185 registros de resumos. Para o segundo levantamento, as palavras-chave foram: criança, infância e educação do campo. Para essa pesquisa apareceram 117 registros. No terceiro levantamento dos dados, utilizaram-se as palavras-chave: criança, infância, educação infantil e educação infantil do campo e foram encontrados 69 registros. Dentre as teses e dissertações selecionadas e lidas, destacam-se algumas como relevantes no desenvolvimento deste estudo.

Sobre a infância na perspectiva histórica, a tese de Molina (2005), “A produção de dissertações e teses sobre a infância na pós-graduação em Educação no Brasil de 1987 a 2005:

aspectos históricos e metodológicos”, contribuiu para estudo detalhado sobre a produção de pesquisas da infância nesse período. O autor afirma que a “preocupação com a infância tem se multiplicado nas últimas décadas tanto no Brasil, como no mundo” (2005, p. 15). Seu trabalho aponta a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES como tendo “importante papel na difusão e no fortalecimento da pós-graduação *stricto sensu* - mestrado e doutorado - em todos os estados brasileiros”.

Na perspectiva da criança, da infância e seu cotidiano, a tese de doutorado de Araújo (1996) realiza uma discussão sobre a infância e a compreensão da realidade infantil em sua dimensão sócio-histórica. Seu trabalho aponta a “exclusão da criança como sujeito nas relações sociais” (1996, p. 16). Em 2011, a tese de doutorado de Dias (2011), “A infância registrada nos muros da escola: um convite ao olhar”, tem como tema a relação infância, arte e educação, focalizando a produção de desenhos de crianças e os significados por elas atribuídos. Seguindo na análise da criança e da infância, a tese de Finco (2000) “Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola”, define as categorias infância, educação infantil, brincadeira e as relações de gênero e aponta as manifestações das crianças com relação ao gênero, buscando respeitar sua identidade.

No ano de 2012, a dissertação de Gonçalves (2012), “Diálogos sobre a história social da infância e o reconhecimento da criança como sujeito de direitos pelo estatuto da criança e do adolescente”, estuda os discursos da infância na contemporaneidade, tendo como objetivo analisar os discursos jurídicos e políticos que se constituíram em torno da categoria infância.

Sobre a história da criança sem-terra, tem-se, em 2013, a dissertação Barros (2013), “Os sem terrinha: uma história da luta social no Brasil (1981-2012)”, que aponta, “uma particular violência contra as crianças, quando os acampamentos da reforma agrária afirmam um novo território da luta social” (2013, p. 18). Esse trabalho contribuiu para o estudo do MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, a vida das crianças no Assentamento e a vida das crianças sem-terra no Brasil.

Em 2011, a dissertação de Silva faz um estudo sobre uma comunidade tradicional remanescente de quilombo do Vale do Ribeira, município de Eldorado-SP. Seu principal objetivo foi estudar a proposta pedagógica diferenciada da escola, uma conquista dos movimentos sociais na busca da valorização de sua cultura.

Em 2012, na Universidade de São Paulo (USP), Bezzon desenvolve dissertação sobre a educação infantil do campo, tendo como título “Crianças assentadas e educação Infantil do/no campo: contextos e significações”. O principal objetivo desse trabalho foi “compreender as vivências das crianças nas turmas de educação infantil em assentamentos rurais e analisar as significações sobre a educação infantil do/no campo”.

O trabalho de Carvalho (2011), intitulado “Participação Infantil: reflexões a partir da escuta de crianças de assentamento rural e de periferia urbana” analisa a participação infantil como importante área de investigação, buscando discutir a relevância da inserção das crianças em seu cotidiano.

Através dos projetos de pesquisa mencionados no início da Introdução e da relação de pertencimento e aproximação da autora deste trabalho com os espaços campestinos, apresenta-se o percurso histórico da criança e da infância em seu cotidiano, evidenciando o objeto de pesquisa: infância do campo.

Para entender como se configura o cotidiano e a história da infância, procedeu-se à apropriação dos estudos de Agnes Heller (1970), que consideram o cotidiano na perspectiva da vida em sua integralidade, inserida em um contexto que envolve a individualidade, os sentidos, as capacidades intelectuais e os sentimentos de um homem que não escolheu estar em um determinado tempo e espaço, mas foi simplesmente neles inserido, apropriando-se, de forma individual, singular e subjetiva, desses espaços que configuram o cotidiano da vida humana.

Vida cotidiana é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade, nela colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. [...] O homem da contidianeidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade (HELLER, 1970, p. 17-18).

Ao estudar a estrutura da vida cotidiana e sua história, Heller afirma que a “história é a substância da sociedade”, pois nela vivemos e construímos, através da experiência, da continuidade e da heterogeneidade de acontecimentos, valores que são nosso cotidiano e nossa história. Somos, portanto, a fonte viva de nossa história.

Nesse contexto, há que se concordar com Heller (1970, p. 36), quando afirma que a vida do homem se constitui a partir do individual e do genérico. Cada homem é testemunho vivo

dessa história que se configura no cotidiano do tempo presente, testemunho de si e do outro, vivendo intensamente a subjetividade. No entanto, é preciso compreender que não se tem tempo de viver intensamente todas as experiências que se apresentam no dia a dia. O viver exige estar-se imerso e ao mesmo tempo impossibilitado de viver intensamente todas as emoções que se apresentam no tempo e no espaço diário de nossas vidas.

Essa inserção na história do cotidiano, que se apresenta no emaranhado de sentimentos e experiências do espaço vivo da história, se configura no campo de pesquisa na perspectiva do cotidiano no sentido de “apreender as relações que revelam significados entre ações e objetos em termos de intencionalidade” (AZANHA, 2011, p. 87). No caso da presente pesquisa, os testemunhos diretos se dão na perspectiva da história social da infância e da criança inseridos no cotidiano que se constitui de forma heterogênea entre a diversidade dos saberes e fazeres no tempo e no espaço da infância campesina.

Nesse sentido, tem-se a infância e a criança inseridas no contexto da vida cotidiana de uma comunidade tradicional rural, integrada às relações familiares e de seu grupo social, em que, de modo geral, os adultos zelam pelas crianças (SILVA, SILVA e MARTINS 2012, p. 10-11). Do mesmo modo, no contexto campesino, brincar, brinquedos (especialmente os artesanais e objetos triviais), educação escolar e trabalho são elementos presentes que compõem o cotidiano das crianças no processo de socialização entre os pares e entre elas e os adultos.

Ao tratar teórica e empiricamente o tema da infância admitindo toda a sua diversidade, é necessário constituir um movimento que transita entre a totalidade, a especificidade e a singularidade, entendendo-se que a totalidade não consiste em apreensão exaustiva de todos os aspectos que envolvem o cotidiano, tarefa inglória para qualquer pesquisador. Apreende-se aqui a ideia de totalidade discutida por Azanha (2011, p. 74) cuja possibilidade de totalidade se revela em suas partes. Segundo esse autor,

[...] o essencial é saber orientar o processo do conhecimento em face da multiplicidade desorientante de aspectos da vida cotidiana de modo a encontrar o fio que estabelece a ligação e continuidade entre eles e permite a compreensão daquilo que na aparência é um caos empírico (AZANHA, 2011, p. 74).

Esse mesmo autor adverte que a totalidade não é fruto da inserção empírica do pesquisador na vida cotidiana, mas, antes, fruto de operações conceituais como instrumentos cognitivos que permitem o movimento entre a totalidade, a especificidade e a singularidade. Dos últimos conceitos, entende-se a especificidade como contexto da vida cotidiana, no caso

presente, as comunidades tradicionais rurais. Singularidade são as concepções dos sujeitos que constitui a sua individualidade em seu grupo social. A pretensão dos dados coletados é articular essas dimensões nas constantes tensões, conflitos e contradições existentes no tempo presente da educação das crianças do Assentamento.

Nesse movimento, recupera-se, em Ariès (1978), a noção de que a concepção de infância na sociedade ocidental passa a ser pensada como categoria que atribui períodos diferenciados às crianças. Ainda na fronteira entre a Idade Média e a Idade Moderna, a criança era vista como *um adulto em miniatura*, modificando-se essa característica a partir do século XVIII, quando as crianças passam a exigir cuidados especiais. Para Ariès, elas passam a ser “paparicadas”, embora alguns pesquisadores discordem desses estudos, por considerarem suas fontes terem sido desenvolvidas a partir de determinada classe social francesa, com preterição de crianças de classes menos favorecidas.

Apesar da constituição de um comportamento de trato infantil das crianças, elas eram, ainda assim, socializadas na comunidade de forma coletiva, nas ruas, entre os adultos, onde transitavam absorvendo, sem filtro, os valores, regras e normas dos adultos. A rua era palco de ações estratégicas de sobrevivência. Esse cotidiano ainda não permitia a privacidade das famílias, “o movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. Nessas existências densas, coletivas, não havia lugar para um setor privado” (ARIÈS, 1978, p. 346). A criança crescia e se desenvolvia no espaço público, não como obra da família, mas obra de uma coletividade. Os rituais e os espaços de aprendizagem eram coletivos, fato este que remete à infância campesina que, diferentemente da infância da cidade, possui essa característica com relação aos seus espaços de vida. As práticas sociais das crianças do campo se caracterizam como produto de uma coletividade, dividindo seus espaços com seus pares, tanto na comunidade como nas residências das famílias.

Ariès (1978) buscou identificar certas categorias históricas da infância, situando-as como produto da história moderna. Para o autor, o conceito de infância se dá a partir do mercantilismo, quando se alteram os sentimentos e as relações frente à infância, modificando a própria estrutura social.

A partir do século XV, a Europa inicia processo de conquista de novos mundos na busca de riquezas e ampliação dos territórios. Há uma mudança para as crianças economicamente

favorecidas que necessitam da escola para sua formação. Para as crianças pobres o trabalho é a forma de seu treinamento, de sua educação; na perspectiva ideológica desse tempo, a criança assim seria afastada dos riscos da rua, da delinquência, pois estaria submetida a valores e princípios morais que contribuiriam para sua inserção social.

Para iniciar uma trajetória histórica da ideia de infância, torna-se necessário delinear melhor os conceitos que caracterizam criança e infância, buscando refletir sobre a construção e delimitação de tais conceitos. A concepção de infância como categoria construída histórica e socialmente é fruto da dinâmica das relações sociais nas quais as crianças exercem papel ativo enquanto atores sociais.

Sabemos que a infância não se constitui enquanto categoria única, a discussão dessa categoria é ampla e abordada nos diversos campos de pesquisa. Muller (2010) argumenta que,

conceitualmente, a infância não é uma categoria única, mas universal e singular ao mesmo tempo. Essa universalidade foi oficialmente garantida por políticas internacionais, como a Declaração dos Direitos da Criança, que certamente apresentaram avanços para um período histórico do pós-guerra. Em nome dos direitos universais, a infância é normalizada e o conceito ocidental de uma infância ideal é legitimado. [...] Por outro lado, através de suas experiências, as crianças singularizam as suas infâncias, porque, como seres ativos, elas buscam fazer o que desejam. Ambos, os movimentos de universalização e de singularização da infância, podem ser observados por intermédio da ação das crianças (MULLER, 2010, p. 15).

A ideia de infância como categoria universal e, ao mesmo tempo, singular vem contribuir para esta pesquisa no sentido de entender a ação das crianças do Assentamento em seu cotidiano campesino, mais especificamente a infância do campo e suas interfaces. Sobre a infância e a contemporaneidade, a autora aponta a necessidade de estudos teórico-metodológicos através de abordagens diversificadas no sentido de que o estudo da infância não se insere em uma única linha teórica e que é necessário interdisciplinaridade para poder dar conta da complexidade da infância contemporânea. Assim como Muller (2010), o sociólogo Corsaro (2010) entende que a infância não é uma categoria única e aponta a infância como uma forma estrutural, um período socialmente construído em que as crianças vivem suas vidas. Segundo esse autor,

para as próprias crianças, a infância é um período temporário, por outro lado, para a sociedade, a infância é uma forma estrutural permanente ou categoria que nunca desaparece, embora seus membros mudem continuamente e sua natureza e concepção variem historicamente (CORSARO, 2010, p. 15).

A infância, categoria que muda continuamente no cotidiano da história, se apresenta nos estudos da historiadora Del Priore (2006) como diversidade histórico-cultural. Seus estudos

sobre a história social da infância no Brasil apresentam uma infância pobre, marginalizada, composta por sujeitos que não se diferenciavam dos adultos, principalmente em relação ao trabalho, desprovidos de qualquer possibilidade de *paparicação*. O trabalho de Del Priore (2006) dialoga com o de Ariès, quando questiona e pesquisa a situação da criança com responsabilidade de um adulto em um corpo infantil.

[...] Se por um lado foram poucas as crianças embarcadas nas naus quinhentistas rumo ao Brasil, por outro lado, a mão de obra infantil, em substituição a adulta, tornou-se indispensável a epopeia marítima. Neste sentido, seriam os grumetes e pagens considerados crianças ou eram vistos como adultos em seus corpos infantis? (PRIORE, 2006, p. 49).

A autora questiona essa criança submetida a uma vida adulta. Nessa perspectiva, a infância pobre no Brasil possui uma história social que compreende um adulto em corpo infantil. Entre as muitas infâncias, não se pode deixar de referir a infância escrava, também incluída nesse contexto. Os trabalhos de Kátia Mattoso (1999) sobre os últimos 30 anos da escravidão no Brasil têm como principal objetivo identificar em qual idade a criança passa a ser escrava e o que é a infância para um escravo. Seus estudos identificam um período infantil escravo entre os sete e oito anos de idade. Relata essa autora:

Regra geral, as idades da vida correspondem às categorias da infância, adolescência, idade adulta e velhice, são as mesmas para a população livre e para a população escrava. Há, porém, entre uma e outra uma diferença de monta, ligada à função social desempenhada por cada uma dessas categorias de idade: a idade branca livre e até mesmo a criança de cor livre podem ter seu prazo de ingresso na vida protelado, enquanto a criança escrava, que tenha atingido certa idade, entra compulsoriamente no mundo do trabalho. Há, pois, um certo momento em que o filho da escrava deixa de ser a criança negra ou mestiça irresponsável para tornar-se uma força de trabalho para os donos. Através de documentos que conhecemos, e particularmente os testamentos e inventários, parece que podemos logo distinguir duas idades de infância para os escravos: de zero aos sete para oito anos até os doze anos de idade os jovens escravos deixam de ser crianças para entrar no mundo dos adultos [...] (MATTOSO, 1999, p. 39).

A partir dessa fase, as crianças deixavam as brincadeiras e passavam para condição de aprendizes, ideia derivada de concepção da igreja católica, que atribuía à idade de sete anos o ingresso no uso da razão. Por outro lado, o texto *O Príncipe Maldito*, de Del Priore (2006) tem como temática central a infância, a severidade e a afetividade. Nesse trabalho, a autora apresenta uma sociedade que entendia precisar a criança ser moldada, permanecendo ideia de criança enquanto adulto em miniatura para as crianças da nobreza.

Tomando por base a infância e sua construção histórico-social, o trabalho de Araújo (1996), “Criança: do reino da necessidade ao reino da liberdade”, apresenta uma discussão sobre a organização do trabalho e a infância nas sociedades capitalistas. A partir da perspectiva

do materialismo histórico e dialético, a sociedade capitalista vem produzir uma concepção que negligencia a infância. Molina (2011) depõe sobre os da pesquisadora:

Por essa razão, ela esclarece que as questões discutidas em seu trabalho buscam denunciar a expropriação da criança como sujeito nas relações sociais, em uma sociedade sustentada pela divisão do trabalho, pelo consumo e pelo modo de produção capitalista. Para ela, é necessário criar um estado de vida que supere as necessidades e que se configure na liberdade e na conquista do desenvolvimento das forças humanas e espirituais (MOLINA, 2011, p. 239).

O título de seu trabalho compreende um campo de discussão sobre a infância pobre em países capitalistas. Propondo reflexão sobre a necessidade da liberdade, a autora discute ideologia que se configura através da lógica capitalista,

[...] a ideologia tem procurado ampliar seu campo de ação em direção à criação de seres expropriados de sua essência humana, ela introduz uma concepção de criança com inúmeros elementos conceituais que transferem a lógica capitalista do padrão em relação ao empregado à lógica do adulto em relação à criança. Assim, da mesma forma que a classe dominante impede que os trabalhados se definam como homens, mas apenas como seres produtivos, o adulto imbuído dos preceitos capitalistas impede que a criança viva sua infância em várias instâncias da sociedade (ARAÚJO, 1996, p. 27).

Essa ideologia vai produzir uma cultura que negligencia o lúdico como forma de expressão e desenvolvimento da infância, condição essencial para a “liberdade” de construir sua identidade, sua imaginação, sua cognição e, sobretudo, assimilar o mundo pronto dos adultos conforme suas concepções.

Tem-se, portanto, uma infância contemporânea em que ainda habita o adulto nos corpos infantis, fato evidenciado, em outras manifestações, na presença precoce dos estereótipos de gênero, no apelo sexual, na exigência da comprovação da masculinidade e na, especialmente para as meninas, oferta de vestimentas de uma jovem mulher. Por outro lado, como afirma Araújo (1996), as crianças das classes menos favorecidas assumem responsabilidades de adultos frente ao trabalho, seja na intenção de ajuda aos pais, seja na exploração de seu potencial de trabalho por empresas capitalistas na forma de trabalho informal. Outro elemento que identifica a antecipação da vida adulta é a demasiada preocupação a desenvolver atividades a partir da perspectiva de preparação para o seu futuro, ou seja, a necessidade de pensar nossas crianças na perspectiva de que serão futuros adultos e que, portanto, necessitam ser manipulados, educados para compor o sujeito que vai possuir habilidades e conhecimentos que servirão de base para a construção possível sucesso pessoal e profissional. Muitos ainda questionam: o que vai ser quando crescer? Como pode uma criança pequena pensar um amanhã, quando ela pensa e vive seu presente e quando só com bem vivido haverá chance de um bom

futuro? A criança simplesmente quer viver o tempo presente, ela quer brincar, correr, pular, cantar, dançar... Enfim ela quer simplesmente ser criança!

Os questionamentos e reflexões sobre a infância exarados neste trabalho surgem a partir do olhar a infância e compreender que, assim como nós, adultos, as crianças precisam vivenciar e construir a sua história, isto é, reconhecer que somos protagonistas. Seguindo essa linha de análise sobre a história e o tempo presente, tem-se em Chesneaux (1995) que “[...] se o passado conta, é pelo que significa para nós. Ele é o produto de nossa memória coletiva, é o seu tecido fundamental” (p. 22). O autor convida a uma reflexão crítica sobre a história e os historiadores no sentido de que a história deveria produzir conhecimento, ser um instrumento que deveria ser aproveitado pela sociedade para promover mudanças políticas e sociais.

2.1. Criança, Infância e Educação do Campo

A criança e a infância se apresentam neste texto enquanto protagonistas a partir de seu contexto social, que envolve a escola, a família e a comunidade, campos de estudo constituídos por diferentes aspectos teóricos e metodológicos.

Através da história do cotidiano da infância campestre, que se explicita nos depoimentos dos adultos e, especialmente, das crianças, desejamos dialogar teoricamente com os diversos trabalhos que discutem o tema, no intuito de compreender a infância do campo e toda a sua história, que se constitui no cotidiano da escola do campo.

Desejamos olhar essas instituições públicas, muitas vezes esquecidas pelos governantes, não como as vê a diretora que atende crianças do campo quando afirma “[...] não tenho conhecimento destes trabalhos sobre as crianças do campo porque o currículo é igual” (D. ILMA, 55 Anos, Entrevista 10/02/2015), ou seja, à luz de uma pedagogia em que a criança não é compreendida nem em sua singularidade e, muito menos, em seu contexto histórico, social e cultural.

Sabe-se que, desde o ano de 2003, o Movimento dos Trabalhadores Rurais – MST iniciou a produção de materiais para formação de lideranças sindicais em educação infantil do campo. Nesse contexto, criaram-se duas importantes cartilhas: Cartilha Semeando Sonhos, Cultivando Direitos e a Cartilha sobre as Diretrizes Operacionais para Educação Básica das

Escolas do Campo, escritas pela professora Dra. Maria do Socorro Silva (2011)²⁰, sob a coordenação da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura - CONTAG.

No âmbito dessa iniciativa, surge o debate sobre o rural x urbano, que não se configura enquanto dimensão geográfica, mas de pertencimento. Seria preciso compreender o que é o campo e o que significa a escola do campo; buscar um modelo que se diferencie da escola urbana, totalmente descontextualizada; compreender seu modo de vida, a dinâmica do trabalho, seus vínculos de pertencimento.

No entendimento de (Silva, Silva e Martins, 2013), crianças assentadas e acampadas da reforma agrária, quilombolas, ribeirinhas, caiçaras, de comunidades de fundo de pasto, pantaneiras, crianças da floresta, por exemplo, vivem relações sociais, identitárias e com o ambiente construído e natural de formas diferenciadas, compondo assim possibilidades que, se olhadas de perto, recortam e estruturam sentidos particulares de existência, de possibilidade de ação no mundo, de constituição e expressividade de si, por meio de diferentes linguagens.

Retomando as discussões sobre a infância e dialogando com outros campos da pesquisa, não se pode deixar de considerar as contribuições do sociólogo Florestan Fernandes (2004) no início na década de 1940, quando o autor realiza seu trabalho etnográfico com crianças, em seus espaços de vida, em um bairro operário no município de São Paulo. Confessa o sociólogo:

Eu nunca seria o sociólogo que me converti sem o meu passado e sem a socialização pré e extraescolar que recebi, através das duras lições da vida. (...) iniciei a minha aprendizagem “sociológica” aos seis anos, quando precisei ganhar a vida como se fosse um adulto e penetrei, pelas vias da experiência concreta, no conhecimento do que é a convivência humana e a sociedade... (FLORESTAN, 2004, p. 142).

Suas vivências e experiências no mundo infantil contribuíram significativamente para os estudos dos grupos infantis e suas brincadeiras. Em “As trocinhas do Bom Retiro” (2004), o autor critica a compreensão de que as crianças apenas imitam os adultos. Para o sociólogo, além de reproduzir a cultura adulta, é através das brincadeiras que as crianças reproduzem, mas também interpretam a cultura adulta.

Nessa perspectiva, a partir da década de 1970, nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, o sociólogo Willian Corsaro (2001) desenvolve suas pesquisas etnográficas com crianças. Seus trabalhos foram pioneiros entre os sociólogos, seu modelo de “teia circular”

²⁰ Professora da Universidade Federal de Campina Grande

serve para substituir os estágios no desenvolvimento das crianças, servindo como modelo para diferenciar as abordagens das teorias do desenvolvimento individual das crianças. Segundo o autor, as crianças reproduzem e interpretam a cultura adulta.

Esses estudos teórico-metodológicos revelam a necessidade de se compreenderem os processos de desenvolvimento desses sujeitos de direito e produtores de cultura, por meio da compreensão de seus espaços de vida. Nessa perspectiva, pretende-se, a partir desta breve reflexão sobre a história social da criança, estabelecer diálogo mais sistemático com as discussões sobre a infância do/no campo e suas reivindicações através dos movimentos sociais e dos grupos de pesquisa que analisam essa categoria.

A Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente partem do entendimento de que as crianças, enquanto seres humanos em desenvolvimento psicológico, moral e cívico, necessitam de atenção que lhes garanta cidadania plena.

A Educação do Campo traz uma nova proposta pedagógica para esses sujeitos, articulando a escola, o trabalho, a família e a comunidade. Essa nova forma de olhar e pensar o campo como lugar de vida está presente nas pesquisas realizadas por SILVA, SILVA e MARTINS (2013).

Os movimentos sociais lutam para construir um projeto de campo e de sociedade que inclua o modo de vida camponês. São heterogêneos os assentamentos, suas histórias e culturas e seus movimentos e, portanto, suas infâncias, mas é importante ressaltar que a experiência das crianças do MST, na Ciranda Infantil e no Encontro do Sem Terrinha, se mostra formadora de infâncias que exercitam, desde os anos iniciais, o aprendizado de vivência coletiva, da luta por direitos, do exercício da autonomia e do prazer e da alegria de ser criança (SILVA, SILVA e MARTINS, 2013, p.13).

Nos espaços experimentados pelas pesquisadoras acima citadas, o movimento de luta por uma educação do e no campo está instalado e discutido. Entretanto, as concepções de infância e de escola relativas aos sujeitos do campo aqui pesquisados se misturam em meio ao trabalho e a vida cotidiana campestre. Para esses sujeitos a escola do Assentamento satisfaz as necessidades com relação ao ensino, na medida em que ela “existe”, está ali e “ensina as crianças”. Apesar da luta dos movimentos sociais por garantir uma escola que utilize e contextualize a vida do homem do campo, em muitos desses espaços essa concepção, como se

verá no próximo capítulo, não constitui ainda direito das crianças residentes em áreas localizadas no espaço rural.

3. CAPITULO II - INFÂNCIA DO CAMPO: A RELEVÂNCIA DA ESCOLA PARA O ASSENTAMENTO FORTALEZA

Imagem 4: Saída a Escola



Fonte: Arquivo de Pesquisa / 10.02.2014

Árvores, plantas, plantações, águas de rios, de chuvas e de nascentes, terra seca e molhada, preparada para o plantio ou em processo de brotamento das sementes, ventos calmos e intensos, sol da manhã, do meio dia e do entardecer, cheiros e escuta de barulhos dos animais, por serem valorizados pelas crianças e nos quais elas se sentem à vontade, poderiam ser apropriados também nas vivências das creches e pré-escolas, tornando-as um lugar agradável e instigante para a curiosidade das crianças. (SILVA, PASUCH e SILVA, 2012, p. 127)

A Constituição Federal, em seus artigos 205 e 208, estabelece que a escola é um direito da criança e um dever do Estado. A resolução nº 6/2010 do Conselho Nacional de Educação estabelece e define as Diretrizes Operacionais para a efetivação da matrícula na Educação Infantil e Ensino Fundamental. A gratuidade também aparece como um direito social dos trabalhadores urbanos e rurais. A LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 28, determina:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996).

A legislação macro para as populações camponesas se consolida através das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo (Resolução CNE/CEB nº 1/2002). Para Silva, Pasuch e Silva (2012, p.58), “as proposições e concepções apresentadas na Doebeck refletem o embate dos movimentos sociais ligados à luta pela terra como resposta à ausência de políticas educacionais voltadas ao campo”. A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) defende uma Educação Infantil de qualidade em espaços adequados, através de práticas pedagógicas que contextualizem a vida dos meninos e meninas do campo (SILVA, 2012).

Entretanto, conforme observações feitas, a escola do Assentamento se situa materialmente em sua localidade, embora o debate que qualifica a escola do campo como uma proposta integrada à forma de vida camponesa permaneça ausente. Vale analisar a fala de D. Iolanda²¹ quando ela afirma que a escola deve ensinar a contar, a ler e a escrever (Diário de campo, 10.02.2015), ou seja, cumprir a antiga função social da escola de primeiras letras. Ela afirma, também, que a escola é relevante, entretanto, ao falar sobre a proposta pedagógica do MST, deu a impressão de que as especificidades que constituem a escola do campo não foram discutidas entre o MST e os integrantes da Associação ao longo do processo de conquista da terra e consolidação de uma comunidade camponesa. Questão pertinente aos direitos da criança do campo se evidencia na época da colheita. Quando se iniciou a pesquisa no Assentamento, mais especificamente no mês agosto do ano de 2014, as crianças estavam ajudando suas famílias, pois era época da colheita do milho e do feijão. A professora reclamava a ausência dos alunos e sequer tinha conhecimento dessa questão do calendário escolar, que deve considerar a época da colheita. O Decreto nº 7.352/2010, que dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA, enuncia esse direito das populações do campo nos seguintes termos:

Art. 2º São princípios da educação do campo:

²¹D. Iolanda - Presidente da Associação dos Pequenos Agricultores do Assentamento Fortaleza, que teve sua fundação no ano de 1998.

I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;

II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;

III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo;

IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

V - controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo.

Apesar do não conhecimento da legislação que garante direitos às populações do campo e da omissão da escola do município em garantir esses direitos, a comunidade se organiza, luta pela terra, busca mecanismos de subsistência e constrói valores fundamentais em suas relações sociais.

A relação desse sujeito com a comunidade acontece a partir das relações que se estabelecem na medida em que ele é lançado nesse espaço ao nascer, quando tem início uma relação de pertencimento à comunidade, que vai formando sua identidade, sua individualidade, no pressuposto de que essa “escolha” é, de certa forma, relativamente autônoma (HELLER, 1970).

As relações que se estabelecem nesses espaços envolvem duas questões fundamentais: 1) o campo das lutas políticas e ideológicas é berço comum para as crenças campesinas e 2) em sua grande maioria, as crianças precisam adaptar-se ao cotidiano, muitas vezes abandonando a escola por questões que envolvem a subsistência das famílias que necessitam do trabalho das crianças. A partir dessa análise, pode-se compreender essa autonomia relativa que nos fala Heller²², afinal a criança não escolhe ser do campo, ela simplesmente o é. Assim, ao mesmo tempo em que se insere num campo de resistências políticas, contraditoriamente, se adapta às condições de vida e de educação frente à ausência de garantia de seus direitos.

Ao abordar o projeto político-pedagógico para as populações do campo, é importante considerar que a “luta pela escola começa com a luta pela terra” (CALDART, 1999, p. 219). A escola precisa constituir esse sujeito crítico e reflexivo capaz de contribuir para a sua formação

²² Ib. idem.

cultural e social dentro de um processo que exige um olhar para si, para a sua luta em busca da terra. A escola surge como ferramenta de formação humana e precisa estar inserida no contexto de luta que envolve as famílias e a comunidade. Sobre a escola do MST, Caldart apresenta uma escola em movimento,

A escola projetada pela pedagogia do movimento é, pois, uma escola em movimento: movimento de pedagogias, movimento de sujeitos humanos. E este movimento acontece em torno de duas referências básicas: ser um lugar de formação humana, no sentido mais universal desta tarefa; e olhar para o Movimento como sujeito educativo que precisa da escola para ajudar no cultivo da identidade Sem Terra, e na continuidade de seu projeto histórico. Quando é assim, cada uma das pequenas coisas que acontecem no dia a dia da escola passa a ter um outro sentido, não porque sejam coisas que nela nunca antes aconteciam (em alguns casos também isto), mas porque olhadas e feitas desde uma outra intencionalidade (CALDART, 1999, p. 220).

Como já evidenciado anteriormente, essas discussões ainda permanecem fora da proposta pedagógica da escola do Assentamento Fortaleza, embora o MST tenha contribuído de maneira significativa na constituição do Assentamento e da escola. A proposta pedagógica do MST se diferencia da proposta estabelecida pela escola, esta é uma discussão ampla, na medida em que se pensa uma escola para a valorização da vida humana, especialmente, quando se fala de uma escola que apresenta uma série de fatores que negligenciam os direitos das crianças, especialmente quando se considera uma sala com crianças em diferentes faixas e um currículo que ainda não reconhece esses sujeitos.

Azanha (2011) entende que a cotidianidade precisa ser estudada em suas múltiplas partes, incluindo especialmente a educação. Nesse sentido, se busca neste trabalho compreender o cotidiano da infância e escola do Assentamento, ou seja, chegar à compreensão do todo através do estudo das partes.

O principal objetivo deste Capítulo é apresentar a luta dos homens e mulheres, que hoje habitam o Assentamento Fortaleza, pela terra e pela escola, para avançar na compreensão do cotidiano da infância campesina.

3.1. Do Alto Bonito à Fazenda Fortaleza: assentados e acampados

Assentados e acampados! Percebe-se a alegria dessas pessoas quando afirmam um cotidiano que se configura na perspectiva de assentados. Acampados são aqueles que lutam pela terra, saem na busca incessante para se firmarem como assentados. As entrevistas revelam a situação do sem terra, seus enfrentamentos e suas lutas nestes. Ao entrevistar uma das mães

das crianças da pesquisa, ouviu-se o relato das dificuldades que enfrentaram durante a permanência nas fazendas. Depõe a entrevistada:

Trabalhava em uma roça ali numa fazenda de um homem em Santa Rosa. Aí a gente trabalhava nessa fazenda junto com ele, depois nós foi com ele enfrentar com os sem terra também. Viemos para aqui e foi muito difícil. A chegada até aqui eu não vi porque estava grávida, já tava com a barriga bem grande, inclusive teve tiroteio, enfrentaram o dono da fazenda, aí era perigoso pra mim e não deixaram eu vim, veio meu esposo e meu pai. Ai quando eu cheguei já estava tudo mais calmo. Aí também passou o que, uns seis meses, não passou um ano não. Começaram a fazer as casas, eu ganhei o menino as coisas melhoraram um pouquinho, porque era muito difícil nem água pra beber a gente tinha, era do tanque assim (aponta para um tanque com uma água muito suja que ficava na frente da casa da entrevistada), e a vista hoje tá bem bom (SANTOS, 33 anos).

A relação de pertencimento dos homens e mulheres, com os quais se teve a oportunidade de conversar, apresenta-se muito bem definida relativamente à atual situação de assentados. Inicialmente as famílias precisaram se posicionar e se identificar como acampados. Reunidos, eles definiram suas estratégias para, juntamente com movimentos sociais que integram a luta pela terra, especialmente o MST, determinarem um espaço para acampar e assim poder participar da divisão das terras desapropriadas pelo INCRA. Não é uma questão simples, é preciso esperar. O primeiro presidente da Associação de moradores do Assentamento explica esta situação:

Rapaz, a história é a seguinte: a gente teve um convite do sindicato em Nossa Senhora da Glória e aí a gente se reuniu, um monte de gente, de lá nós foi pro Alto Bonito, lá pro berço do rio, e lá com certo tempo fomos pra Cuiabá, eu sei que nesse período entre o berço do rio e Cuiabá nós ficamos dois anos e pouco, quase três anos. Aí que ocorreu quando a fazenda do Cuiabá foi desapropriada não dava pra assentar todo mundo. Aí foi dividido, uma parte desceu pra lá perto de Dores, outros pra o berço do rio, e outros pro Alto Bonito, lá no município de Canindé mesmo. Aí foi desapropriada essa daqui eu já conhecia aqui a fazenda, assim de passagem, nunca tinha trabalhado aqui, aí falei: pronto, vou voltar pra minha terra natal porque eu sou filho natural de Carira, mais saí do município de Carira em 64, e até hoje continuo morando em Glória, e aí foi desapropriada aqui a fazenda, aí veio 40 famílias, daí pegava mais gente aí completou 46 famílias. Só que quando chegamos aqui já tinham três famílias que foram trabalhadores da fazenda. Então ficamos quase três anos de luta lá no Alto Bonito aí nós viemos praqui todo mundo ficou assentado, cada um fez sua casa, foi financiado com dinheiro pelo INCRA, e muitos vendeu, foi embora, outros continuam morando aqui. (CORREIA, 55 anos)

Sem terra, acampados, assentados, era preciso entender suas condições de existência, ocupar a terra, ter a coragem de ficar dias, meses e até anos nessa luta árdua de muita dor e sofrimento. Ocupar, para os acampados, é tarefa que exige muita determinação, na medida em que se tem fortemente declarada a situação de conflito. Barros (2013) bem define essa situação “[...] ocupar significa correr riscos. São noites de tensão. Antes, durante e depois. Noites de

pouco dormir, de incertezas, de rádio ligado esperando por alguma palavra séria do governo, por alguma decisão favorável da justiça, por alguma notícia de que não haverá violência” (p.40).

Suas histórias se apresentam nessa relação de coragem e incertezas, é preciso compreender que as populações assentadas não buscam apenas a luta pela terra, existe também a necessidade dos direitos básicos, como educação, saúde, segurança, entre outros. Os relatos e testemunhos dos moradores e moradoras do Assentamento apresentaram essa luta, essa necessidade de possuir o sustento familiar, de se ter uma terra para plantar e colher. Durante as entrevistas, ao chegar à casa da família, por alguns momentos, testemunhava a condição de existência daqueles que ali habitam, o homem da roça que chegava com seus instrumentos de trabalho, que falava de sua luta, das noites e dias no acampamento e, naquele momento, a história do passado se fazia presente naquela relação de pertencimento. À medida que falava, seu olhar refletia a sensação de dever cumprido. Agora ele tinha a muito sonhada terra. Enfim, a vida se constituía na relação entre a terra e o direito à vida.

Ao falar de assentados e acampados, não se pode deixar de inserir nesse contexto referência ao trabalho de Lucini (2007, p. 38), quando afirma que o sem terra “é compreendido como o primeiro momento da formação do MST, marcado pela conscientização dos trabalhadores, pela formação da consciência de classe e pela construção de uma identidade, a do Sujeito Sem Terra”.

O MST possui força junto aos Sem Terra, direciona, organiza, orienta e contribui de maneira significativa na formação da identidade das populações rurais na conquista da terra. A luta dos Sem Terra exige tempo e muita coragem, muitas vezes estão inseridos em espaços sem infraestrutura, alimentação e saneamento básico, entre outros. O Povoado Alto Bonito, onde ficaram acampadas as famílias do Assentamento Fortaleza, representa essa trajetória, que inclui medo, insegurança e fome, como relata uma das entrevistadas:

Antes de vim pra qui nós morava no Alto Bonito, fica lá perto de Canindé, a gente morava nuns barraco de lona, acho que eu tinha uns nove anos quando eu morava lá, disso aí eu também não lembro não, sei que de vez em quando meus pais trabalhava porque não tinha muito serviço, a alimentação era assim, se trabalhasse e o que desse pra comer, pra comer tinha que comprar, se não desse passava assim mesmo (CONCEIÇÃO, 26 anos).

Apesar das dificuldades, as 46 famílias que estavam acampadas no Povoado Alto Bonito, situado no município de Canindé do São Francisco, são enfim, em 1998, efetivamente assentados na Fazenda Fortaleza, que, logo após a desapropriação, recebe o nome de Assentamento Fortaleza. Os lotes foram divididos entre as famílias, que, com a ajuda do MST, deram continuidade aos trabalhos de implantação da comunidade, cultivando e projetando a esperança em busca da sobrevivência e dignidade de suas famílias.

A gente tava acampado lá no Alto Bonito, aí o INCRA resolveu dar um despejo, aí trouxe 46 famílias que tava no Alto Bonito pra essa Fazenda aqui, aí também foi logo desapropriada e aí a gente deixou de ser acampado e sim Assentado. O MST ajudou muito, orientou as pessoas, ele sempre fazia reunião aqui, explicava muita coisa, através deles a gente também tirou muito projeto, e quem se interessou pra a gente tirar os projetos foi através do MST, por isso que eu acho um ótimo trabalho do MST aqui no nosso Assentamento, há dezessete anos que nós mora aqui e graças a Deus através do MST aqui melhorou muitas coisas. (MOURA, 46 anos)

Imagem 5: Os Lotes e sua Divisão



Fonte: Arquivos de Pesquisa / 10.02.2014

Relativamente à luta pela terra, teve-se a oportunidade de conhecer um pouco as histórias e a cotidianidade que ali se constituiu. Acompanhou-se as crianças e suas respectivas famílias na comunidade e na escola durante o período da pesquisa²³. Sobre a vida e o trabalho no Assentamento percebeu-se uma identidade campesina sabedora de seus direitos,

²³ A pesquisa de campo foi desenvolvida no período que compreende o segundo semestre de 2014 e o primeiro de 2015.

conquistados com o risco das próprias vidas. Reconhecem a exploração da relação de trabalho nas fazendas onde moravam. D. Genivalda Silva aborda bem esta questão da relação de trabalho nas fazendas e as dificuldades que enfrentavam:

[...] a gente mora, a gente tem a terra, trabalha e antigamente não tinha como a gente trabalhar, trabalhava nos terreno dos outros, nós plantava o pé de capim e ficava o lucro pro dono, o fazendeiro, hoje o que a gente planta fica pra os nossos bichinhos que a gente cria, de pouquinho, mais cria. Então se eu planto um pé de capim, a palma, onde é que vai ficar a renda? Vai ficar pra mim que sou a criadora de lá de dentro não é verdade, antigamente não era, a gente tudo de benfeitoria que a gente fazia ficava pro fazendeiro, e a gente não tinha nada (SILVA, 57 anos).

Das 46 famílias que foram contempladas com as terras do Assentamento, muitas já não estão mais lá, venderam suas terras por várias questões que não convém aqui considerar. Entretanto, a grande maioria continua na busca incessante de permanência e perspectiva de dias melhores. Uma das famílias contempladas com terras da Fazenda trabalhava e cuidava da propriedade, eram funcionários da fazenda, que, no momento da desapropriação, foram contempladas sem a necessidade de estarem integradas no Movimento dos Trabalhadores no Alto Bonito. Segundo relatos de um dos integrantes dessa família,

Meu pai trabalhou 20 anos de vigia aqui, aí pai trabalhava a noite e nós trabalhava no dia olhando criação, ovelha esse negócio. Aí, depois foi o sem terra que apareceu, aí fizeram barraco, mas só que pai não fez barraco não, pegou logo a terra sem fazer barraco. Porque ela já tinha muito conhecimento aí eles viram que pai não precisava construir barraco, aí nós ficamos trabalhando sempre aqui (LIMA, 30 anos).

Esse pertencer à terra, essa cultura campesina de lutas e conflitos, independente das condições de cada um, representam o universo onde as pessoas recriam seus modos de vida e, para a maioria, essa cultura se configura e se sustenta essencialmente na sobrevivência e no sustento das famílias. A história do Assentamento, assim como as tantas outras histórias que compreende o universo pesquisado, se constrói na trajetória que se consolida pelo sentimento e desejo de continuidade da vida humana. Para Jesus (2004, p. 8),

É o sentimento de pertença à terra, a uma comunidade, a uma cultura que cria o mundo para que os sujeitos possam existir. É este sentimento que dá forma às nossas percepções para que possamos existir, como também dá forma às nossas percepções e nos oferece os locais onde podemos desenvolver nossas competências.

Na relação de sentimento e pertencimento, o Assentamento se constituiu em meio às histórias aqui relatadas, para aqueles que estiveram no Alto Bonito e para os que já trabalhavam como empregados da Fazenda Fortaleza, ou seja, a família de José Lima, que já trabalhava na Fazenda há cerca de vinte anos. Atualmente, essa relação se mistura entre os primeiros moradores e suas famílias, que cresceram e trouxeram novos personagens a integrar essa

história. A configuração desse universo de conquista da terra se manifesta nas diferentes histórias de homens, mulheres e crianças cujos interesses, vontade e coragem são diversos. Portanto, formam um grupo com fragilidade em sua coesão e sem seu sentimento de pertencimento. Talvez isso explique a desistência daqueles que, uma vez conquistada a terra e a moradia, venderam sua propriedade e partiram em busca de outra forma de sobrevivência, a qual, certamente, apresentará as mesmas dificuldades materiais, econômicas e sociais enfrentadas pelos assentados. Mas, para aqueles que ficaram, resta a composição de um grupo que se organiza no assentamento através da liderança do MST e que, mesmo com possíveis instabilidades financeiras, consegue se sentir produtor de seu sustento, de sua vida pelo trabalho de lida com a terra.

3.2. A Escola de uma Sala Só

Muitas lutas precisavam ser anunciadas, entre as tantas que se apresentavam nesse contexto da busca incessante pela dignidade humana. Surge então a necessidade da escola.

[...] Muito importante, hoje, isso eu vou dizer a senhora, o próprio Deus e o mundo, ia ser feito um colégio aqui, mas igual um que tinha no Augustinho, não sei se já derrubaram o colégio bem pequeno, só de uma sala só, aí quando cheguei aqui que me disseram, eu gosto de perguntar as coisas, e ver! Aí eu disse: rapaz, tá ruim, pra Sérgio (era o prefeito da época). Aí eu falei: vou ligar pra ele que eu quero falar com ele. Eu liguei e falei: prefeito, você tem conhecimento do que está acontecendo no Assentamento Fortaleza, o senhor vai botar o povo contra você. Ele perguntou: como assim? Eu falei: como? Lá embaixo estuda oitenta alunos, um colégio de uma sala só, pega quantos alunos pra estudar, no máximo trinta alunos não é não? Ele falou: é. Eu disse: se o senhor morasse aqui no Assentamento você ia gostar de seus filhos estudando, uns estudar no colégio novo e outros estudar lá na estribaria de cavalo? Ele disse: não. Eu falei: preste atenção no que você está fazendo. Você vai jogar o povo contra você. Isso foi quando tava marcado pra fazer a escola aqui. Aí eles cancelaram a construção da escola de uma sala, não iniciaram a obra, só depois que o prefeito autorizou fazer a escola com duas salas. Aí é como se diz, sempre quando a gente procura ... (CORREIA, 55 anos).

E ela surgiu das mãos daqueles que, como José Correia, acreditavam na escola e sua relevância para as crianças. Homens e mulheres que escreveram a história de mais uma luta pelo direito a ter direitos. Ao ouvir, nas entrevistas, os testemunhos vivos daqueles que ajudaram a construí-la percebi a relevância dessa instituição para muitos que não tiveram a oportunidade de estudar, ou até mesmo tiveram de abandoná-la, por inúmeras razões: distância, trabalho, entre outros. O homem da roça retrata sua indignação para com aqueles que idealizavam uma escola sem as mínimas condições de atender a população do Assentamento. Como poderia ser construída uma escola de uma sala só? Como agrupar os tantos alunos em

apenas um espaço físico? Os órgãos responsáveis nessa área possuem estranha concepção de construção de escolas do campo.

Cabe aqui uma reflexão sobre o “homem do campo” e sua indignação ante a possibilidade da construção de uma escola com “apenas uma sala de aula”. Apesar de não ter frequentado escola, suas experiências de vida permitem-lhe esse olhar, essa sabedoria e inquietação. José Correia tem consciência e sabedoria suficientes para clamar por seus direitos e pelos direitos das crianças. Sua concepção de escola se apresenta de maneira clara e objetiva. Antes da fundação do Assentamento, por mais ou menos uns dez anos, a escola funcionava em uma pequena casa distante do Assentamento. D. Genivalda Santos aborda muito bem essa questão explicando as dificuldades enfrentadas na antiga escola,

Pra história deles significou uma dignidade com mais respeito porque lá onde nós trabalhava era poeirão fazendo ração, ia a poeira pra lá, a gente carregava água na cabeça também da fonte pra abastecer o colégio [...] (SANTOS, 57 anos).

Com a fundação do Assentamento, o Presidente da Associação dos Moradores, Sr. José Correia²⁴, juntamente com D. Iolanda Santos e o MST, decidiram por trazer a escola para o Assentamento, uma vez que ela funcionava distante do Assentamento e apresentava infraestrutura precária. Através dos depoimentos nas entrevistas, perceberam-se as dificuldades que enfrentaram. D. Genivalda Santos se apresentava como figura relevante no processo de implantação da escola. Com o MST, promoveu ações que viabilizassem a implantação da escola no Assentamento. Entre as histórias e os testemunhos vivos de sua fundação tem-se uma “caminhada”²⁵, que, segundo depoimentos, tinha como principal objetivo garantir o direito à escola para as crianças da comunidade,

Nossa história foi longa, de nosso colégio aqui porque quando eu cheguei aqui era, a gente não era já morador, a gente era assentado, aí pra recomeçar o colégio aí nós começamos a trabalhar numa casa, assim, numa garagem, aí teve o primeiro professor[...]. Esse colégio aqui, após de lá, aí nós foi uma caminhada pra Aracaju com os alunos, representamos em Aracaju, em Glória eu o professor chamado Gerne, vocês conhecem? [...] eu sei que foi com nós, e foi como nós conseguimos esse colégio e até hoje nós se encontra aqui, então a primeira funcionária que chegou pra trabalhar com as crianças foi eu, hoje já são casados, as meninas já é casada, o rapaz também já são casados, tudo pai de família e mãe de família, e ainda hoje eu continuo no meu trabalho (SILVA, 57 anos).

²⁴ O Sr. José Correia foi o primeiro Presidente da Associação de Moradores do Assentamento.

²⁵ Sobre essa “caminhada”, o MST, juntamente com integrantes da Associação de Moradores da comunidade, conseguiu um ônibus. Algumas crianças participaram da ação. Foram entrevistadas algumas das crianças, hoje adultas e residentes no Assentamento. São elas: José Nilton de Lima, 30 anos; Rosineide Guimarães, 22 anos; Jânio Santos da Conceição, 26 anos e a funcionária da escola: Genivalda de Sá Silva, 57 anos.

Acampado, assentado e morador, estas questões se apresentaram muito bem definidas nos depoimentos dos entrevistados. Os acampados não possuem a terra, eram aqueles que ficaram acampados no Alto Bonito por aproximadamente dois anos. A situação de assentados se configura no momento em que se apropriam da terra, mas ainda não são moradores. A fala de D. Genivalda Silva evidencia essa questão quando argumenta que, enquanto assentados, muitas questões se ficavam pendentes, na medida em que não eram proprietários da terra.

Ainda sobre a discussão da escola, depois de vários conflitos e embates junto aos órgãos competentes do Município, deu-se início à construção da escola, que, segundo dados da Diretora²⁶, possui entre cinco a seis anos de fundação, “[...] olha, os anos assim, cinco a seis anos. Começou em uma sede da fazenda aí depois foi que construiu o prédio da escola” (MOTA, 55 anos). É importante considerar que durante o período da pesquisa na comunidade e na escola não houve visita de coordenação ou direção, apenas duas professoras e D. Iolanda Silva, merendeira e responsável pela escola no Assentamento.

Ao analisar as histórias das pessoas que contribuíram para a construção da escola e considerando sua relevância, entrevistou-se algumas das crianças que participaram do processo de luta pela escola e que enriqueceram este trabalho. Hoje, adultos, tiveram a oportunidade de refletir sobre sua infância e sobre a relação entre escola e comunidade.

Nós fomos de ônibus, aí quando descemos em uma avenida aí fizemos uma caminhada com um monte de ... o povo da comunidade, os sem terra, o que a gente queria era a escola, porque antes nós estudava lá numa casa que era da sede aqui embaixo que era a casa velha, foi muito sofrimento, não tinha sala para os alunos estudarem, estudava todo mundo misturado. Aí estudava o bolo junto, aí mudamos pra outro salão que era tipo um mercado, era grande também só que do mesmo jeito, aí depois quando começaram a fazer a escola aí foi melhor né, foi duas salas que fizeram, dividiram os alunos na sala, apesar de que aqui eu não estudei não (LIMA, 30 anos).

A gente foi, passeamos, foi bom, todo mundo foi... foi bom pras crianças porque a escola era lá embaixo, era uma escola mais ou menos, não era um colégio bom mais dava pra estudar né. O colégio mesmo lá era casa grande, não era colégio mesmo, aí a gente estudamos lá (CONCEIÇÃO, 26 anos).

Assim como José Lima e Jânio Conceição, muitos dos que participaram da caminhada não frequentaram a nova escola, em razão da cultura do trabalho nas comunidades campesinas, onde as crianças assumem a responsabilidade da escola e do trabalho, fazendo com que, muitas

²⁶ A entrevista com diretora da Escola foi realizada na Secretaria Municipal de Educação do Município. A escola do Assentamento Fortaleza é um anexo da Escola Municipal Deputado Elvaldo Diniz que fica localizada no Povoado Aningas, município de Nossa Senhora da Glória, ao qual pertence o Assentamento Fortaleza. Portanto, a diretora trabalha no Povoado Aningas.

vezes, a luta pela sobrevivência obrigue as crianças a abandonar a escola para ajudar suas famílias. A cultura do trabalho infantil é uma questão muito ampla. Para Silva, Silva e Martins (2013), “a noção de responsabilidade deste cedo marca o comportamento das crianças no contexto investigado de uma comunidade do campo”. (p. 88)

Retomando a fala de José Correia sobre a construção da escola com uma única sala de aula e toda a sua sabedoria e determinação em exigir uma escola que atendesse a população do Assentamento, percebe-se que a luta continua, as duas salas de aula não atendem a demanda que ali existe. As crianças foram contempladas, entretanto, muitos adolescentes precisam estudar nos povoados vizinhos e até mesmo na sede do Município. E são bem conhecidas as reais dificuldades enfrentadas por estas populações, especialmente com relação ao transporte e a localização distante das instituições de ensino.

Entre as muitas afirmações e lutas dos personagens que compõem a história da escola, algumas questões se destacam, como, por exemplo, a fala da diretora da escola quando suas afirmações divergem daquelas apresentadas neste trabalho, com relação à oferta e à demanda da educação infantil. Ao falar sobre a infraestrutura e as salas multisseriadas, temos a seguinte reflexão:

É, alguma turminha, ainda, lá no Assentamento, parece que é duas turmas. Mudou porque antigamente era tudo junto, mudou um pouco. Aningas já é separado cada série tem a sua sala. Agora quando a escola é pequena que não forma turma aí o jeito é juntar, por conta disso, porque houve até escolas, três lá na região de Aningas que fechou por conta do número de alunos que era baixo (MOTA, 55 anos).

Tem-se aqui uma gestão que necessita aproximar-se um pouco mais dos espaços e tempos da comunidade e da escola. Seguindo essa reflexão, compreendem-se as diferentes concepções sobre a escola do Assentamento quando adultos e crianças afirmam a necessidade de uma escola que possa garantir o acesso para crianças e adolescentes. Esta concepção e análise surgem deste distanciamento entre escola e direção²⁷, “[...] bem o coordenador visita a escola de lá e a gente sempre está acompanhando a Escola de Fortaleza também, porque pela distância não é, aí a gente dá uma ajuda lá” (MOTA, 55 anos). Pode-se, assim, constatar a pouca atenção dispensada pelos órgãos que administram essas escolas e propor uma reflexão sobre as reais

²⁷A diretora trabalha na Escola Municipal Deputado Elvaldo Diniz, Povoado Aningas, distante aproximadamente 10 km do Assentamento Fortaleza.

dificuldades que enfrentam as populações do campo relativamente às unidades de ensino situadas na área rural.

3. Reflexões sobre a Relação entre Trabalho e Escola na Comunidade

A participação das crianças na luta pela terra e pela escola está presente em suas histórias enquanto meninos e meninas que se afirmam no processo de formação da cultura do homem do campo em sua integralidade. Sobre escola e trabalho, um dos entrevistados apresentou sua experiência da infância com o seguinte relato:

[...] Era dividido muito ao mesmo tempo, mas eu queria muito estudar. Mas o serviço que eu trabalhava eu achava bom. Que era pastorear criação, esse negócio todo, mas só que trabalhava pensando na escola também, às vezes vinha até meio dia, de meio dia pra tarde ia estudar, esforçado mesmo, porque era uma coisa que eu queria mesmo. E estudei até a quinta série, eu parei porque eu estudava todo ano até o meio do ano, aí toda vez que entrava no ônibus me dava dor de cabeça pelo barulho, aí eu estudei mais de quatro anos em Lagoa Bonita (LIMA, 30 anos).

Considerando a relação que envolve o trabalho e a família nessas comunidades, a experiência de José Lima expõe um cenário de muito sacrifício imposto à criança em pleno desenvolvimento. Situação que se assemelha a de muitas crianças da comunidade cujas famílias, para garantir a sobrevivência de seus membros, não podem dispensar a mão de obra de suas crianças nos afazeres domésticos e, principalmente, na lida na roça. No caso do entrevistado, o trabalho infantil lhe impôs uma dura rotina que tentou conciliar com a atividade escolar, que, ao fim, lhe rouba, de fato, o direito à infância e à educação escolar.

Frigotto (2011) afirma que “o trabalho é parte fundamental da ontologia do ser social” (p. 10). Nessa perspectiva, entende-se o trabalho como prática educativa quando ele faz parte da cotidianidade dos sujeitos envolvidos. Entretanto, para as famílias do Assentamento Fortaleza, o trabalho, especialmente, para os mais velhos, surgiu como condição social que lhes negava o direito à vida com dignidade. O trabalho surge, portanto, como prática educativa na medida em que as crianças vão aprendendo os conhecimentos que são passados de geração em geração. Em uma das visitas à comunidade, percebi um jovem, de idade indefinida, guiando um trator, o que gerou apreensão por entender que aquela situação poderia ser um tanto arriscada. Durante as entrevistas²⁸, os desenhos da maioria das crianças apresentaram aquela situação de trabalho na comunidade. Não se conseguiu perceber essa relação durante as entrevistas, apenas nos desenhos. Por questões éticas, não cabe aqui buscar justificar se a prática é coerente ou não,

²⁸ A realização das entrevistas com crianças sempre foi acompanhada de desenvolvimento de desenho livre.

tenta-se apenas apresentar a cotidianidade em suas partes, que abrangem evidentemente o trabalho das crianças e jovens da comunidade.

A proposta pedagógica do MST, como já mencionado anteriormente, entende que a escola, ao proporcionar uma prática pedagógica através de projetos que envolvam a cotidianidade, vai atribuir os valores necessários para a formação de um indivíduo comprometido com a luta pela terra e pela vida, entendendo que o trabalho faz parte desse contexto histórico e social.

Imagem 6 : Desenho de Adenilson, 7 anos



Fonte: Arquivo de Pesquisa /12.11.2015

No seguimento da discussão sobre a participação ativa das crianças no Assentamento, especialmente daquelas envolvidas nas questões da luta pela terra, situa-se o trabalho de Sousa (2013), que analisa e discute o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, pesquisa histórica que tem por principal objeto aqueles que ela define como os excluídos da história, ou seja, as crianças sem terra:

Assim é que, optamos em estudar os excluídos da história, as crianças Sem Terrinha, que são cada vez mais sujeitos do processo histórico na Luta pela Terra no Brasil. Os Sem Terra e os Sem Terrinha fizeram de sua condição de expropriados da Terra o motivo básico para deflagrar um processo de luta contra as opressões e as contradições do capitalismo e assumir sua condição de sujeito da história (SOUSA, 2012, p. 130).

Essa condição de assumir-se enquanto sujeito da história se apresenta nos desenhos e nas falas de nossos informantes da pesquisa. Daniel conta:

Nóis brinca correndo gado! Atrás do boi levando o boi solto pra vaquejada, é assim ele pega o boi, amarra e leva pra vaquejada pra correr. Entendeu? é o bezerro torinho. É o que a vaca pariu e eu tô botando o bezerro agora no mato, tô correndo todo dia. Davi corre mais eu atrás dele, eu e Davi corre atrás dele, John Lenon. Tia, um dia minha vaca pariu aí quem puxou foi os homens, foi coisinha, foi meu pai e foi... E a vaca pariu um bezerrinho bem novinho, ele mamava na minha mão, e eu dava banho nele... (Daniel, 5 anos).

Ao analisar a fala do menino Daniel, percebe-se a relação com o trabalho na roça. Esse fato não é algo comum ou naturalizado para as crianças da cidade, pois é uma prática pouco usual no cotidiano da cidade. Igualmente é pouco provável que crianças da área urbana presenciem a matança de animais, visto que poderia ser entendido como algo violento para a sua idade. Entretanto, para Daniel, esse fato não implicou constrangimentos, ao contrário, tudo foi apresentado de maneira transparente e verdadeira. O pequeno Daniel fala da vaquejada²⁹ e relata sua experiência no contato direto com os afazeres do lugar. As crianças no campo vivem e experimentam todos os espaços que se constituem no cotidiano de trabalho e brincadeiras. No exercício de imaginação, as crianças do campo, diferentemente do que muitos podem imaginar, através da lida na roça, vivem sua infância. Além disso, há ainda a facilidade do contato com seus pares. As crianças do campo estão sempre na “rua”, na roça, nos trabalhos que muitas vezes são divididos entre as famílias da comunidade.

Ao abordar essas questões dos espaços campesinos, é preciso compreender que a cultura das populações rurais vai se configurando e nada mais é do que o resultado das ações experimentadas nesses saberes e fazeres. As experiências do trabalho na “roça”³⁰, o ciclo das estações que vão favorecer o plantio e o contato direto com a natureza e os animais favorecem o diálogo entre os pares.

²⁹ Reunião do gado de uma fazenda, ordinariamente no fim do inverno; costeiro. **2** Ato de procurar e reunir o gado que se acha disperso nas caatingas, nos campos e nos matos, para apartação, capação, ferra etc. Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/>

³⁰ Expressão utilizada pelas pessoas que residem na área rural com relação ao lugar onde são plantados e colhidos os alimentos.

Quando se abordam as questões sobre a cotidianidade da infância campesina, é preciso compreender que as crianças do campo se diferenciam das da cidade sob seus vários aspectos, especialmente em sua relação com a natureza, pois estão inseridas em um espaço que possibilita com ela relação íntima. De acordo com Diegues (2005), ao falar dos caiçaras³¹ enquanto populações tradicionais, as crianças aprendem com a natureza e com os conhecimentos que são passados de geração em geração. Segundo esse pesquisador, o “acervo de conhecimentos peculiares dos caiçaras foi acumulado através dos séculos de convivência e dependência em relação à natureza e da observação atenta e metódica das ocorrências, e transmitida oralmente de geração em geração” (DIEGUES, 2005, p.26). As populações residentes em comunidades rurais, portanto, por constituírem comunidades tradicionais, se diferenciam das populações urbanas, especialmente através da observação “atenta e metódica” da dinâmica da vida na natureza.

Acerca desse aspecto, algumas questões precisam ser analisadas e discutidas, especialmente a relação de trabalho que se configura nesses espaços. Da fala de Daniel e do acervo de conhecimentos peculiares das culturas tradicionais de que trata Diegues, pode-se entender o trabalho como princípio educativo (FRIGOTTO, 2011, p. 15), e na fala de José Luis encontra-se o trabalho como exploração da mão de obra infantil, o que compromete o direito à infância das crianças que vivem nos espaços rurais (ARAÚJO, 1996). Para o MST, o trabalho nessas comunidades se configura como processo educativo, na medida em que as crianças assumem, desde muito pequenas, responsabilidades que são passadas de geração em geração. Alguns questionamentos relativamente ao trabalho infantil são pertinentes, uma vez que a criança precisa brincar, ter tempo livre para as brincadeiras. Nas entrevistas dos jovens e dos adultos, muitos afirmaram “não tive infância”. São questionamentos que surgem no diálogo e na aproximação com os sujeitos da pesquisa. Quando é que o trabalho constitui prática educativa e não exploração do trabalho infantil? Outra questão diz respeito ao direito à escola e à educação. Sabe-se que as escolas nas comunidades rurais atendem apenas a educação infantil (4 a 6 anos) e o ensino fundamental até o 5º ano. Quando as crianças terminam esse ciclo, ficam impossibilitadas de dar continuidade aos seus estudos e o que lhes resta é o trabalho com suas famílias, cabendo às meninas o trabalho doméstico e aos meninos a roça, embora muitas mulheres assumam essas duas funções, como bem afirma uma das mães das crianças

³¹ O termo caiçara é originário de tupi-guarani, proveniente da junção de duas palavras: ca – mato e içara - armadilha, que indicava todo um sistema de proteção e de sobrevivência. No dicionário Aurélio é indicado para identificar os moradores do litoral de Cananeia (SP)

pesquisadas, “na roça eu ajudo meu marido, tiro o cílio, boto ração pro gado, aparto os bezerros, tudo isso eu ajudo” (Alessandra Santos, 22 anos. Entrevista: 13.11.2015).

Durante a entrevista com a professora da turma pesquisada da Escola do Assentamento, ao se tratar do trabalho das crianças da comunidade, obtivi a seguinte reflexão:

Não é a grande maioria, agora assim, uma semana dessa aí eu fiz um trabalho com eles aqui e eu perguntei a eles qual era a profissão que eles queriam seguir, mas a maioria me disse que queria trabalhar na roça, queria ser trabalhador de roça, a maioria, foi uma questão da avaliação, eu pedi perguntando o que eles queriam ser no futuro e eu pedi que eles fizessem um desenho, só teve umas três que queriam ser médica, e eu fiquei, não vou lhe mentir não, fiquei decepcionada! Meu Deus do céu, mas é porque assim, aqui é assim, por aqui é assim, a cultura deles é essa, eles estudam muito pouco, no máximo estourando o que eles chegam é um quinto ano, sexto ano, depois eles param (ELVINA DANTAS, 22 ANOS).

A fala da professora aborda a questão da negação do direito e cria situação de estranhamento: será que se deveria ficar decepcionado pela opção das crianças? Não se pretende aqui criticar a professora, apenas se propõe reflexão para compreender de que infância se está falando. Talvez a falta de conhecimento e compreensão da educação das crianças do campo pela professora e a ausência de proposta pedagógica que reconheça esses sujeitos como meninos e meninas do campo, que interpretam e reproduzem sua cultura, dificulte a compreensão da professora de que as crianças, na medida em que reproduzem a cultura do lugar, se reconhecem nesses espaços de vida.

É nessa perspectiva que o MST, ao pensar a infância do campo, evidencia a relevância do movimento de “ampliar o processo de reflexão sobre a educação infantil na perspectiva dos princípios da Educação do Campo e dos direitos das crianças que vivem em área rural” (ROCHA, GONÇALVES e SANTOS, 2011, p. 15). É preciso considerar que a discussão sobre a infância do campo é recente e surge da necessidade de ampliar o debate sobre os direitos da infância. A Coordenação Geral de Educação Infantil (COEDI/SEB), juntamente com a Coordenação Geral de Educação do Campo (CGEC/Secadi), ambas vinculadas ao MEC – Ministério da Educação, muito recentemente instituíram debate considerando diversidade histórico-cultural da infância, entendendo que ela no campo constitui espaço amplo de dizeres e saberes os quais necessitam ser considerados pela escola (SILVA, PASUCH, SILVA, 2012, p. 21).

A constituição da infância do campo vem se estabelecendo em espaços amplos de diálogo e reflexão, mas também de divergências entre os Movimentos Sociais e os órgãos

competentes vinculados ao MEC. Essas reflexões apontam para um movimento que se inicia na luta pela infância do campo e que vem sendo objeto de discussão nas instituições educacionais que dialogam com a escola e a infância campestre.

A história da conquista da terra, da construção da escola como garantia de direitos para as atuais crianças do Assentamento Fortaleza e da dupla dimensão em que o trabalho se configura na vida do campo, ora como princípio educativo, ora como fator impeditivo de direitos, constitui elemento fundamental do cotidiano da comunidade de assentados, que, ao se unir nas circunstâncias sociais e históricas dos movimentos sociais de luta pela terra, também se constitui em suas subjetividades. Assim, experiências de exploração do trabalho infantil relatam duras realidades no processo de conquista da terra e forte resistência para assegurar a educação escolar mais básica às novas gerações.

4. CAPÍTULO III - A INFÂNCIA SEGUNDO OS AGENTES SOCIAIS E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Figura 7: Brincadeiras



Fonte: Arquivo de Pesquisa / 10.02.2014

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas, há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor [...] (Manoel de Barros, *Memórias Inventadas*, 2009).

4.1. Situando e a Escola, os Trabalhos e as Brincadeiras

Neste Capítulo, a infância se apresenta como principal objeto de estudo, na medida em que se faz necessário compreender a constituição histórica, política, social e cultural que se entrecruza na relação da infância e suas temporalidades. Esta análise se configura na perspectiva de tentar compreender como adultos e crianças pensam sua infância, estabelecendo diálogo que viabilize as relações que se constituem nesse contexto. Homens, mulheres e crianças, em diferentes temporalidades, expressaram diferentes olhares sobre a infância. Afinal, de que modo se constitui o cotidiano da infância campesina, tendo em vista as temporalidades já vivenciadas pelos adultos?

É preciso entender que a temporalidade e a constituição do cotidiano da infância não se estabelecem de forma linear, ao contrário, se apresentam em sua complexidade em um determinado espaço-tempo sob forma e concepções distintas. As crianças se definem como agentes sociais na medida em que contribuem nas diversas atividades por elas desenvolvidas. Corsaro afirma (2011, p. 63), em sua teoria sobre a “interpretação reprodutiva das crianças”, que elas assimilam, reproduzem e interpretam o cotidiano dos adultos. Nesse sentido, elas constroem e modificam seus espaços, sendo por isso consideradas sujeitos de direitos e de cultura. Seguindo a análise sobre as crianças enquanto atores sociais e construtores de sua história, Molina (2011) afirma que, para melhor estudar a infância, é preciso compreender seu contexto histórico, social, político e econômico. A afirmação foi enunciada nos seguintes termos:

Partimos do pressuposto de que a infância, assim como a educação, é melhor compreendida dentro de um contexto socioeconômico e político e, portanto, a concepção de infância está imbricada com a forma de organização social para a produção e a reprodução da vida material dos homens, em cada período histórico (MOLINA, 2011, p. 26).

Sob essa perspectiva, a infância do Assentamento insere-se em um contexto de lutas, que envolve ocupações de terra e inserção precoce no mundo do trabalho. Desde muito pequenas, as crianças vivenciam um cotidiano marcado por fortes embates de sua classe social rural sem, contudo, perder uma perspectiva de uma infância tão singular entre as brincadeiras e suas contribuições no mundo do trabalho. São meninos e meninas do campo, que, apesar das dificuldades vivenciadas por essas populações, possuem a natureza e a liberdade como elementos fundamentais em seus espaços de vida: o boi, o coelho, o cavalo, a vaquejada, o cachorro, as brincadeiras no mato, a vaca que pariu. Os meninos e meninas do Assentamento possuem o cenário que se distribui nos diversos espaços de suas vidas sem rupturas de tempo e

de ação. As crianças, através de suas falas e desenhos, definem o que pensam sobre esse “ser do campo”.

Daniel - Gosto de pular corda, jogar corda, nós pega a coberta e bota no mato, nós dorme, aí brinca dentro do mato com os brinquedos. Nós brinca correndo gado! Atrás do boi levando o boi solto pra vaquejada.

Natália - é assim ele pega o boi, amarra e leva pra vaquejada pra correr. Entendeu?

Daniel- é o bezerro torinho. É o que a vaca pariu e eu tô botando o bezerro agora no mato, tô correndo todo dia. Davi corre mais eu atrás dele, eu e Davi corre atrás dele, John Lenon. Tia, um dia minha vaca pariu aí quem puxou foi os homens, foi coisinha, foi meu pai e foi (esqueceu o nome)... E a vaca pariu um bezerrinho bem novinho, ele mamava na minha mão, e eu dava banho nele...

Natália- não Daniel! Em vaca não dá banho não!

Daniel- era um bezerro que eu dava, no boinho.

Natália- Não dá não, só dá sabe em que? Em cachorro.

Daniel- Em cavalo, tem escova de dá banho no cavalo.

Natália- coelho pode dá banho, e que mais...

Daniel- botar água nos pés de planta, e botar água quando tá morrendo, botar água na caixa, aí pai comprou um caixa de aguar as plantas, não, as caixas é pra nós tomar banho. Pai pega do rio, nós toma banho no rio.

E, assim, a história do cotidiano das crianças se configura na relação de identidade com os elementos que constituem os espaços campesinos, nas experiências elas se apropriam dos conhecimentos e com seus pares constroem a sua história. Ao ouvir Daniel e seu “boinho” e a história da “vaca que pariu”, pode-se sentir toda sua relação e identidade da infância campesina. Sobre o trabalho das crianças na comunidade, ao entrevistar Daniel, uma das crianças da pesquisa, pôde-se perceber certo constrangimento por não querer falar sobre a sua atividade com o pai:

Natália - Vai tirar o que, né Daniel, vai pegar mato né? Ele vai pegar milho.

Daniel - cortar milho pas vaca, eu sozinho mais pai.

Natália - não, mas você leva num saco.

Daniel - não! (Muito bravo)

Natália - (insiste em sua afirmação) é sim.

Daniel - é palha de milho que eu vou levar pras vaca todo dia.

O menino Daniel apenas sorria e falava de suas brincadeiras, nem de longe é uma criança infeliz. Cabe ressaltar que, por questões éticas, buscou-se evitar envolvimento na discussão do trabalho infantil no âmbito da família. Durante a aproximação com as crianças do Assentamento, por diversas vezes, precisou-se, de certa forma, criar distanciamento das questões.

Quando perguntada sobre suas contribuições domésticas em casa, Natália dá o depoimento seguinte:

Eu passo pano na casa, às vezes eu venho pro colégio ajudar minha vó, trago café pra ela, encho o filtro, às vezes eu passo o pano aqui, depois passo na sala. Aqui foi legal num outro dia, não tinha o dever, tinha geladinho, nós bagunçou tudo, os meninos botava uns negócios em nós, aí nós ganhava pirulito, tinha Chiquinha da novela (Natália, 6 anos).

Percebe-se que as crianças ajudam nos afazeres domésticos em casa e na escola e brincam e interagem através de seus pares. Frigotto, sobre o trabalho enquanto princípio educativo, afirma:

Assim, quando as crianças participam de pequenas tarefas do dia a dia e têm seu tempo lúdico e de escola garantidos, nada tem a ver com exploração do trabalho infantil. Explorados, não por vontade dos pais mas por condição de vida, eram na condição de colonos ou quando trabalhavam como meeiros ou assalariados (FRIGOTTO, 2009, p. 189).

Tem razão Frigotto (2009). Essas crianças não estão sendo exploradas, na medida em que o trabalho surge como parte integrante e fundamental de toda a família. Eles não possuem empregados, a condição financeira não o permite. Assim, homens, mulheres e crianças estão envolvidos no universo do trabalho, que se faz indispensável no processo de desenvolvimento da vida campesina. Vale aqui destacar que, diferentemente do que ocorreu na infância dos adultos, algumas famílias entendem que as crianças precisam antes de tudo estudar, como depôs uma das mães entrevistadas:

Tem muitos pais que não deixam os alunos estudar porque eles vão ajudar os pais na roça aí não vão estudar, vão é trabalhar, aí muitos filhos não aprendem quase nada. Aí é ruim pro filho dele que não aprende nada, os meus filhos em primeiro lugar em mando eles vim pra escola. Aí depois quando ele quiser ir pra roça com o pai ele vai. Mas estudar primeiro. Está em primeiro lugar pra ele, pra quando crescer ele saber das coisas e pegar um emprego.

A fala dessa mãe informa que não são todos os pais que entendem a escola como relevante para os seus filhos, entretanto, durante as entrevistas realizadas com as famílias, percebi que existe uma grande maioria que acredita e confia na escola, ficando o trabalho como uma contribuição ocasional.

Ao situar a escola como condição de vida e direito da criança, depois de dialogar com as temporalidades e práticas educativas presentes no cotidiano de luta que envolve a questão do trabalho infantil, busquei entender porque a proposta pedagógica da escola não apresenta evidências de incorporação da proposta do MST, que prega uma pedagogia que reconheça e

valorize a cultura do campo, tendo a escola como extensão da comunidade, com currículo que possa dar continuidade à luta pela terra e por melhores condições de vida da população.

Ainda situando a escola e seus processos de ensino e aprendizagem, durante a permanência na instituição, pude observar que, a professora³², desconhecendo a pedagogia da terra, utilizava-se de um currículo geral com atividades descontextualizadas dos espaços de vida dos alunos. Sobre a professora, ou melhor, as professoras, as crianças apresentaram em suas falas certo saudosismo daquela que as antecedeu,

Daniel - Tem uma mulher que gosta deu!

Natália- Era ela que gostava de você, era Regina!

Daniel - Era tu que estudava (ele quis dizer ensinava) naquela escola aqui, era? (se refere a uma professora que ficou poucos dias com eles).

Daniel - Não é essa não, é outra.

Natália - Ela tinha esse tamanco? (aponta para minha sandália).

Daniel - Acho que era.

Natália - Então era Regina.

Daniel - Aí a professora já tava na hora de ir pra casa, aí eu vi ela na sala dos meninos.

Natália - Aí você foi lá dentro e deu um abraço nela.

Daniel - foi, ela pegou no meu braço (fica muito pensativo e muda de assunto).

Daniel fala com muito carinho dessa professora³³ que ficou pouco tempo na escola, a menina Natália não conseguia lembrar muito bem. Com relação à professora³⁴ que acompanhava as crianças no período da pesquisa³⁵, é preciso considerar que ela não é pedagoga³⁶, mas estava atuando em uma escola de educação infantil. A professora possuía uma turma com em média 24 crianças com idade entre 04 e 12 anos de idade, sem ajuda de outro funcionário. Sobre sua atividade na escola ela comenta “é muito difícil, fico aqui pela manhã e à tarde vou pra Aningas, ficamos aqui sozinhas” (diário de campo, 11.09.2014). A professora está falando de seu trabalho nas duas escolas (Assentamento de Aningas). Durante o período matutino trabalha na escola do Assentamento e, no turno vespertino, vai para a Escola Municipal Euvaldo Diniz, que fica no povoado Aningas. Como já referido anteriormente, a escola do Assentamento é um anexo dessa instituição. A prefeitura disponibiliza transporte para

³² Primeira professora (licenciada em História) que fizemos contato durante nossa pesquisa (2014-2) Vale considerar que durante o período da pesquisa (2014-2, 2015-1 e 2015-2) a turma pesquisada esteve com duas professoras.

³³ Tentei marcar uma entrevista com a professora a qual o menino Daniel se refere, mas, infelizmente não consegui localizá-la durante o período da pesquisa.

³⁴ No primeiro semestre de 2015 a escola já estava com uma nova professora. É importante considerar que as visitas à comunidade iniciaram no dia 11.11.2014, neste período a professora Rita de Cácia Mota estava assumindo a turma da Educação Infantil (crianças da nossa pesquisa)

³⁵ Período da pesquisa: 11 de novembro a junho de 2015.

³⁶ Possuía curso de Licenciatura em História

os profissionais que trabalham na zona rural, entretanto, as professoras³⁷ reclamam das dificuldades com relação às estradas e ao calor insuportável nas salas de aula “esta escola é muito distante, estou pensando em não retornar próximo ano” (Diário de campo, 26.11.2014).

Retomando a discussão do Projeto Político-Pedagógico da Escola (PPC), busquei localizá-lo, sem êxito, na escola situada no Povoado Aningas. Fiz contato com a Secretaria de Educação com o objetivo de ter acesso a fontes documentais sobre sua fundação da escola, como primeiros alunos, professores e data de fundação. A Secretaria informou que esses dados sobre a escola do Assentamento não foram localizados.

Fica assim evidenciado que a escola do Assentamento não possui visibilidade e relevância, visto que sua luta e existência estão totalmente relacionadas às famílias que ali residem e lutam pelo direito à escola e à educação. A escola precisa existir naquele espaço simplesmente porque as crianças não desejam sair do campo, as famílias entendem e tem consciência das dificuldades enfrentadas pelas comunidades que precisam transportar suas crianças para outros espaços. Conversando com as crianças da escola durante uma das atividades sobre a vida no Assentamento e a possibilidade de deixá-lo, elas responderam:

Sofia - porque nós fica estudando, brincando, muitas coisas a gente faz aqui. A gente gosta da Fortaleza porque a gente anda de bicicleta.

Daniel - porque na cidade as moto sai na carreira, porque é pequena a estrada aí nós não pode ficar brincando. Se não os homens pisa nós.

Sofia - aqui tem cisterna, tem pote, tem mesa, tudo! Comida e vaso. Tem banheiro, tem vaso, tem pia... (Entrevista, 13/11/2015).

Fortaleza tem tudo! Não querem estar em outro espaço. Nesse mesmo dia da entrevista acima referida, sobre deixar a comunidade, uma das crianças se apresentava triste e demorou muito para interagir com as outras crianças,

Letícia (muito tímida) - eu brinco de boneca em casa. De manhã eu solto os bezerros e vou escovar os dentes.

Daniel - o pai dela tá na firma (pai de Letícia).

Regina - onde é essa firma?

Crianças - lá em Poço, nas areias... (Entrevista, 13/11/2015).

Mais uma vez, o menino Daniel aparece nas entrevistas. É importante observar que, ao chegar à escola e reunir as crianças para as atividades, ele sempre estava presente e sabia falar com muita propriedade das alegrias e tristezas de seus amiguinhos. Ele entendia que, como o pai de Letícia estava trabalhando na “firma”, ela poderia ir morar em outra cidade e que isso

³⁷ As duas professoras que trabalham no Assentamento em salas multisseriadas.

não era coisa muito boa. Sobre o trabalho nas “firmas” é importante ressaltar que no período do verão, por falta de trabalho, muitas famílias precisam deixar a comunidade para buscar trabalho, somente retornando na época do plantio e da colheita. No caso acima, o pai de Letícia estava trabalhando em uma das “firmas” que nesse período costumam contratar pessoas que estão sem trabalho. Ainda sobre o Assentamento e a saída das famílias para o trabalho em outros espaços, uma outra criança foi citada pela professora da escola em uma das entrevistas:

Com certeza, isso eu não tenho nem dúvida, é tanto que quando eles saem daqui pra estudar fora, porque no caso aqui só tem até o quarto ano, pra eles é uma pancada muito grande, um impacto muito grande que eles sentem quando saem daqui. Maria tem um aluno que tem o que, mais ou menos um mês, que ele teve que sair porque o pai dele teve que trabalhar fora, porque eles trabalham em firma. Assim quando chega assim o verão que não tem como trabalhar, muitos não tem como trabalhar no campo aí eles têm de ir trabalhar em firma. Aí ela tem um aluno que teve, a mãe teve que sair daqui pra morar em Glória, porque o esposo dela ia trabalhar fora. Você precisa ver o sofrimento desse menino porque teve de sair daqui pra estudar fora, aí ela voltou aqui pro Assentamento, ela disse que foi uma tristeza, teve de voltar, e aqui é praticamente uma família, são todos parentes, mexeu com um, mexe com todos. Você precisava ver como eles ficaram as crianças da escola porque Samuel ia sair para ir embora pra Glória (Entrevista: 13.11.2015).

A identidade dessas crianças se constitui na construção e valorização dos seus espaços. Nesse sentido, a fala das crianças ajudou a romper com ideia de que a criança, devido às condições de vida, suas dificuldades e seus trabalhos infantis, poderia desejar estar em outros espaços, especialmente o urbano. A Sociologia da Infância ajudou a entender e perceber o universo da infância nessa relação de interpretação e reprodução da cultura, na linha do que pensa Corsaro:

A participação das crianças nas rotinas culturais é um elemento essencial da reprodução interpretativa. O caráter habitual, considerado como óbvio e comum das rotinas fornece às crianças e a todos os atores sociais a segurança e a compreensão de pertencerem a um grupo social. [...] Dessa forma, rotinas culturais servem como âncoras que permitem que os atores sociais lidem com a problemática, o inesperado e as ambiguidades, mantendo-se confortavelmente no confinamento amigável da vida cotidiana. (CORSARO, 2011, p. 32)

Sobre essas rotinas e adaptação das crianças ao universo histórico e social em que estão inseridas, algo chamou atenção sobre a vida do campo:

Coisas boas. Eu estudava, quando chegava em casa ia brincar, era bem bom quando eu era pequena. Meus pais e minha mãe eram boas pessoas com nós, não judiava, meu pai mais minha mãe deixavam eu a vontade. Criança aqui no campo é bom porque eles ficam a vontade. Muitos meninos da cidade quando vem pra aqui eles adora, porque fica à vontade, brinca de bola, se mela na terra, eu acho melhor do que na cidade porque aqui vive à vontade (ALESSANDRA SANTOS, 22 anos).

A liberdade do campo surge então na fala das crianças e dos adultos. As crianças brincam de vaquejada; se transformam em animais, plantinhas, bichinhos; são amarradas e carregadas como se fossem bois no curral... As rotinas culturais se apresentam através da representação e valorização da cultura.

Embora a escola se apresente relevante para as famílias do Assentamento, ao falar com a professora (2014-2) sobre uma proposta pedagógica que reconheça a vida campesina amplamente discutida nos documentos do MST e um direito garantido às crianças do campo, obteve-se a seguinte observação, “não tenho conhecimento, utilizo as atividades que constam nos livros que a escola utiliza através de meu planejamento” (Diário de campo, 10.02.2015). Para D. Iolanda, a escola deve “ensinar a ler e escrever” (diário de campo, 10.02.2015), essa é a função da escola para a Presidente da Associação de Moradores do Assentamento. Entretanto, quando entrevistada, D. Sinoélia argumenta:

Os meus já trabalha no leite essas coisas, mas a escola sempre bota uma faltinha, reclama que não pode estar fora da escola, eu digo mas não está fora é ajudando o pai, não, mas não pode mode o cartão da bolsa família. Na época da colheita não dá férias nenhuma, coloca falta. O meu pra fazer uma cirurgia, o de catorze, pegou quinze dias só, e os dias que tava fazendo os exames porque não compareci fui foi bronqueada, tive de ser chamada lá, e eu tinha avisado as professoras que ia, pronto não foi nem lá foi aqui no Assentamento agora, o menino fez uma cirurgia de hérnia eu avisava, hoje eu tô indo pra Glória fazer exame, muito bem botava lá, mas tinha de ter o comprovante de que passe pelo médico e como não consegui botava falta. Aqui não tem jeito que seja doente ou não tem de comparecer na escola. Não tem negócio de ajudar pai não, se for elas falam vá mas vá só um minutinho, só hoje, amanhã já não pode. Pelo menos aqui, já em Aningas é do mesmo jeito. (SANTOS, 27 anos)

Tem-se aqui a necessidade de uma reflexão sobre a escola e a comunidade na relação de pertencimento e dignidade humana. D. Sinoélia Santos, apesar de não conhecer os documentos que legalizam as escolas do campo, evidencia a necessidade de uma escola que perceba os saberes e fazeres da comunidade. Nessa perspectiva, percebe-se que os Movimentos Sociais³⁸ da comunidade pensaram a relevância da escola, entretanto, ainda não iniciaram a discussão sobre uma educação infantil do e no campo através de uma proposta pedagógica que reconheça a vida campesina.

Ao retornar à escola no primeiro semestre/2015, encontrei um cotidiano que se diferenciava do contexto anterior. D. Genivalda, antiga merendeira da escola, já não estava mais trabalhando, por questões de saúde. Como a escola possui um cotidiano que se mistura com a

³⁸ MST e Associação de Moradores do Assentamento Fortaleza

vida das famílias, a merendeira da escola passou a ser representada por uma mãe³⁹ de aluno, que já permanecia na escola durante as visitas anteriores ao Assentamento,

Eu venho aqui de vigia no lugar de meu pai, quando saio daqui vou pra roça cuidar do gado e ajudar meu esposo e quando chegar fazer minhas coisas em casa. [...] é meu pai mas eu trabalho no lugar dele porque a merendeira tá doente. Aí meu pai botou eu pra ajudar a merendeira aqui no colégio, fazer as coisas mais ela porque ela sozinha ela não pode fazer, aí eu fico no lugar de meu pai (ALESSANDRA, 22 anos).

Não se teve como saber por que a merendeira não foi substituída por outro funcionário. Certamente existe dificuldade em contratar profissionais de serviços gerais para a escola, fato que não justifica, no entanto, o trabalho da filha do vigia da escola. Como já referido anteriormente, o cotidiano da escola do Assentamento possui a característica de confundir atividades dos funcionários e com as das famílias das crianças, todos participam e ajudam coletivamente nos trabalhos da escola.

A professora anterior (2014-2) não estava mais na escola, as crianças agora estavam com outra professora⁴⁰, não diferente das outras, sua principal reclamação é a distância e o transporte que dificultam o acesso ao Assentamento. Sobre a escola, a professora fala “Um dia desse eu falei, vou pegar essa escola e levar pra mais perto de Glória (cidade onde reside a professora)” (ELVINA, 37 anos).

Como referido seguidas vezes neste trabalho, as crianças entendem a infância como tempo de escola e brincadeiras, não pretendem deixar o Assentamento, morar na cidade, querem sua infância campesina. Sobre o trabalho, elas falam de maneira muito tranquila, embora algumas questões tenham sido abordadas com reticências.

As informações coletadas sobre as crianças e a escola do Assentamento se conectam com os estudos históricos e sociais apresentados neste trabalho, especialmente os estudos de Del Priore e suas pesquisas sobre a história social da infância no Brasil e a sociologia da infância que muito contribuiu no processo de análise e estudo da infância.

³⁹ Filha do vigia da escola do Assentamento.

⁴⁰ Diferentemente da professora anterior, que possuía graduação em História, a nova professora possui graduação em Pedagogia.

4.2. A Vida nos Desenhos das Crianças

As infâncias do Assentamento Fortaleza se configuram em um universo amplo enriquecido pela experiência com a natureza viva em seus tempos e espaços diferenciados. A roça de milho, de feijão, de algodão, o pasto, o curral, as brincadeiras, a vaquejada, enfim, suas histórias de vida se entrecruzam, promovendo um movimento individual, familiar e social diferenciado.

Essa oportunidade e experiência de viver o mundo das crianças se apresentaram, no decorrer deste trabalho, não apenas nas falas, mas também em desenhos e brincadeiras durante as rodas de conversa na Escola do Assentamento. Em seus desenhos, elas traçaram os diversos ambientes que apresentam esses espaços diferenciados. Os estudos de Silva, Pasuch e Silva (2012) falam sobre os espaços sociais das crianças do campo,

As crianças ouvidas em vários estudos descrevem as infâncias vividas no campo, os espaços sociais, naturais, geográficos e culturais que se apresentam a elas como lugares de sentido. As referências que fazem do modo de ser e viver a cultura do campo expressam seu sentimento de pertencer a determinado contexto cultural (SILVA, PASUCH e SILVA, 2012, p. 102).

As referências que fazem de seus modos de vida se apresentaram em seus desenhos, as imagens abaixo retratam o cotidiano de suas vidas. As imagens 8 e 9, referentes a desenhos de Emílio e Daniel, apresentam o campo como lugar dos animais e da vaquejada⁴¹.

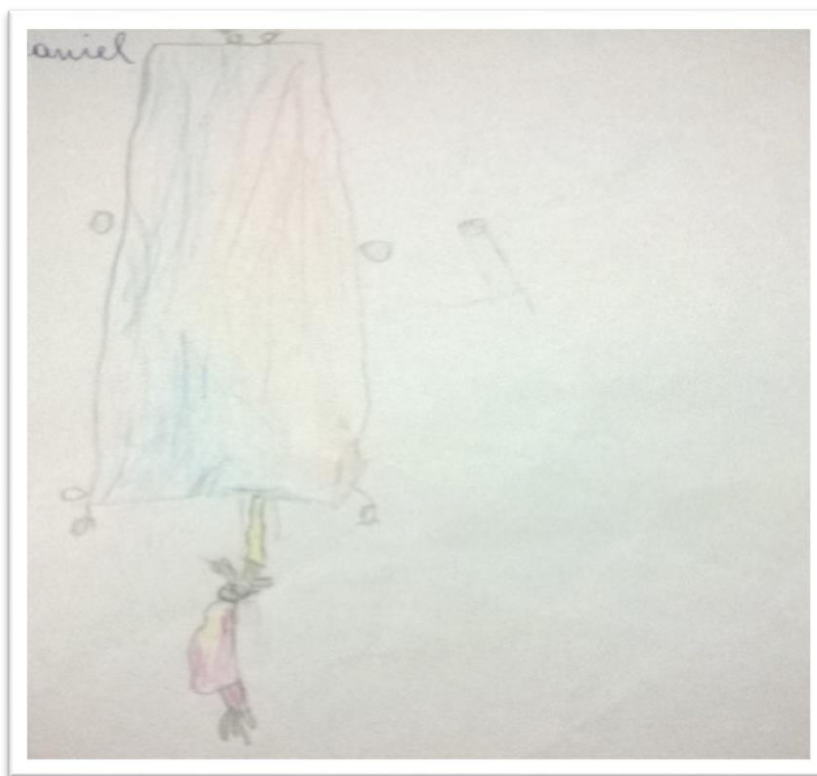
Imagem 8: Desenho de Emílio, 7 anos



Fonte: Arquivo de Pesquisa /10.05.2015

⁴¹Atividade recreativa e competitiva, com características de esporte, do Nordeste brasileiro, na qual dois vaqueiros a cavalo têm de alinhar o animal (boi) até emparelhá-lo entre os cavalos e conduzi-lo ao objetivo, onde o animal deve ser derrubado. Muito popular na segunda metade do século XX, passou a ser questionada a partir da década de 2010 por ativistas dos direitos dos animais em virtude dos maus tratos aos bois, que muitas vezes têm o rabo arrancado ou sofrem fraturas na queda. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vaquejada>

Imagem 9: Desenho de Daniel, 6 anos



Fonte: Arquivo de Pesquisa /10.05.2015

Solicitado a falar um pouco mais sobre seu desenho, Daniel contou a seguinte história sobre o nascimento de seu bezerrinho: “o homem foi lá, apertou a barriga da vaca e nasceu o bezerrinho que agora é meu” (Daniel, 6 anos. Diário de Campo). Ele viu o bezerrinho nascer! Não foi poupado da cena, estava presente nesse espaço de trabalho do homem da roça, que vive essa experiência em seu cotidiano. Daniel participou do nascimento do bezerro e falou com muito carinho de seu novo amiguinho (o bezerrinho).

O menino falava de um cotidiano de múltiplas vivências e experiências. Vale aqui registrar que a história de seu bezerrinho “tourinho” foi tão significativa que estava presente sempre que falava de suas histórias, fazendo perceber que esta representação social e cultural se apresentava em um contexto permeado de significados. Mais adiante, tem-se a história do porquinho, “[...] eu tenho um porquinho e não conseguimos pegar o porco para capar” (Diário de Campo). Os dois episódios representam a brincadeira e o trabalho, na primeira cena ele viu o bezerrinho nascer, evento muito frequente no ambiente rural, mais especificamente para os meninos que ajudam seus pais na lida da roça; no segundo episódio, tem-se acontecimento que aborda a questão do trabalho com os animais. Daniel não se sentia incomodado em falar sobre

suas atividades e brincadeiras. As experiências aqui relatadas evidenciam uma relação de identidade e pertencimento. O menino do campo! Aquele que interage com seus pares em diferentes contextos e espaços campestres. Sobre essas relações históricas e sociais da infância, vale lembrar Sarmiento “ser criança varia entre sociedades, culturas e comunidades” (1997, p. 17). As histórias do menino representam sua cultura e sua comunidade. Nos desenhos, as crianças continuam a *interpretar e reproduzir* (CORSARO, 2010) suas vivências e experiências do cotidiano.

A imagem 10 apresenta o retrato da ocupação, do homem assentado, um espaço que representa toda a luta do Sem Terra, ou seja, o espaço para viver, com a casa, o curral e os animais, entre outros. A terra agora lhe pertence, passados alguns anos, a família cresceu, os filhos e netos chegaram e a história continua, representada nos desenhos de meninos e meninas que vivem a vida campestre na sua mais perfeita relação de pertencimento e identidade.

Imagem 10: Desenho de Mateus, 6 anos



Fonte: Arquivo de Pesquisa /10.05.2015

Figura 11: Desenho de Natália, 6 anos



Fonte: Arquivo de Pesquisa /10.05.2015

Os desenhos foram compondo e definindo a história social e cultural da infância e expressando sua relação em seu modo de ser e de viver. As histórias que se apresentaram através dos desenhos representam uma estética diferenciada da vida urbana.

Nas imagens 10 e 11 tem-se a natureza representada através do sol, das árvores e do colorido do campo. Adenilson reapresenta o homem e o animal e sua relação de vida e de trabalho. Como já referido neste Capítulo, os animais possuem grande relevância para essas comunidades, são utilizados nos vários contextos da vida campesina, ou seja, nos trabalhos e atividades desenvolvidos no campo, e na produção de alimentos para as famílias. Natália, ao falar sobre o seu desenho, suas brincadeiras e o trabalho no campo, disse “quando a gente vai pra roça, a gente brinca de peteca no mato” (Diário de campo, 11 set 2014). De maneira muito tranquila a menina afirmava ajudar nos trabalhos domésticos, fato que não inviabiliza sua condição de criança e consequentemente suas brincadeiras.

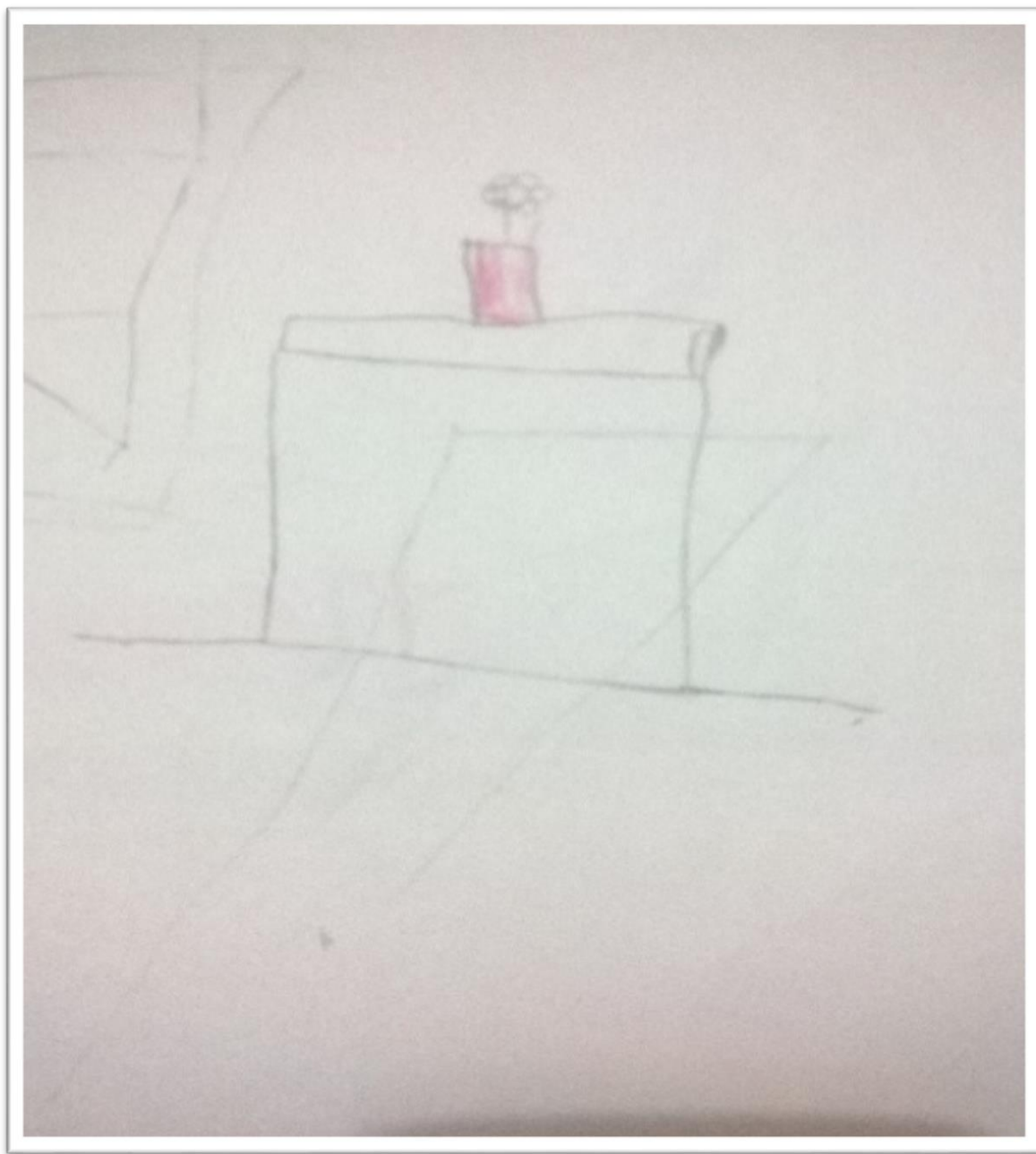
Imagem 12: Desenho de Adenilson, 6 anos



Fonte: Arquivo de Pesquisa /10.05.2015

Nos desenhos das meninas Letícia e Mariana, tem-se a representação do universo feminino, o recipiente com flores sobre a mesa, a casinha envolvida por corações, árvores e borboletas trazem uma infância permeada de valores e significados. As meninas utilizam-se de suas experiências, que se distribuem entre os afazeres domésticos junto às mulheres, enquanto os meninos representam a lida com os animais e a brincadeira da vaquejada. Segundo informação das crianças, as meninas não costumam frequentar as festas de vaquejada.

Imagem 13: Desenho de Letícia, 6 anos



Fonte: Arquivo de Pesquisa /10.05.2015

Imagem 14: Desenho Mariana, 6 anos



Fonte: Arquivo de Pesquisa /10.05.2015

E, assim, a infância do campo se apresenta sob as várias concepções de uma infância que se constitui na relação que compreende a casa, o campo, as brincadeiras e o trabalho específicos da cultura campesina. Acerca da infância das crianças na comunidade, tem-se o testemunho da mãe de Natália (6 anos):

Ela gosta daqui, quando a gente vai pra rua (cidade de Nossa Senhora da Glória) ela fica chorando pra ficar aqui, pra vim pra cá. Eu acho que ela gosta daqui porque na rua é preso né, a pessoa vai passear na rua, a pessoa não tem pra onde sair, e aqui vai pro colégio, vai ali na casa da vizinha, volta pra cá, aqui é mais melhor, né (SILVA, 28 anos).

A mãe de Natália falava da liberdade que o campo oferece para as crianças, elas brincam e interagem a partir da concepção de que a infância se configura em espaços coletivos de trabalho e brincadeiras.

Imagem 15: Desenho de João, 6 anos



Fonte: Arquivo de Pesquisa /11.11.2015

Imagem 16: Desenho de Jeferson, 6 anos



Fonte: Arquivo de Pesquisa /11.11.2015

Imagem 17: Desenho de Jorge, 6 anos



Fonte: Arquivo de Pesquisa /11.11.2015

As crianças falaram, à sua maneira, o que vivenciam e pensam sobre as suas vidas. Tive a oportunidade de saber como elas brincam e constroem suas brincadeiras; a relação com os animais; a aproximação com as relações de trabalho, que envolve roça; o envolvimento e cuidado com a criação dos animais, e, conseqüentemente, como se constitui este cotidiano. O desenho do pequeno João apresenta os bichinhos da roça; o de Jeferson apresenta a casa do Assentamento com muitas cores e o sol aparece sorrindo; Jorge ilustra o trabalho na roça. Seus depoimentos expressam um sentimento e uma identidade que fazem referência ao seu contexto histórico, social e cultural. Assim, é preciso reafirmar a condição das crianças do campo como sujeitos sociais, considerando que “a escuta sensível e comprometida com as crianças só é possível se colocarmos um lugar de importância social” (SILVA, PASUCH e SILVA, 2012, p. 103). As autoras entendem que as crianças necessitam de relevância social, especialmente aquelas negligenciadas em sua condição de sujeito de direito e de cultura.

4.3 Eu não Tive Infância

Este foi o discurso que permaneceu sobre a concepção dos adultos nas rodas de conversa e nas entrevistas, “*eu não tive infância*”!

Homens e mulheres entrevistados falaram de suas vidas, evidenciando as dificuldades financeiras, a pobreza, a situação de sem terra. Muitas concepções se entrecruzaram através dos testemunhos vivos presentes na memória dos moradores do Assentamento. Para algumas mães entrevistadas, as crianças do Assentamento, apesar de ajudarem nos afazeres domésticos, possuem mais tempo para as brincadeiras.

Uma infância pra dizer assim quando era no meu tempo tive as infâncias mais simples que as de hoje, a gente brincava e não era como as crianças de hoje, também nós sofreu muito porque a gente ajudava mais os pais, não é que nem as crianças de hoje, os de hoje não ajuda, só ajuda se botar mesmo, e pegar no pé, e infância pra mim eu não tive porque era trabalhando mais meu pai, era feixe de lenha na cabeça, era carregar água como daqui lá embaixo, era plantando palma, era trabalhando... Eu não tive infância, pra mim eu não tive, aí foi tanto, casei novinha com treze anos, então pra mim a infância foi muito pouco. E estou casada até hoje. Tenho um com dezesseis, o outro de catorze, essa de nove e o outro de seis. Pra mim as infâncias deles é melhor do que a minha (GONZAGA, 27 anos).

Ao refletir sobre a infância de D. Luciene Gonzaga, mãe de Daniel, pode-se perceber que, se retomada a entrevista com o menino Daniel sobre a questão de não estar carregando o saco de milho, e sim, palha de milho, as concepções de infância que se configuram nos espaços onde os adultos afirmam não terem tido infância, acreditando que a infância exige brincadeiras e tempo livre. Para eles, na infância de suas crianças não estarão ausentes os afazeres

domésticos. Nesse contexto, as concepções de infância dos adultos da comunidade se entrecruzam na relação de trabalho e brincadeiras.

Quando entrevistadas as crianças que participaram do momento da implantação da escola, fato referido anteriormente neste trabalho, as concepções de infância se apresentaram sob a perspectiva do trabalho como forma de subsistência para homens, mulheres e crianças. Retoma-se a questão do trabalho infantil, pois ele se apresentou nesse contexto social e cultural da vida campesina sempre que se abordaram a infância e as brincadeiras,

[...] não, não existia isso. Brincadeira nenhuma. Então, hoje a coisa mudou. Na verdade, né, porque até quadra já tem para as meninas brincar, os meninos as meninas, hoje a coisa é diferente e eu quero o melhor pra meus filhos e pra todos não (MOURA, 46 anos).

Suas lembranças da infância apresentam a inexistência de brincadeiras, comparando com o tempo presente, fala das mudanças significativas e da importância do brincar quando deseja “o melhor para seus filhos”. Sobre essas lembranças da infância pode-se, registrar ainda:

Olhe eu não sou bem de falar sobre essas coisas (risadas), no tempo da minha infância eu tirei o tempo todo na roça que pra acabar de acertado nem estudei então é uma coisa que eu não sei nem bem explicar sobre isso, é uma coisa pra mim sem explicação, porque a pessoa que anoitece e amanhece numa roça a semana toda, sabe dizer o que sobre a infância, nada (MOURA, 46 anos).

D. Iolanda Moura, mulher forte e determinada, Presidente da Associação dos Moradores da Comunidade, durante a entrevista estava com uma enxada trabalhando na reforma da igreja da comunidade. No momento da entrevista, a menina Natália estava participando de nossa conversa e falou “ela é a dona da igreja” (Diário de campo). Quando perguntada sobre a infância, ela afirmou com muita propriedade a ausência desse período em sua vida. O trabalho e as dificuldades vivenciadas por sua família não proporcionaram aquilo que ela pensa ser infância, ou seja, um tempo de liberdade, escola e brincadeiras.

Foi uma vida difícil, muito sofrida trabalhava alugado, trabalhava de enxada, quebrava milho nas roça do povo, apanhava algodão, oi hoje, nove anos, dez anos eu fui mocinha de tempo mesmo, já trabalhava de alugado, o dia mesmo, vendia os cinco dia pra viver, sobreviver. A gente trabalhava alugado, onde encontrasse (SILVA, 57 anos).

Considere-se agora a fala de D. Genivalda, a pessoa mais importante da escola, avó da menina Natália (que fala sobre ajudar na limpeza da escola). Por ter ficado no Alto Bonito durante o período de luta pela terra, D. Genivalda esteve totalmente envolvida na discussão sobre a implantação da escola e da comunidade. Percebi que, apesar de afirmar não ter tido infância, D. Genivalda não desejava que o mesmo acontecesse com as crianças da comunidade.

Foi D. Genivalda quem apresentou cada integrante da comunidade, sabia falar do cotidiano de cada um.

Assim, na minha época era bem diferente de hoje, na minha infância a gente não conhecia os meios de comunicação, era bem difícil, porque olha lá em Aningas o primeiro radinho que apareceu nossa, era uma coisa que a gente nunca tinha visto, e televisão, que nada... E hoje tá bem melhor porque as crianças tão diferentes do meu tempo, uma bola, um meio de transporte, tudo isso, a gente viajava a cavalo, era bem sofrido (MOTA, 55 anos).

Esse é o retrato das infâncias dos homens e mulheres do campo, especialmente para aqueles de classes menos favorecidas, cujas trajetórias de vida são marcadas por muitas dificuldades. Sobre a infância que não existiu, entendo que essa inexistência se configura não porque as famílias desejavam que suas crianças não brincassem, não fossem a escola, mas porque a ausência de moradia e trabalho impedem a existência da infância para esses sujeitos.

As concepções de infância nos diferentes contextos históricos viabilizaram uma reflexão sobre as práticas educativas que se constituíram através das interações entre seus agentes sociais no cotidiano campesino. Diferentemente das crianças, os adultos apresentaram um tempo histórico social e cultural permeado de trabalho no lugar de brinquedos e brincadeiras.

Nesse cenário, percebi que as concepções de infância apresentadas neste processo investigativo, tomando como principal objeto de estudo a infância do campo, revelam as práticas educativas que se constituem nesses espaços e se entrecruzam nas diferentes concepções dos adultos e das crianças. Para os adultos, apesar da ausência da escola, eles constituíram e firmaram seus objetivos com muita sabedoria e determinação, através da luta pela implantação da escola e na constituição da Associação de Moradores da Comunidade, espaço onde são discutidas e decididas as ações que irão favorecer a melhoria da qualidade de vida para os moradores da comunidade.

Nessa perspectiva, a concepção de infância implicava algumas questões que se distanciavam do cotidiano campesino, para os adultos a infância compreendia um tempo para brincar e para estudar. Portanto, para os entrevistados (adultos) do Assentamento Fortaleza a inexistência da infância surge na medida em que a brincadeira e a escola praticamente inexistiram. A partir dessa reflexão percebe-se que a infância no Brasil, enquanto categoria que a conceitua e a diferencia do adulto em alguns espaços, permaneceu e permanece ausente do cotidiano de muitas crianças brasileiras.

As concepções de infância apresentadas neste Capítulo, através dos depoimentos de crianças, adultos, diretor e professora da escola, coincidem e se entrecruzam, na medida em que, para muitos, ela não existiu porque nesse espaço temporal o contato com o brinquedo e as brincadeiras esteve ausente de suas vidas. Para a escola, não se percebeu a necessidade de uma educação contextualizada, onde as práticas educativas poderiam preservar a identidade de seus agentes sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apreensão do cotidiano da infância no Assentamento Fortaleza exigiu uma fundamentação histórica e sociológica da infância, objetivando uma discussão sobre a infância dos adultos e das crianças com base em suas temporalidades. Para o estudo da vida cotidiana da escola, os trabalhos de Azanha (2011) abriram os caminhos para uma discussão metodológica na perspectiva de analisar o dia a dia da prática educativa da escola, que, para esse autor, está ausente das “preocupações acadêmicas” (p. 58). Nesse contexto, busquei elaborar uma metodologia para analisar como se constituía o cotidiano da escola, das famílias e da comunidade no Assentamento Fortaleza, com vista a dar maior visibilidade a esses sujeitos e suas práticas educativas no universo escolar.

Os adultos surgem no viés da infância, afirmando que, para os mais velhos, os tempos de infância não ensinaram as brincadeiras e a escola, ao contrário, foram tempos de muito trabalho e muitas dificuldades, especialmente na luta pela terra, tendo muitos deles precisado estar com suas famílias nos acampamentos, na busca do muito sonhado pedaço de terra. Percebi que, na escola do Assentamento e na vivência com a comunidade através das entrevistas e das observações, o trabalho surge como uma contribuição das crianças para a família, ou seja, pode-se apresentar como prática educativa na medida em que todos participam e contribuem para a sobrevivência da família.

Inicialmente, elaborei algumas estratégias de trabalho buscando entender como se constituía o cotidiano da infância camponesa. As reflexões que surgiram através da revisão bibliográfica foram fundamentais no processo de elaboração e análise dos dados coletados através das entrevistas, das observações participantes, do diário de campo e dos desenhos das crianças. Esses instrumentos foram compondo e apresentando um cotidiano de muitas lutas e diversidades, com divergência considerável entre as infâncias das crianças e as dos adultos, na medida em que, durante as entrevistas, os pais afirmaram a necessidade da escola e do tempo livre para as brincadeiras, configurando um tempo de infância que eles não tiveram.

Enfim, entender como se constitui o cotidiano da infância camponesa no Assentamento Fortaleza, com suas práticas culturais e sociais próprias da vida do campo, proporcionou a inserção em seus espaços de vida e o entendimento de que a escola e a terra surgem como elementos fundamentais para suas vidas. A escola surge como fundamental e essencial para os filhos das famílias pesquisadas. Durante as entrevistas com os jovens que participaram da luta

da constituição da escola do Assentamento, muitas questões surgiram na perspectiva de negação dos direitos das crianças e dos adolescentes, porque muitos desses jovens precisaram abandonar a escola em razão de haver um “tempo para estudar no Assentamento”, ou seja, a escola existe apenas para aqueles que estão cursando a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (até o 5º ano). Uma das entrevistadas afirmou que se tivesse escola seria muito bom: “Eu terminei meus estudos na quarta série porque o marido não deixou, já no fim do ano eu passava pra quinta, aí no fim do ano ele não deixou mais. Eu ia para Feirinha, outro povoado, porque aqui só tem até a quarta” (GUIMARÃES, 22 anos). Por que escola só para um período específico da vida? O que significa a ausência de continuidade dos estudos das crianças do campo? Enfim, foram questões que surgiram durante o período da pesquisa, fazendo perceber que os meninos e meninas moradores do campo têm seus direitos negligenciados.

A criança surge como sujeito totalmente envolvido nas relações sociais e culturais. Durante as entrevistas e a análise dos desenhos, pude perceber uma infância que não se deixa dominar e depender do adulto, ela constrói sua identidade e sua cultura através dos saberes e fazeres por ela vivenciados. Nessa construção, elas reproduzem o mundo do adulto, elas brincam de vaquejada, elas trabalham na roça e elas lidam com os animais, entre outras atividades. E, mais significativo, não desejam sair dos seus espaços de vida, se identificam enquanto crianças do campo, a cidade surge com certo estranhamento, especialmente pela ausência de espaços livres para as brincadeiras.

Ainda sobre a escola de Educação do Assentamento, percebi que as salas multisseriadas dificultam o desenvolvimento das atividades, especialmente para os pequenos (4 a 6 anos) que, em sua grande maioria, se misturam com crianças de aproximadamente doze anos. Na minha primeira visita à escola (26/11/2014), constatou-se a presença de uma criança de doze anos com os pequenos e, mais grave, havia uma única professora na sala com mais de vinte alunos. Não existe uma sala de aula para as crianças pequenas, no entanto, elas estão na escola. Para a líder da Associação dos Pequenos Agricultores “apesar de todas as dificuldades a escola está mais próxima destas populações” (Diário de Campo. 26.11.2014). Se a escola existe, mesmo que sejam apenas duas salas de aula, já é uma conquista para as famílias do Assentamento. Como registrado no Capítulo III, tópico “a escola de uma sala só”, o Sr. Correia apresentou com muita sabedoria a luta das famílias pela construção da escola, que antes funcionava em uma casa que mais parecia “uma estribaria para cavalos”. A história de luta, tanto da escola quanto do Assentamento, demonstra a força e a vontade de garantir os direitos para essa população do

campo, não obstante as dificuldades enfrentadas. A ausente ou precária de escolaridade dos adultos não inviabilizou suas lutas e a construção de seus saberes e fazeres.

Dessa forma, a infância surge com suas temporalidades se diferenciando da idade adulta na medida em que a brincadeira e a escola estão presentes em seu cotidiano. A compreensão dessa infância está relacionada com os tempos de vida de cada um, produzindo, assim, diferentes infâncias, especialmente nos espaços campestres.

Abrem-se, então, novos desafios para a pesquisa do campo, tomando por referência os estudos históricos da infância e de seu cotidiano, para, assim, se poder cada vez mais bem compreender a infância e a escola nos espaços de vida e suas temporalidades.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillipe. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

ARAGÃO, Maria Cristina da Cruz. **A educação do campo e o programa escola ativa: uma análise do programa em escolas sergipanas**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. UFS, 2011.

ARROYO, Miguel. Propostas e práticas que interpelam as teorias pedagógicas. In: MOLL. Jaqueline. **Os tempos da vida nos tempos da escola**. 2. Ed. Porto Alfre: Penso, 2013.

ARAÚJO, Vânia Carvalho de. **Criança: do reino da necessidade ao reino da liberdade**. Edufes: Vitória, 1996.

AZANHA, José Mário Pires. **Uma ideia de pesquisa educacional**. 2ª ed.; Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2011.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB 1**, 3 de abr 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne>.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 5**, de 20 de outubro de 2010.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil**. Lei nº 8.069/90. Brasília: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. **Decreto Nº 6040**, de 07 de fevereiro de 2007, institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 08 jul. 2015.

_____. IBGE/Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dicionário das variáveis da Amostra do Censo Demográfico 2000**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/> Rio de Janeiro, IBGE, 2001. Acessado em 20/07/2015.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira [et al.] Organizadoras. **Oferta e Demanda de educação infantil no campo**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

BARROS, Monyse Ravena de Sousa. **Os sem terrinha: uma história da luta social no Brasil (1981-2012)**. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, 2013.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**. Acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola, Brasília, 2009.

BEZZON, Juliana. **Crianças assentadas e educação infantil no/do campo**: contextos e significações. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de São Paulo-Ribeirão Preto, 2012.

BRETAS, Silvana Aparecida. MARTINS, Maria Cristina. Infância, cidade e escola: itinerário da pesquisa com crianças na rede pública de Aracaju. In: NEVES, Paulo S. C. (org.). **Educação, cidadania, questões contemporâneas**. São Paulo: Cortez, 2009.

CALDART, Roseli Salete. **Escola é mais do que escola na Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tábula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 1995.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues; PEREIRA, Eleonora; CHAVES, Hamilton Viana. Estratégias de mediação em situação de interação entre crianças em sala de aula. In: **Estud. psicol.** (Natal) v.12 n.1 Natal jan./abr. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2007000100006>

CARVALHO, Regiane Carvalho Sbroion de. **Participação infantil**: reflexões a partir da escuta de crianças de assentamento rural e de periferia urbana Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade de São Paulo – Ribeirão, 2011

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o Saber**. Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Povos e Mares**. São Paulo: Nupaub, 1995.

DIAS, Ana Cecília Machado. **A infância registrada nos muros da escola**: um convite ao olhar. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Petrópolis: UCP, 2011

ENGELS, F. A. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FERRARINI, Pâmela Pitágoras Freitas Lima. MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. Memória social, educação e socialização de gênero: marcos a partir de um grupo de mulheres rurais. In: **Revista histedbr on-line**, Campinas, nº 57, p. 51-74, jun2014 – issn: 1676-2584

FERNANDES, Florestan. As trocinhas do Bom Retiro: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. Campinas: **Revista Pro-prosições**, v. 15 n 43, jan/abr, 2004.

FICO, Carlos. História do tempo presente, documentos traumáticos e eventos sensíveis. O caso brasileiro. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, p.43-59, jan/jun 2012.

FINCO, Daniela. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher**: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Campinas. Faculdade de Educação, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. In: **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 40 jan./abr. 2009

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Editora Paz e Terra S/A: Rio de Janeiro, 1970.

JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de. **Questões paradigmáticas da educação no campo no Brasil**: experiência emancipatória em construção. 2004

_____. Questões paradigmáticas da educação do campo no Brasil: Experiência emancipatória em construção. In: **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra, 2014. Disponível em: www.ces.uc.pt/LAB- 2014

JURICEMA, Quinteiro. **Infância e escola: uma relação marcada por preconceitos**. 2000. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Campinas, 2000.

LUCINI, Marizete. **Memória e História na formação da identidade sem terra no Assentamento Conquista da Fronteira**. Campinas: FE/UNICAMP, 2007. (Doutorado em Educação).

LIMA, Fabiana Ramos de; LEAL, Fernanda de Lourdes Almeida; SOARES, Luísa de Marillac Ramos. **Educação infantil**: Construindo Caminhos. Campina Grande: EDUFCEG, 2011.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MARTINS, Ludimila Gonçalves. **Diálogos sobre a história social da criança como sujeito de direitos pelo estatuto da criança e do adolescente**. Dissertação de mestrado. 1990. Espírito Santo- Vitória

MATTOSO, Kátia de Queirós (1988). O filho da escrava (em torno da Lei doVentre Livre). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 8, n. 16.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes B. de. **Infância e Historicidade**. 1989. 179f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

MOTA, Dalva Maria da. Dinâmica recente no espaço rural do município de Nossa Senhora da Glória/SE. **Revista Brasileira de Agroecologia**. 5(2): 126-138 (2010) ISSN: 1980-9735. Acessado em: 11.06.2015

MOLINA, Adão Aparecido. **A produção de dissertações e teses sobre infância na pós-graduação em educação no brasil de 1987 a 2005**: aspectos históricos e metodológicos. Tese de doutorado em Educação. Universidade Estadual de Maringá-PR, 2011.

MULLER, Fernanda. Um estudo etnográfico sobre a família a partir do ponto de vista das crianças. **Currículo sem Fronteiras**, v.10, n.1, pp.246-264, Jan/Jun 2010.

- PRIORE, Mary del (Org.). **História da criança no Brasil**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **O príncipe maldito: Traição e loucura na família imperial**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2006
- QVORTRUP, J. Apresentação Nove Teses sobre a “infância como um fenômeno social”. **Proposições**, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr.2011.
- ROCHA, Eliene Novais. N., GONÇALVES, José Wilson Souza, SANTOS, Tânia Mara Dornellas dos (orgs.). **Educação Infantil do campo: semeando direitos, colhendo cidadania**. Brasília, DF: CONTAG, 2011.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Narrativas adultas sobre lugares de crianças brasileiras: infâncias do campo. In: SILVA, Isabel de Oliveira. SILVA, Ana Paula Soares. MARTINS, Aracy Alves. (orgs.). **Infâncias do Campo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.
- SANTOS, Ramofly Bicalho dos. Histórico da educação do campo no Brasil. In: **II Seminário de Pesquisa em Educação do Campo**, 2011, Florianópolis. Anais... Disponível em. Acesso em: 27.07.2015
- SANTOS, Marilene. JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo de. O Pronera como política de educação do campo. **Anais do 5º Seminário de Nacional Estado e Políticas Públicas**. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario6>
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças: contextos e identidades**. Portugal, Centro de Estudos de Criança: Editora bezerra, 1997
- SERGIPE. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e da Ciência e Tecnologia. **Plano de desenvolvimento do arranjo produtivo de pecuária de leite e derivados do alto sertão sergipano**. 2008
- SILVA, Maurício Roberto da. **Trama-doce amarga: (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2003.
- SILVA, Ana Paula Soares da; PASUCH, Jaqueline; SILVA, Juliana Bezzon da. **Educação Infantil do Campo**. São Paulo: Cortez, 2012
- SILVA, Isabel de Oliveira. SILVA, Ana Paula Soares. MARTINS, Aracy Alves. (orgs.). **Infâncias do Campo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013
- SILVA, Elson Alves da. **A educação diferenciada para o fortalecimento da identidade quilombola: estudo nas comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira**. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC SP, 2011
- SOBRAL, M. N. Interfaces da Pesquisa em Educação In BRETAS, S.A. e SOBRAL, M. N. (org.) **Pesquisa em Educação: Interfaces, experiências e orientações**. Mimeo.
- SOUZA, Cláudia Moraes de. Uma escola para homem rural: a cultura popular, os camponeses e o movimento de educação de base (1960-1964). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 515-529, abr./jun. 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi - 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

FONTES

- CORREIA, José Bernardo. **Assentamento Fortaleza**, 2014 (comunicação Oral)
- CONCEIÇÃO, Jânio Santos da. **Assentamento Fortaleza**, 2014 (comunicação Oral)
- DANTAS, Elvina. **Assentamento Fortaleza**, 2015 (comunicação Oral)
- GUIMARÃES, Rosineide. **Assentamento Fortaleza**, 2014 (comunicação Oral)
- LIMA, José Nilton de. **Assentamento Fortaleza**, 2014 (comunicação Oral)
- MOURA, Maria Iolanda de. **Assentamento Fortaleza**, 2014 (comunicação Oral)
- MOTA, Maria Joseilma da. **Assentamento Fortaleza**, 2014 (comunicação Oral)
- SANTOS, Luciene Gonzaga dos. **Assentamento Fortaleza**, 2014 (comunicação Oral)
- SANTOS, Alessandra. **Assentamento Fortaleza**, 2015 (comunicação Oral)
- SANTOS, Sinoélia Gonzaga dos. **Assentamento Fortaleza**, 2014 (comunicação Oral)
- SILVA, Atevínia Bezerra da. **Assentamento Fortaleza**, 2014 (comunicação Oral)
- SILVA, Genivalda de Sá. **Assentamento Fortaleza**, 2014 (comunicação Oral)

APÊNDICES (Transcrição de Entrevistas)

Apêndice A: Entrevista com Natália e Daniel

Realizada em 26 de novembro de 2014

Eu sou Regina esse aparelhinho aqui vai gravar nossa voz, a minha, a de Natália e a de Daniel, eu posso ligar? Vocês deixam?

Daniel e Natália: deixo, deixo...

Bem, Regina estuda em uma escola que se chama Universidade Federal de Sergipe. Ela vai fazer um trabalho... (Daniel interrompe minha fala)

Daniel: vai dá pipoca?

Regina: Como vocês querem participar deste trabalho comigo então vocês vão pintar aqui essa folha do lado que diz que vocês aceitam nossa conversa.

Daniel: ai pai comprou uns pintinhos bem pequenininho assim, um monte de cabeça rapada... uns grandão da cabeça rapada, não foi Natália?

Natália: Foi, olhe o que eu fiz? Agora vou fazer outro desenho, você fez o olho da vaca?

Daniel: eu vou apagar esse.

Natália: Você não sabe fazer uma coisa? o que? Oi Daniel... Daniel? (as crianças ficam desenhando na folha de aceitação da pesquisa)

Durante a atividade as crianças apenas desenhavam bichos: coelhos, vacas, pintinhos.

Início da Entrevista:

Regina: Como é o nome do lugar que vocês moram? Natália: Fortaleza. Daniel: oi, tem São Paulo... Regina: E por que o nome é Fortaleza, vocês sabem? Natália – porque botaram. (Regina) E você Daniel sabe por que o nome Fortaleza? (Daniel): ah. Fortaleza! E quando vocês estão em casa o que vocês fazem? (Natália): cuido dos cachorrinhos e Daniel brinca de que? De carrinho, (Natália): e as moleca brinca de correr, Sofia cortou o pé aqui, e ficou espinhado! (Daniel): foi um pau bem amolado, ficou bem assim oi, rapado assim oi, ela tava brincando assim, sem chinelo aí entrou o pau dentro. Ela tava brincando de correr, ai ela foi correndo, correndo, sem o chinelo, aí pegou pu, e ainda tá assim, e ela chorando ai nós querendo tirar, ai mãe chegou e ai tirou. (Natália) nós brinca de boneca as vezes, brinca de colchão de deitar no colchão, de bola, as vezes, aqui no colégio nos brinca de bambolê. (Daniel) de pular corda, jogar corda, nós pega a coberta e bota no mato, nós dorme, aí brinca dentro dos mato

com os brinquedo. Nós brinca correndo gado! Atrás do boi levando o boi solto pra vaquejada, (Natália): é assim ele pega o boi, amarra e leva pra vaquejada pra correr. Entendeu? (Daniel): é o bezerro torinho. É o que a vaca pariu e eu tô botando o bezerro agora no mato, tô correndo todo dia. Davi corre mais eu atrás dele, eu Davi corre atrás dele, John Lenon. Tia, um dia minha vaca pariu aí quem puxou foi os homens, foi coisinha, foi meu pai e foi... E a vaca pariu um bezerrinho bem novinho, ele mamava na minha mão, e eu dava banho nele... (Natália): não Daniel! Em vaca não dá banho não!! (Daniel): era um bezerro que eu dava, no boinho. (Natália): Não dá não, só dá sabe em que? Em cachorro! (Daniel): em cavalo, tem escova de dá banho no cavalo. (Natália): coelho pode dá banho, e que mais... (Daniel): botar água nos pés de planta, e botar água quando tá morrendo, botar água na caixa, aí pai comprou um caixa de aguar as plantas, não, as caixas é pra nós tomar banho. Pai pega do rio, nós toma banho no rio. (Regina): onde é o Rio (lá perto não existe rio, mas sim um açude). (Natália): o rio é na casa dele, ele tem um tanque, eles nada. (Daniel): nós fomos lá pro fundo, nós deu um mergulho, pai encheu a caixa pra nós tomar banho. (Natália): ele pega água só dentro de um tanque mais Sofia, ele quase se afoga dentro de um tanque, mais Sofia, a menina pequeninha. Vai tirar o que, né Daniel, vai pegar mato né? Ele vai pegar milho. (Daniel): cortar milho pras vaca, eu sozinho mais pai. (Natália): não, mas você leva num saco. (Daniel): não!!! (Natália): é sim. (Daniel) é paia de milho que eu vou levar pras vaca todo dia! (Regina): e você gosta de fazer isso? (Daniel): gosto. (Natália): ele gosta de brincar, mas a mãe dele nem deixa ele ir lá pra casa brincar com os amigos, nem deixa ele ir pra casa de Mariana, pra casa de ninguém. Só fica sozinho, a irmã dele disse que o pai dele é chato. (Daniel): eita que mentira!!!! Não é não Natália!! (Natália): é sim, a sua mãe disse, venha pra cá com essa mentira. (Regina): Daniel, você gosta de seu pai? Gosto. (Regina) Natália, me conte, você também ajuda sua mãe? (Natália) Eu passo pano na casa, as vezes eu venho pro colégio ajudar minha vó, trago café pra ela, encho o filtro, as vezes eu passo o pano aqui, depois passo na sala. (Regina): você gosta dessa escola? (Natália): gosto. Aqui foi legal num outro dia, não tinha o dever, tinha geladinho, nós bagunçou tudo, os meninos botava uns negócios em nós (Daniel): aí nós ganhava pirulito, tinha Chiquinha da novela. (Regina): Daniel você falou que quer fazer o que? (Natália): ir pra casa dele. (Daniel): aí nós comia, como é o nome daquilo que nós comia, queijo dentro de um pão, e mortadela, não, como é o nome do outro? Mortadela é queijo é? (Regina): não é um tipo de carne. Daniel: é um dessa cor aqui (aponta pra um rosa claro). (Natália): oi eles come rapadura, as vezes eu dou roupa a ele, eu dou roupa a Daniele, Sofia eu dei uma calça a ela. Eu dei uma chinela da Xuxa, eu dei uma bolsinha, não foi? (Daniel): mãe

tem uma chinelinha bem pequenininha pra dá pra bebezinha dela. Regina; Que bebezinha? (Daniel): o menininho de mãe. (Regina): onde está esse menininho? Daniel: um menininho e uma menininha. Mãe não vai pro hospital agora não. Só vai depois, no outro dia.

Regina: então vocês gostam de morar aqui? Quem quer ir embora daqui?

Daniel e Natália: nós gostamos muito daqui. Nós brinca aqui, tem mais espaço, (Natália): eu queria ir pra São Paulo conhecer minha prima. (Daniel): tem uma mulher que gosta deu, (Natália): era ela que gostava de você era Regina. (Daniel): era tu que estudava naquela escola lá era? (Regina): não. (Daniel): não é essa não é outra. (Regina): quem é essa mulher? (Natália): ela tinha esse tamanco? (aponta pra minha sandália) Daniel: acho que era. (Natália): então era Regina. Daniel: aí a professora já tava na hora de ir pra casa aí eu vi ela na sala dos meninos (Natália): aí você foi lá dentro e deu um abraço nela. (Daniel): foi, ela pegou no meu braço. Regina: e você gosta desta professora que está aqui? (silêncio) Daniel: gosto dela?! Natália: (muda de assunto) às vezes nós gosta de comprar roupa, tamanco, eu tenho tamanco. Daniel: tomar banho. Natália: é tomar banho, arrumar o cabelo. (acabamos a entrevista porque as crianças precisavam fazer o lanche)

Apêndice A1: Entrevista com Maria Letícia, Sofia, Alex, Erivan e Daniel

Realizada em 13 de novembro de 2015

Então todos concordam em gravar a voz de vocês aqui neste aparelho? Meu nome é Regina, hoje vamos conversar um pouquinho sobre a vida de vocês aqui na comunidade e na escola. Cada criança vai fazer um desenho nesta folha, assim vocês estão dizendo que concordam em conversar com a professora Regina. (as crianças estavam muito agitadas e demoraram para iniciar a conversa)

Regina: Alex, vamos conversar um pouquinho... Me fale um pouco sobre o Assentamento, você gosta de morar aqui?

Alex: (demora bastante para responder, uma criança muito tímida). Gosto, porque eu gosto de estudar e de vim aqui, morar aqui, brincar com meus colegas. (continua seu desenho, não quer falar muito).

Letícia: é e você só brigando, ai gosta né (se refere a Alex informando que ele gosta é de briga).

Alex: a brincadeira que mais gosto é roda gigante. Tem uma que é bem grande, amanhã nós vamos brincar no parque, tem um pula-pula (o parque fica na cidade de Nossa Senhora da Glória).

Crianças: nós vamos pro parque, pula-pula...

Alex: vamos pra vaquejada. Ajudo meu pai, solto os bezerros e apiu as vacas.

Letícia: e pela manhã eu vou tirar o leite mais mãe e pai.

Alex e Daniel: e eu solto os bezerros para eles ir pras vacas.

Sofia: eu gosto de brincar de pular corda, de correr, de esconde-esconde.

Alex: aí eu brinco de carrinho (e aponta pra Letícia)

Letícia: eu não brinco, eu não sou homem

Letícia (muito tímida): eu brinco de boneca em casa. De manhã eu solto os bezerros e vou escovar os dentes.

Daniel – o pai dela tá na firma (pai de Letícia)

Regina: onde é essa firma?

Alex- Lá em Poço, nas areias...

Daniel: mainha levou eu lá pro Poço, aí eu trago as mangas, nasceu minha irmãzinha, é uma menina.

Regina: Quem gosta de vir para escola?

Eu (todos) brincar de jogar bola, de correr

Regina: quem vai pra vaqueja?

Alex, Erivan e Daniel : eu vou!

Alex: Sofia não vai pra vaquejada

Sofia: porque eu não sou homem!

Daniel: eu vou na besta!

Alex: Não, mulher também vai, minha mãe vai também!

Sofia: eu e Daniel a gente lava os pratos de noite nós vamos jogar bola na quadra, aqui (aponta pra quadra da escola).

Daniel: Alex fica no gol e eu fico jogando

Regina: se fosse pra morar na cidade ou morar aqui o que vocês iriam preferir?

Crianças: queríamos ficar aqui

Sofia: porque nós fica estudando, brincando, muitas coisas a gente faz aqui. A gente gosta da Fortaleza porque a gente anda de bicicleta

Daniel: porque na cidade as motos sai na carreira, porque é pequena a estrada, aí nós não pode ficar brincando. Senão os homens pisam nós.

Regina: e água na casa de você tem?

Sofia: tem cisterna, tem pote, tem mesa, tudo! Comida e vaso. Tem banheiro, tem vaso, tem pia...

Regina: e você gostam de ser crianças? O que o adulto faz que vocês não gostam muito?

Crianças: ficaram sem saber como responder.

Pergunto: vocês trabalham, quem vai pra roça com o pai e com a mãe?

Crianças: todas afirmam que vão.

Daniel: tirar leite.

Alex: pegar milho

Sofia: um dia eu fui pra lá mais Daniel aí eu tomei de Daniel , nós trabalha!

Alex: tira leite, bota comida para as vacas

Sofia: um dia nós assemos milho lá em casa, depois nós demos as palhas para os bezerros, eu assei uma espiga de milho para as pessoas, uma dia que você for lá vou assar uma pra você.

Daniel: um dia você foi lá, aí você perguntou, cadê os milhos. Você nunca mais foi. (estava falando da minha última visita à sua casa)

Apêndice B: Entrevista com Altevânia Bezerra da Silva

Realizada em 26 de novembro de 2014

Altevânia: Meu nome é Altevânia Bezerra da Silva, minha idade é 28 anos. Regina: queria saber como foi que vocês chegaram aqui no Assentamento? Um pouquinho também da história da escola de Natália. Altevânia: do Assentamento aqui foi quando minha mãe pegou o sem terra aí nós veio de Glória para aqui. Regina: eu queria que você falasse um pouquinho mais sobre o assentamento... Altevânia: nós morava em Glória, minha mãe foi quem pegou o sem terra ela é quem sabe falar essas coisas. Quem pegou foi ela, ela foi pra Xingó perto de Canindé aí depois mudaram para aqui pra essa fazenda (silêncio) – e você acha que foi bom vir pra cá? – eu acho que foi né, que aqui é bom, não é ruim (silêncio) aí eu não sei né, dizer assim, eu sei que quem pegou foi mãe aí já tem 16 anos que agente mora aqui. – (Regina) Sua mãe está envolvida com o MST ou não? É, tá sim (silêncio) (Regina) quem é o presidente do MST aqui? – é Dona Iolanda que mora lá na outra rua. (Regina) o que você acha da escola para os meninos? Entrevistada: é importante porque de primeiro não pegava com quatro anos, de primeiro pegava com sete, hoje em dia pega com quatro, (Regina) o que você acha da necessidade da creche aqui no assentamento? Entrevistada: ah! Creche não tem não !!!!!!! Regina: mas você acha que é importante? Entrevista: é, pode ser....eu deixava, mas sei que isso não vai ter não!!!!!! Aí é difícil! Regina: me fale um pouco da sua infância. Entrevistada: a minha infância, criança só dá pra brincar né, vai pra escola, só (silêncio) Regina – mas assim o que você acha, foi uma infância feliz, existiram problemas, me fale um pouquinho mais. Entrevistada – já tem dezesseis anos que nós mora aqui, (silêncio) sim, me fale um pouquinho desse sua história. Entrevistada: quando chegamos aqui era ruim, porque não tinha água de primeiro, Barbosa é que empresava do tanque, só prestava a água daquele tanque ali pra lavar roupa, pra beber era na Sergipe, porque a água do Barbosa não prestava, tá prestando agora de uns tempos pra cá, a água era verde sabe, quando nós veio morar aqui. Carregava o balde na cabeça, aí era difícil, agora é que tá tudo mudado. Regina – então tem dezesseis anos que vocês estão aqui, e sua mãe quando ganhou o lote, ela plantava? Entrevistada – mãe? Ela plantava e ainda planta, milho, feijão. Regina – me fale um pouco sobre a história do sem terra, muitos falam que alguns ganham os lotes e vendem, o que você pensa sobre isso. Entrevistada: bem verdade é que muitos vendem, aqui tem poucos moradores, a maioria já venderam tudo. Assim que pegava, hoje mesmo, assim que pegava o dinheiro do PROFERA, amanhã mesmo já passava pra outra pessoa. REGINA: e por que você acha que eles faziam isso? Entrevistada: tá porque não queira a terra hoje em dia tá todo mundo aí sem nada. Muitos moram lá pra rua. Agora as pessoas que compraram mora aqui. Essa casa aqui foi meu marido que fez quando eu tava grávida de Natália. Regina: você casou com quanto anos? Entrevistada; eu tinha dezoito anos. Regina: e

você estudou? Entrevistada: estudei na feirinha (povoado mais próximo do Assentamento). A gente ia de ônibus, saía quatro horas da tarde e chegava umas doze meia da noite. Chegava esse horário porque ia pra outros povoados, ia pra Zeca e depois Cachoeirinha, nós ia pra Feirinha, passava na lagoa das Pia, passava em muito lugar primeiro. Regina: me fale um pouco de Natália. Entrevistada: hum! Perigosa! Se deixar bate isso daqui tudo, (silêncio), mas nós não deixa não. Ela gosta daqui, quando agente vai pra rua (cidade de Glória) ela fica chorando pra ficar aqui, pra vim pra cá. Eu acho que ela gosta daqui porque na rua é preso né, a pessoa vai passear na rua, a pessoa não tem pra onde sair, e aqui não vai pro colégio, vai ali na casa da vizinha, volta pra cá, aqui é mais melhor né.

Apêndice C: Entrevista com Maria Iolanda de Moura

Realizada em 26 de novembro de 2014

Meu nome é Maria Iolanda de Moura, tenho 46 anos. Regina: queria saber um pouco a história aqui do Assentamento, como ele surgiu... Entrevistada: agente tava acampado lá no Oito Bonito, aí o INCRA resolveu dar um despejo, aí trouxe 46 famílias que tava no Oito Bonito pra essa Fazenda aqui, aí também foi logo desapropriada e aí agente deixou de ser acampado e sim Assentado. O MST ajudou muito, orientou as pessoas, ele sempre fazia reunião aqui, explicava muita coisa, através deles agente também tirou muito projeto, e quem se interessou pra agente tirar os projetos foi através do MST, por isso que eu acho um ótimo trabalho do MST aqui no nosso Assentamento, há dezessete anos que nós mora aqui e graças a Deus através do MST aqui melhorou muitas coisas. Regina: o que você acha de algumas pessoas vender a terra, não utilizar a terra... Entrevistada: não entendi. Regina: é porque comenta-se que muitos assim que adquirem a terra vendem... me fale um pouco da realidade de vocês aqui. Entrevistada: aqui teve gente que ganhou a terra, aqui ninguém invadiu. Na verdade quem tá aqui foi tudo autorizado pelo INCRA, entendeu, o INCRA que aceitou mas você sabe que tem problema tem, em todos assentamentos tem problema, quanto mais o assentamento fica velho é que tem mais problema, aí uns quer sair, já houve venda de lote, já. Uns vende porque não quer trabalhar, e quem quer trabalhar compra, e tá trabalhando, e graças a Deus aqui nunca teve problema demais. Pra dizer alguém invadiu, não, nós estamos aqui com autorização do INCRA, e graças a Deus todo mundo trabalha, todo mundo se une. São quarenta e seis famílias, na verdade Assentado, viu! Nós somos assentados, mas se for olhar as famílias, tem muitas, porque já tem muitos filhos de assentados que já são casados e ali faz uma casinha encostado da casa dos pais, ou no terreno, então tem muito mais, agora assentados mesmo é quarenta e seis. (Regina) agora vamos falar sobre a escola, me conte um pouco a história dessa escola? Entrevistada: pronto essa escola aí houve um pessoal que dizia vamos lá construir, mas que precisou agente ajuntar umas crianças, eu não sei se d. Genivalda já lhe explicou isso, aí agente ajuntou uma grandeza de criança, nesse dia eu não pude ir, mas d. Genivalda foi, inclusive a minha criança foi com ela, e todas as crianças foi lá para Aracaju, na secretaria de educação, na frente do Palácio do Governador, e pra fazer o pedido e eu sei que teve através desses pedidos uma ajuda também do MST, entendeu, que foi quem incentivou. Com poucos tempos tinha colégio feito aqui no assentamento, isso foi através do pedido que o MST incentivou agente ir pra frente do Palácio do Governador. Uma das coordenadoras das crianças foi D. Genivalda. Eu acho que ela vai falar essa mesma história. E graças a Deus o colégio chegou até nos. Através de luta do MST junto com nós.

Regina: agora eu queria que você me falasse um pouco mais de sua infância... o que você pensa por infância, o que é ser criança...

Entrevistada: olhe eu não sou bem de falar sobre essas coisas (risadas), no tempo da minha infância eu tirei o tempo todo na roça que pra acabar de acertado nem estudei então é uma coisa que eu não sei nem bem explicar sobre isso, é uma coisa pra mim sem explicação, porque a pessoa que anoitece e amanhece numa roça a semana toda, sabe dizer o que sobre a infância, nada.

Regina – mas na roça você brincavam?

Entrevistada: não, não existia isso. Brincadeira nenhuma. Então, hoje a coisa mudou. Na verdade, né, porque até quadra já tem para as meninas brincar, os meninos as meninas, hoje a coisa é diferente e eu quero o melhor pra meus filhos e pra todos não.

Regina: não tem nem uma lembrança boa...

Entrevista: não, de diversão nenhuma. Os meus pais era muito bom, agora bom porque não andava batendo, graças a Deus, mas também não liberava nós pra escola pra não tirar da roça, eu não posso mentir eu vou contar o que foi acontecido, muito pelo contrário o que eu fiz com os meus filhos porque fiz o que pude pra oferecer o melhor, agora só o que estuda é esse, porque os outros não quis, mas esse (estava perto dela trabalhando de pedreiro na calçada da igreja) aí estuda. Eu tenho três filhos, pras minhas condições tá bom.

Regina: e a história de vida das crianças do assentamento hoje, o que você acha?

Entrevistada: pronto, eu diria que assim, as crianças não tem diversão. A diversão aqui é vai pra escola que todos estuda graças a Deus, mas também não tem diversão nenhuma.

Regina: nestes últimos dezesseis anos mudou muita coisa

Entrevista: sim nós temos uma boa administração aqui no colégio, isso já é uma benção de Deus. Também já construímos essa igreja aqui (graças a deus). Já tem uma boa catequese aqui, é uma coisa que ajuda o dia a dia também

Regina: todas as famílias são católicas?

Entrevistada: Quase. Só tem uma família ali que não é. Todos os domingos ensinamos as crianças o catecismo. 22 crianças já fez a primeira eucaristia, já teve muito casamento aqui dentro, muitos batizados e todo mês nos temos missa. E em nome de Jesus tá indo tudo muito bem.

Uma das coisas mais importantes do mundo é escola. Porque as crianças deixam de ser umas pessoas tão desentendidas, porque tando na escola só aprende coisa boa.

Regina: você acha que existem diferenças entre as escolas do campo e da cidade?

Entrevistada: bem essa eu não vou saber responder porque eu não conheço as escolas da cidade, aí eu não sei dizer qual é a diferença, se é melhor, pior, não sei.

Regina: você acha que estas crianças gostam daqui?

Entrevistada: acho que sim, até porque eles não conhecem outra vida e é também acostumado com essa.

Apêndice D: Entrevista com Genivalda de Sá Silva

Realizada em 26 de novembro de 2014

Regina: eu queria que a senhora me contasse um pouquinho a história do assentamento

Entrevistada: bem minha filha, eu tive um problema pra escrever meu nome desde que a minha primeira filha nasceu, aí é só esses garranchinhos aqui (explicando sobre a assinatura do seu nome, quando pedi para que a mesma assinasse o termo de consentimento).

Nossa história foi longa, de nosso colégio aqui porque quando eu cheguei aqui era, a gente não era já morador, agente era assentado, aí pra recomeçar o colégio aí nos começamos a trabalhar numa casa, assim, numa garagem, aí teve o primeiro professor, foi, esse menino já morreu, Zé Vieira, que era a mulher dele que ensinava, após do Zé Vieira, veio outro menino chamado Gilson e agente trabalhamos com eles, após do Gilson veio outros professor, aí, como é que diz ficaram quase dez anos junto com nós, após de dez anos nós continuamos nosso trabalho, esse colégio aqui, após de lá, aí nós foi uma caminhada pra Aracaju com os alunos, representamos em Aracaju, em Glória eu o professor chamado Gerne, vocês conhecem? Só não a professora Elielma não foi não, só foi nós, o S Miguel e outro Miguel, porque tem o sobrenome José Miguel dos Santos e o outro eu não sei do sobrenome entendeu como é minha querida? Eu sei que foi com nós, e foi como nós conseguimos esse colégio e até hoje nós se encontra aqui, então a primeira funcionária que chegou pra trabalhar com as crianças foi eu, hoje já são casados, as meninas já é casadas, o rapaz também já são casados, tudo pai de família e mãe de família, e ainda hoje eu continuo no meu trabalho.

Regina: e o que foi que a senhora acha que essas crianças, esse começo da escola... O que essa escola significou pra eles naquele momento, a história deles?

Entrevistada: pra história deles significou uma dignidade com mais respeito porque lá onde nós trabalhava era poeirão fazendo ração, ía a poeira pra lá, agente carregava agua na cabeça também da fonte pra abastecer o colégio e o trabalho todo, fazer limpeza, merenda, era tudo na cabeça, né verdade, e hoje nós se encontra com uma caixa aqui ao lado do colégio não é verdade, banheiro que lá também não tinha era uns banheiro velho lá a toa, e hoje eu acho com mais respeito tem um muro, antigamente não tinha, tem mais higiênico, sobre ao povo entravava, fazia xixi, entendeu como é de noite, os homens bebia, não tinha muro... e hoje pra eles tá uma dignidade, porque antigamente não teve essa dignidade e hoje com as nossas pequenas força e coragem minha filha, nós enfrentamos Aracaju, Caixa, INCRA, como é que diz, esses mundo aí, sabe que horas nós veio chegar de Aracaju, foi duas horas da manhã com todos os alunos que os pais liberaram

Regina: a senhora teria algum documento, alguma foto para nos mostrar ...

Entrevistada: documento não filha, agora testemunhas nós temos, não tem nenhum papel porque nós não peguemos em Aracaju e nem em Gloria porque nós só fez a representação. Essa parte dessa papelada tem na secretaria de educação. Não tem porque nesse tempo as coisas era ... As dificuldades era tudo mais hoje, tudo hoje em dia, tudo representado no papel é essas coisas e hoje tá mais presente ao todo.

Regina: eu queira que a senhora falasse um pouco mais destas crianças que estudaram aqui antes, neste período Como foi a vida delas depois da escola?

Entrevistada: após o colégio desse daqui que é até a quarta série, que aqui ensina até a quarta, após eles vão pra outra cidade, que se chama Feirinha, hoje uns foram pra Feirinha, outros foram pra Gloria, os que estudaram até mais o menos, mais alto a série, e outros fica, agora nesse início quando sai daqui vai pra Aningas e outros que tá em um estudo mais alto vai pra lagoa bonita, vai pra Gloria, não é verdade, e os daqui é esse.

Regina: o que a senhora entende por infância

Entrevistada: por infância eles são assim umas crianças que eles gostam de ser divertido, gosta do amor, do carinho, gosta de festinha, toda criança gosta né, gosta de brincar, ter sua vida, criança é criança, agente não pode surpreender...

Regina: e a infância da senhora, me fale um pouquinho

Entrevistada: a minha infância minha filha, foi tão difícil meu amor, quando eu tinha treze anos de idade, antes de treze anos eu casei, minha mãe não tinha marido foi muito difícil a vida. (silêncio)

Regina: a senhora morava onde?

Entrevistada: eu me criei assim mais nos interior, entendeu como é, mas ai eu já estudei no Cícero Bezerra, eu já estudei em outros colégio mas foi pouco, porque minha mãe não tinha marido, meu pai deixou minha mãe então eu fui criada que nem, um enjeitadinho assim só tinha minha mãe e meu pai no caso era mãe e pai né, no caso, então, foi uma vida difícil, muito sofrida trabalhava alugado, trabalhava de enxada, quebrava milho nas roça do povo, apanhava algodão, oi hoje, nove anos, dez anos eu fui mocinha de tempo mesmo, já trabalhava de alugado, o dia mesmo, vendia os cinco dia pra viver, sobreviver e hoje em dia as crianças. Agente trabalhava alugado, onde encontrasse. Não tinha dignidade de serviço certo, por exemplo a senhora dizia d. Genival da eu preciso da senhora, e seu pai ou sua mãe pra trabalhar os cinco dia, na enxada na minha roça, nós ia, ia com a família, não era assim sozinha, entendeu é com a família que agente ia, então, treze nos eu casei, sofri muito, briguei o marido era muito bruto, bebia muito, me judiava, e eu minha filha, como criança tudo eu escondia, porque treze anos,

doze, quer dizer que eu completa treze anos no dia vinte de são João, casei no dia 23 de março, casei com doze anos não é verdade ? Aí minha filha sofri muitos anos, sofri, apanhei, fui humilhada, mas consegui graças a Deus, hoje em dia tive onze filhos desse homem, trabalhava com a barriga desse tamanho na roça do povo, quando ele me engravidava entrava no mundo, mas eu ia fazer o que minha filha, era o pai de meus filhos, o povo dizia é seu marido, não sei o que...a família me dava muito conselho, então quando agente assim é mais novo não tem muita noção, era o meu caso. Eu sofria, eu escondia da minha família, mas eu não podia representar pra eu não vê briga, desavenças, então eu sou uma pessoa muito sofrida, trabalho aqui no colégio, trabalho na roça,

Regina: e sobre creche,

Entrevistada: ah, creche já trabalhei em uma creche, o pe. Leon Gregório, eu trabalhava lá na creche velha, eu acompanho criança não é de agora não, nós tem foto até na Bélgica.

Regina: a senhora foi pra Bélgica

Entrevistada: não agente tem foto, o povo que vinha né, ai nos trabalhava lá na creche, ai como é que diz eles tirava foto dos funcionários, dos trabalhador tudo,

Regina: e aqui o que a senhora acha da creche, sabemos que a educação é um direito de toda criança, e a senhora acha que aqui no assentamento seria interessante uma creche?

Entrevistada: minha filha, seria muito interessante sabe porque, vou te explicar, aqui não tem do que um pai de família de apegar pra manter seus filhos bem confortável, na verdade uns tem, mas outros não tem, uns tem mais um poderzinho, tem um bichinho que cria, outros coitadinho não tem condições de chegar ate lá, e se tivesse uma creche eu acho assim, pra aquelas mães que tem umas criancinhas pequenininha, que queira ajudar seu marido porque eu mesmo trabalhava, não trabalho ainda hoje pra sobreviver, porque eu ganho aqui um pouquinho mais não dá pra mim viver, eu preciso de remédio, só dependente a remédio, tenho problema de diabete, de pressão, de nervo, então o que eu ganho daqui não da pra eu me manter, me falta alguma coisa e pra me interter eu vou pra minha roça espairer um pouco, caminho, trabalho quando guento, quando não guento eu não trabalho

Regina: então a senhora acha que a creche seria importante

Entrevistada: se aqui tivesse uma creche, um posto de saúde que nos não tem, como agora mesmo vai fazer o que três mês que eu não passei numa medica por que, a medica veio um mês eu não estava, nos não foi avisado, não sabia, pronto vai fazer três meses, nos somos dependente do remédio, se nos não tem o remédio, não tem um medico pra representar nos, o que é de nós,

porque aqui não é só eu que depende de medico é muitas pessoas, pressão, diabete essas coisas, ai não tem. Creche, um posto medico isso aqui é importante demais

Regina: e a senhora acha que as mães confiariam em deixar os bebês na creche?

Entrevistada: bom, ai minha filha pra nos chegar até a esse ponto nos tem que fazer uma reunião, marcar com as mães, nos se reúne todo mundo e manda convidar as mães pra nos representar se pode sim ou não, se elas concordaram, acho que muitas concorda, principalmente as que não tem condições de manter, dar comida ...eu mesma criei meus filhos em jardim e creche e graças a Deus não morreu nenhum, e eu trabalhava os cinco dias da semana pra criar meus filhos. Era nos cuidado do povo, por do povo da cidade alguém foi e me ajeitava ai disse oi Genivalda, eu ia na prefeitura pedia pra trabalhar, trabalha em frente, porque abria aquelas frente em Sergipe, na cidade, em Gloria, após disso minha querida, aí eu consegui esse trabalho, quando eu consegui esse trabalho, foi uma trabalho difícil, nos trabalhava de margarida varrendo rua, o dia todo, no sol quente cozinhando eu quase morri daquela menina que a senhora foi lá entrevistar (a mãe de Natalia) eu quase morri dela de resguardo com trinta dias eu comecei varrer rua pronto, acabou meus nervo, ai pronto acabou a saúde.

Regina: o que a senhora acha do MST ...

Entrevistada: o MST é importante porque hoje eu tenho meu pedaço de chão pra trabalhar eu sei que não é meu, sou uma devedora eu não nego, entendeu como é...

Regina: por que a senhora diz que é uma devedora?

Entrevistada: porque a gente não tem condições de pagar o débito que agente tomou emprestado, o debito o tempo foi fracassando e gente não tem como pagar

Regina: e vocês devem alguma coisa para o banco?

Entrevistada: deve, a gente mora, a gente tem a terra, trabalha e antigamente não tinha como agente trabalhar, trabalhava nos terreno dos outro, nos plantava o pé de capim e ficava o lucro pro dono, os fazendeiro, hoje o que agente planta fica pra os nossos bichinhos que agente cria, de pouquinho mais cria. Então se eu planto um pé de capim, a palma, onde é que vai ficar a renda? Vai ficar pra mim que sou a criadora de lá de dentro não é verdade, antigamente não era, agente tudo de benfeitoria que a gente fazia ficava pro fazendeiro, e agente não tinha nada.

Regina: o que a senhora acha, por exemplo, aqui muita gente que recebeu as terras vendeu, foi embora.

Entrevistada: venderam, trocaram, a minha nunca vendi, nunca troquei, não cheguei aqui pra mangar das pessoas, cheguei com honestidade, cheguei pra trabalhar mais meus filhos, como é que diz porque amanhã, após eu morro, os filhos não fica desgrudado que nem eu já passei na

minha vida. Trabalhava um dia hoje no fazendeiro, ponhava uma rocinha, duas tarefinhas de terra, hoje no seu terreno por exemplo, e outro ano já ponhava pra outro fazendeiro ia se bater ainda com a mente, onde era que a gente ia pedir né, pra ponhar duas tarefinhas de terra, de roça...

Regina: então a senhora acha que o MST foi importante

Entrevistada: foi importante!!!! Tanto pra mim como pra todos que se encontra aqui que chegou com dignidade que quer trabalhar, agora aqueles que não quis trabalhar meu amor, trocou, vendeu, destruiu...

Regina: são muitos que fazem isso?

Entrevistada: não nem todos, porque aqui não e todas pessoas dos mais velhos mesmo que chegou aqui mesmo, que tem várias pessoas que chegou, comprou o terreno do outro, e os outros foram embora, destruíram, só destruíram, agora quem destruiu, quem veio aqui pra trabalhar, eu mesmo vim pra trabalhar, graças a Deus até hoje minha filha estou aqui. Não peguei a reforma da minha casa porque trabalhava numa escola, perdi também. Eu moro em uma lagoa, é uma lagoa mesmo um dia Regina eu vou tirar uma foto entregar pra você, minhas condições não é boa não. Mas eu vou fazer o que, tô entregue nas mãos de Jesus, um dia Jesus vai ter misericórdia e eu vou ter uma boa casinha pra morar, porque não peguei a reforma porque diz que eu trabalhava aqui. Ai alguém não olhou pra mim. Só Jesus mesmo porque ate hoje minha casa não caiu. Era aberta de cima abaixo, ai quando abre meus filhos vai lá e remenda.

Apêndice E: Entrevista com Maria Joseilma da Mota

Realizada em 26 de novembro de 2014

Regina: eu queria que a senhora me falasse um pouquinho da história do Assentamento. A senhora é diretora da escola que fica no povoado Aningas, como fica essa relação do anexo da escola no Assentamento.

Ilma - bem o coordenador visita a escola de lá e agente sempre está acompanhando a Escola de Fortaleza também, porque pela distância não é, aí agente dá uma ajuda lá.

Regina: e a senhora conhece uma pouco da escola lá do Assentamento, como ela foi fundada? Assim, ates era uma fazenda, acamparam, aí o INCRA desapropriou, aí pela quantidade de crianças que chegaram, aí surgiu a necessidade de criar a escola, fundar a escola.

Regina: a senhora saberia dizer quantos anos tem a escola?

Olha, os anos assim, cinco a seis anos. Começou em uma sede da fazenda aí depois foi que construiu o prédio da escola. Começou em uma sede, porque tinha muitas casas grande aí começou a escola, aí depois pela distância surgiu a necessidade de coordenador, diretor, aí foi que gente se aproximou, mas o início, tudo certinho, não tenho.

Regina: qual sua concepção sobre infância?

A infância sempre nós pela nossa idade, mas temos que ter um pouquinho assim da infância, relembrar até para a saúde né, porque sempre devemos ter um pouquinho da criança pra controlar nossa vida porque é tão sofrida, é tanto sacrifício e a infância... esquece os problemas sempre tá mais... a infância é muito boa.

Então fale um pouco da sua infância?

Assim, não minha época era bem diferente de hoje, na minha infância agente não conhecia os meios de comunicação, era bem difícil, porque olha lá em Aningas o primeiro radinho que apareceu nossa, era uma coisa que agente nunca tinha visto, e televisão, que nada... E hoje tá bem melhor porque as crianças tão diferentes do meu tempo, uma bola, um meio de transporte, tudo isso, agente viajava a cavalo, era bem sofrido.

Regina: a senhora morava onde?

Lá em Aningas, mas, tanto pra chegar aqui, olhe minha mãe é professora, aí ela vinha dormindo na estrada, pra no dia seguinte está aqui, porque era a cavalo o meio de transporte que tinha. E a infância era trabalhar mesmo, muitos pais nem colocavam na escola, era para trabalhar desde cedo, hoje que mudou.

Regina: e sobre essa identidade do campo, temos a criança do campo e a da cidade como a senhora acha que se constitui essa identidade, este ser do campo?

Olhe eu acho que hoje não está muito diferente não, acho que está quase tudo igual. Porque as crianças de quatro aninhos já tem o videogame, briga de bola, é outra vida, a realidade é outra, essas crianças tem tablete, celular dos mais caros...

Regina: falando da escola, estas crianças, quando saem do campo para a cidade, o estudo e a aprendizagem se diferenciam, ou não?

Tá quase igual, porque antes era assim escola polivalentes, hoje não é mais.

Regina: A escola do Assentamento não possui salas multisseriadas?

É, alguma turminha, ainda, lá no Assentamento, parece que é duas turmas. Mudou porque antigamente era tudo junto, mudou um pouco. Aningas já é separado cada série tem a sua sala. Agora quando a escola é pequena que não forma turma aí o jeito é juntar, por conta disso, porque houve até escolas, três lá na região de Aningas que fechou por conta do número de alunos que era baixo

Regina: então essas crianças que estão sendo alfabetizadas no Assentamento, quando elas veem pra cidade, existe esta diferença de aprendizado

Aí, assim muda, elas sentem um pouquinho de diferença, mas, como hoje, quando elas veem pra cidade no primeiro grau, aí já estão mais adiantadas, quase parecido com a zona urbana,

Regina: com relação as práticas educativas do professor em sala de aula na comunidade

As práticas são poucas, assim, depende do professor quando é tipo Aningas, já tem a área, tem quadra, já brinca com eles, as festas, tudo faz parte da educação, os festejos, desfiles de sete setembro, tudo agente organiza. Educação física se faz também na quadra.

Como a senhora vê a cultura nesta comunidade

Bem a cultura tem a agropecuária, a roça, eles fazem pouca coisa na roça, porque hoje é tudo maquinário, assim, você fala a cultura, que tipo de trabalho, não é isso, assim, as crianças não ajudam muito na roça devido a esse maquinário.

O que senhora sabe sobre a Infância do Campo, o MST inicia estes trabalhos pensando uma escola do campo que reconheça a identidade destas crianças, o que a senhora conhece sobre isso?

Não tenho conhecimento destes trabalhos sobre a identidade das crianças. Porque o currículo é igual.

Regina: mas o que a senhora acha de se trabalhar essas questões da cultura das crianças do campo na escola, trabalhando a partir do geral e do específico.

Agente faz alguns trabalhos, quando tem festa na escola eles trazem doces, alimentos, depois agente passa, escreve no papel, fulano trouxe isso, coisas que eles mesmo fazem em casa, por exemplo, queijo, doce de leite, porque tem o leite, aí ali já envolve na escola, porque agente tem hoje em dia o SENAI e o PRANATEC que tá fazendo cursos lá de reflorestamentos porque também é muita queimada que tá acabando mesmo, porque o homem tá procurando destruir, aí quando vem a seca, chega, todo mundo se acabando de sede por conta da destruição que nos mesmos, aí agente é tentando aos poucos educar também.

Regina: existe algum projeto na escola para se trabalhar esses saberes e fazeres, o cotidiano deles

Por exemplo, agente pergunta, os animais que tem em casa, aí trabalha isso, a produção que aqueles animais fornecem, o plantio que é milho, feijão, hoje em dias que é mais milho, a ração para os animais que é palma, o milho também já faz a silagem, tem uns que tem aquelas maquinas ordenhadeiras, , assim porque os Assentamentos ajudou bastante com as associações, ainda tem alguns pais que não valorizam mais foi o meio que desenvolveu a comunidade, foi as associações e os assentamentos, porque Aningas porque temos cinquenta famílias que foi do fundiário, aí também tem um que foi o MST, Fortaleza, tem o banco da terra que é No Sra de Lourdes, próximo de Fortaleza, aí foi depois dos Assentamentos que nossa região desenvolveu.

Regina: as famílias que estão no Assentamento Fortaleza vieram de onde?

Vieram de Santa Rosa do Hermírio, Porto da Folha, tem daqui da região de Gloria, assim, porque o MST eles se juntam, assim que ele chegou as terras foram desapropriadas rápido, é muita gente, são muitas famílias, aí surgiu um novo povoado no município de Glória, foi bom. Na escola apenas estão aqueles que moram no assentamento fortaleza,

Regina: me fale um pouquinho mais da infância da senhora e também o que a senhora acha da infância das crianças que moram no assentamento?

- Olhe mas assim, por motivo, porque é um pouco distante de Aningas eu não sei assim, os que moravam lá era assim, a vida era essa, trabalhava na roça, ajudava os pais e ia pra escola mais próxima mas eu não sei o, assim, o dia a dia deles, do início, por alguns foram também de fora.

Apêndice F: Entrevista com Jânio Santos da Conceição

Realizada em 26 de novembro de 2014

Regina: Queria falar um pouco sobre a fundação da escola aqui do assentamento, aí D. Genivalda falou que para vocês terem essa escola aqui foi preciso todo um movimento de luta, inclusive vocês na época foram para Aracaju, aí eu queria que você me contasse um pouco essa sua história dessa ida a Aracaju, o que significou esse dia para você.

- agente foi, passeamos, foi bom, todo mundo foi... foi bom pras crianças porque a escola era lá embaixo, era uma escola mais o menos, não era um colégio bom mais dava pra estudar né. O colégio mesmo lá era casa grande, não era colégio mesmo, aí agente estudemos lá.

Regina: o que significa a escola pra você?

- significa muita coisa, né, a gente jovem aprendeu alguma coisa, Contribuiu muita coisa porque agente não sabia de nada quase, e agora sabe ler escrever, muito não, mas sei ler e escrever, mudou muita coisa.

Regina: você tinha quantos anos quando fizeram essa viagem (mudança da escola)?

- rapaz a idade eu não lembro não porque... acho que foi em 1998, dezessete anos depois, eu tinha uns onze anos eu acho, a experiência foi boa porque estudava e tinha de ir

Regina – o que você acha que é a infância pra você?

- fica difícil de responder essa pergunta... acho que foi boa estudei, trabalhei também.

Regina: e a história do assentamento, como vocês chegaram aqui?

- quando nós chegemos pra qui não foi muito bom porque nós morava num, nas casas lá embaixo, não tinha essas casas nova, aí depois foi que fundaram as casas nova aí agente passemos cada um a morar na sua casa, Antes de vim pra qui nós morava no Alto Bonito, fica lá perto de Canindé, agente morava nuns barraco de lona, acho que eu tinha uns nove anos quando eu morava lá, disso aí eu também não lembro não, sei que de vez em quando meus pais trabalhava porque não tinha muito serviço, a alimentação era assim, se trabalhasse e o que desse pra comer, pra comer tinha que comprar, se não desse passava assim mesmo.

Regina – e a escola para seus filhos hoje, você acha que ela é importante?

- e muito, porque as crianças de hoje em dia tem que estudar né, para mais tarde lá na frente ser algum... professor, professora, seja lá o que for. Por isso que é importante para os pais de família.

D. Gedalva, muitos daqui venderam os lotes, tamanho dos lotes

Apêndice G: Entrevista com Rosineide Guimarães

Realizada em 26 de novembro de 2014

Regina – Me fale um pouco da sua infância

- Minha infância foi boa, estudei, brincava muito, queria estudar mais, mas eu casei, se fosse agora eu já estava formada, mas aí eu casei, eu queria estudar mas ele (o marido) não deixava, eu queria estudar mais para terminar o ano. A gente morava em um povoado Augustinho que

tem pra qui, nós não morava no Alto Bonito, morava aqui pertinho, nós morava em umas casinha de barro, aí tava pra sair esse terreno aqui aí meu pai veio pra cá, aí agente veio junto com ele, aí viemos pra qui, fez a escola aí nós começemos a estudar. Estudava antes na casa velha, era bom brincava muito, depois agente veio pra essa escola (Assentamento) foi melhor porque saímos do velho e viemos pro novo. Brincava com minhas colega, tinha banheiro novo. Nunca trabalhei em roça, meu trabalho é em casa mesmo

Regina: o que você acha da escola para suas crianças?

- é importante porque eles aprende a ser mais gente no futuro. Quando se formar arrumar um emprego, é isso. Eu terminei meus estudos na quarta porque o marido não deixou, já no fim do ano eu passava pra quinta, aí no fim do ano ele não deixou mais. Eu ia pra Feirinha, outro povoado, porque aqui só tem ate a quarta. Aqui a escola é boa, vem bastante professora boa, mas não segura porque é longe, minha filha diz: oi mainha a professora que estudo é boinha, ela me ensina bastante coisa, eu digo oi, quando você quiser ler você peça pra professora lhe ensinar mais um pouquinho, aí ela diz eu peço, aí ela vem me ensinar a ler. Ela é bem educadinha com eu... aí eu digo oi não faça bagunça na sala, não quebre a cabeça da professora, seja boinha pra depois você ser alguém no futuro. Ainda bem que ela gosta de estudar, eu também gostava de estudar, ainda bem que ela saiu a eu... Isso é importante pra escola pra todos os alunos. Eu queria que a escola pegasse com três, mas não pega, só pega com quatro.

Regina – se aqui tivesse uma creche, você colocaria sua filha pequena?- pequeninha não só depois de dois ou três anos. Também nas creches tem que ter muito cuidado, porque o que eu vejo na televisão, passando, aí quando a pessoa boa na creche é pra ter cuidado.

Regina – pra você o que é ser uma pessoa do campo, viver no campo?

- é bom né porque no campo a pessoa sai brinca, na cidade anda presa quase, no campo é bom porque você aprende muita coisa, a natureza, vai brincar, vai jogar futebol, tem muita coisa, é melhor do que na cidade o campo, eu gosto mais do campo do que da cidade.

Regina – e você se arrepende de ter casado e parar de estudar?

- eu me arrependo porque não estudei, sei que se eu estivesse estudando era bom. Só me arrependo pelos estudos porque não estudei pra ser alguma coisa no futuro, eu tenho vontade de estudar... mas ele não deixou, fica difícil.

Apêndice H: Entrevista com José Nilton de Lima

Realizada em 26 de novembro de 2014

Regina – me conte um pouco dessa história da escola aqui do assentamento, primeiro da história da viagem, se você lembra de alguma coisa

- Nós fomos de ônibus, aí quando descemos em uma avenida aí fizemos uma caminhada com um monte de ... O povo da comunidade, os sem terra, O que agente queria era a escola, porque antes nós estudava lá numa casa que era da sede aqui embaixo que era a casa velha, foi muito

sofrimento, não tinha sala para os alunos estudarem, estudava todo mundo misturado. Aí estudava o bolo junto, aí mudemos pra outro salão que era tipo um mercado, era grande também só que o mesmo jeito, aí depois quando começaram a fazer a escola aí foi melhor né, foi duas salas que fizeram, dividiram os alunos na sala, apesar de que aqui eu não estudei não. Quando eu parei aqui fui para lagoa bonita estudar lá, estudei uns quatro anos, até o meio do ano parava, aí de lá pra lá uns já foram estudar em Glória, foi aumentando de série, aí depois eu parei, precisava trabalhar, eu tinha muita vontade de estudar mesmo, mas aí não tinha como não. O transporte era ruim, nós saía cedo daqui pra estudar, e fazia muito arrodeio pelos povoados aí já chegava em Lagoa Bonita já, as vezes, atrasado na sala de aula, nos chegava e as professoras já estavam em sala de aula, estudava até as dez horas da noite, chegava aqui uma hora da manhã, era muito arrodeio porque era um monte de aluno pra entregar tudo. Toda vez que eu entrava no ônibus minha cabeça começava a doer que o barulho era demais, muita gente mesmo, as vezes o ônibus quebrava, agente puxava com uma corda, a subida, tinha vez que o ônibus não conseguia subir. Estudar era bom demais pra mim mas eu precisava de dinheiro, trabalhar.

Regina: me fale um pouco sobre a história de seu pai que trabalhava na fazenda Fortaleza.

Meu pai trabalhou 20 anos de vigia aqui, aí pai trabalhava a noite e nós trabalhava no dia olhando criação, ovelha esse negócio. Aí, depois foi o sem terra que apareceu, aí fizeram barraco, mas só que pai não fez barraco não, pegou logo a terra sem fazer barraco. Porque ela já tinha muito conhecimento aí, eles viam que pai não precisava construir barraco, aí nos ficamos trabalhando sempre aqui.

Regina – e hoje o que você acha da chegada dos sem terra aqui, foi bom pra você, as pessoas melhoraram de vida?

- foi bom. Tem muitas pessoas que vieram, os primeiros vieram morar aqui e hoje não mora mais, venderam os terrenos, não mora mais. Os primeiro já foram embora, e hoje tem muita gente novata que mora aqui. Tem muita gente desde os primeiros que nós entremos também aqui, eu pra mim não tem uma coisa melhor do que morar aqui dentro não! Aqui a pessoa planta, colhe, e na cidade não, planta milho, feijão tudo se planta aqui

Regina: então se tivesse oportunidade de trabalho aqui você ficaria?

- ficaria, é por modo disso mesmo que agente sai daqui pra trabalhar porque aqui não tem serviço pra trabalhar e quando tem arruma só uma vez por semana ou nada, aí lá fora não, você trabalha de carteira assina tudo, quando sair você recebe os tempos, tudo.

Regina – me fale um pouquinho da sua infância?

- A minha infância foi boa, só na arte dos estudos um pouco devagar, mas nas outras partes foi tudo bom, comecei a trabalhar aqui com oito anos, vinha de pé de lá pra cá de onde nós morava que era duas léguas daqui pra lá, nos vinha a pé de manhã e voltava a tarde, e ainda tinha que estudar, eu estudava três dias por semana e trabalhava dois e estudava três. Mesmo assim foi bom estudar porque era uma coisa que eu queria me esforçar pra ser alguma coisa lá na frente tá entendendo.

Regina – mas o trabalho, você gostava também?

- Gostava. As vezes eu vinha até o domingo porque eu gostava de trabalhar.

Regina – você preferia a escola ou o trabalho?

- Era dividido muito ao mesmo tempo, mas eu queria muito estudar. Mas o serviço que eu trabalhava eu achava bom. Que era pastorear criação, esse negócio todo, mas só que trabalhava pensando na escola também, as vezes vinha até meio dia, de meio dia pra tarde ia estudar, esforçado mesmo, porque era uma coisa que eu queria mesmo. E estudei até a quinta série, eu parei porque eu estudava todo ano até o meio do ano, aí toda vez que entrava no ônibus me dava dor de cabeça pelo barulho, aí eu estudei mais de quatro anos em Lagoa Bonita, aí quando entrei nos 24 anos eu parei. Aí quando eu parei foi quando sai pra fora pra trabalhar. Só que eu estava gostando de estudar na Lagoa Bonita, não foi por falta de conselho de professor não, mas eu gostei muito. Mesmo com a dificuldade de pegar ônibus, foi bom.

Apêndice I: Entrevista com José Bernardo Correia

Realizada em 26 de novembro de 2014

Regina – me fale um pouco do Assentamento, como vocês chegaram aqui.

- Rapaz a história é a seguinte, agente tivemos um convite do sindicato em N Sra da Glória e aí agente se reunimo, um monte de gente, de lá nós foi pro Alto Bonito, lá pro berço do rio, e lá com certo tempo fomos pra Cuiabá eu sei que nesse período entre o berço do rio e Cuiabá nós ficamos dois anos e pouco, quase três anos. Aí que ocorreu quando a fazenda do Cuiabá foi

desapropriada não dava pra assentar todo mundo, aí foi dividido, uma parte desceu pra lá perto de Dores, outros pra o Berço do rio, e outros pro Alto Bonito, lá no município de Canindé mesmo. Aí foi desapropriada essa daqui, eu já conhecia aqui a fazenda, assim de passagem, nunca tinha trabalhado aqui, aí falei pronto vou voltar pra minha terra natal porque eu sou filho natural de Carira, mais saí do município de Carira em 64, e até hoje continuo morando em Glória, e aí foi desapropriada aqui a fazenda, aí veio 40 famílias, daí pegava mais gente aí completou 46 famílias. Só que quando chegamos aqui já tinham três famílias que foram trabalhadores da fazenda. Então ficamos quase três anos de luta lá no alto bonito aí nós viemos pra qui todo mundo ficou assentado, cada um fez suas casas, foi financiado o dinheiro pelo INCRA, e muitos vendeu, foi embora, outros continuam morando aqui.

Regina – esses que venderam, o senhor acha que seria por qual motivo?

- Rapaz eu acho, do meu conhecimento falta de noção, nunca possuíram nada, quando viram um capitalzinho pensaram que dava pra viver até o fim da vida. Só conheço dois dos que moravam aqui, que fizeram sua casa com o capital daqui

Regina – então o senhor acha que quem melhorou de vida foi quem ficou?

- Perfeitamente. Plantou e tá colhendo graças a Deus. Eu conheci cabra que não tirava quase leite e hoje tira 100 litros de leite, trabalhava de empregado pra comer e hoje tem mais um pouco.

Regina – o que vocês plantam aqui?

- Na parte da roça é milho, e na outra parte é o leite do gado. É de que quase todos vive aqui, aqui todo mundo tira leite.

Regina – e a infância do senhor foi onde?

- Para vim pra qui. Rapaz lhe digo agora a senhora desde que comecei a me entender por gente eu já ia pra roça, quando meu pai não tava eu ia sozinho, é tanto que o povo perguntava rapaz você veio fazer o que aqui, tinha dias que eu ia escondido não vou mentir. Aí eu trabalhava um pouco no sol descamisado aí meu pai a camisa fazia assim um girauzinho e eu ficava na sombra da camisa, aí pegava no sono, outras horas me acordava com aquele calor brabo né, minha infância toda vida foi gostar de trabalhar. Pelejava com carro de boi,

Regina – e a escola

- Não existia escola. Eu nunca estudei na minha vida. Vontade eu tinha, mas não tinha escola (silêncio)

Regina – e hoje o que o senhor acha da escola aqui no Assentamento?

- muito importante, hoje isso eu vou dizer a senhora, o próprio Deus e o mundo, ia ser feito um colégio aqui, mas igual um que tinha no Augustinho, não sei se já derrubaram o colégio bem pequeno só de uma sala só, aí quando cheguei aqui que me disseram, eu gosto de perguntar as coisas, e ver, aí eu disse rapaz tá ruim pra Sério (era o prefeito da época), aí eu falei vou ligar pra ele que eu quero falar com ele, aí eu liguei : ai eu falei prefeito você tem conhecimento do que ta acontecendo no Assentamento Fortaleza, o senhor vai botar o povo contra você, ele perguntou como assim? Eu falei como – lá embaixo estuda oitenta alunos, um colégio de uma sala só pega quantos alunos pra estudar, no máximo trinta alunos não é não? Ele falou é. Eu disse, será se o senhor morasse aqui no Assentamento você ia gostar de seus filhos estudando, uns estudar no colégio novo e outros estuda lá na estribaria de cavalo? Ele disse: não. Eu falei preste atenção no que você está fazendo você vai jogar o povo contra você. Isso foi quando tava marcado pra fazer a escola aqui. Aí eles cancelaram a construção da escola de uma sala, não iniciaram a obra, só depois que o prefeito autorizou fazer a escola com duas salas. Aí é como se diz sempre agente quando agente procura ...

Apêndice J: Entrevista com Luciene Gonzaga dos Santos

Realizada em 26 de novembro de 2014

Regina – queria que você me contasse a sua história aqui no Assentamento, a sua chegada aqui.

- Acho que não lembro porque agente era pequena. Antes eu morava em Poço. O meu pai enfrentou o sem terra , aí ... agente veio e ficou aqui mesmo, depois pai morreu e mãe voltou pra lá pro Poço. Ela hoje mora lá.

Regina – me fale um pouco da sua infância

- tá e eu sei... (silêncio) bem eu gostei da minha infância agente ajudava mãe ia pra escola, ai depois ia brincar. Eu brincava mais de “marraia”, nos cavava um buraco no terreiro e jogava. Gostava de jogar bola. Agente ajudava na roça coisando coivara mais pai. Nesse tempo como agente morava longe da escola aí agente tinha preguiça e não vinha. Aí ia trabalhar, agente morava perto de Cipó de Leite aí pra vim estudar aqui, ali embaixo, era ruim. A escola ficava numa casa velha ali embaixo e era muito longe. Aí quando agente veio morar aqui agente estudava, mas eu não quis estudar mais não. Eu parei na 3ª série, eu casei com 14 anos.

Regina – e a infância de seus filhos, o que você acha da infância deles?

- Melhor, porque hoje os menino mora bem aqui perto da escola, só não vai se não quiser. Os meninos ajudam aqui a gente, tira um cílio mais eu, ai quando precisa vai buscar as vacas pra botar aqui pra beber. Eu acho bom eles trabalhando porque tem de ensinar de pequeno, porque quando crescer não quer fazer isso. Pode até ir fazer outras coisas, matar roubar. E agente ensinando de pequeno eles não vão fazer isso não é. E Sofia que é a mais pequena tem quatro anos ela fica assistindo e quando quer vai ajudar, carregar o prato mais a irmã enquanto a irmã tá lavando

Regina – você acha que a infância precisa viver as brincadeiras?

- Porque as crianças elas também precisam ter as brincadeiras, tem o horário de trabalhar de estudar e de brincar.

Regina – como é o dia a dia delas?

- Pela manhã elas vão pra escola, quando chega quase meio dia ai vai almoçar, e vai dormir, quando é de tarde vai me ajudar e depois brincar. Agora dia de sábado e dia de domingo elas vão me ajudar nas coisas. Eu acho que eles são felizes porque não reclamam de nada. Porque agente vivia lá no Poço eles viviam preso dentro de casa, não podia sair se botasse a cabeça do lado de fora os carros podia até matar, e eu achei bom depois que vim pra qui porque eles correm no meio do mato, não tem perigo, só o perigo é na estrada, eles não vão pra estrada. Não tenho o que dizer não com relação a vida do Poço aqui ta bem melhor, porque lá os bichinhos não tinha como brincar como eu já disse, os menino não podia sair de casa, se fosse pra casa da vó eu que tinha de ir levar eles, quando eu tava trabalhando eu deixava eles mais a avó , a vó deixava eles preso também. E também era murado lá eles não tinham como passar. Então a vida aqui é melhor do que a do Poço, eles tem como correr, fazer as coisas que eles gosta de tá brincando.

Regina – então você gosta de morar no campo

- Eu gosto. Se fosse pra escolher eu escolhia ficar aqui. Acho que aqui tá tudo bom, só uma melhora de água que aqui tem que ir buscar que é ruim.

Regina – e o que você acha da creche pra crianças pequenas?

- Eu nunca gostei não de creche, eu mesmo gosto de tomar conta de meus filhos, lá no Poço tinha o povo pelejava pra eu botar, eu dizia aí não, eu dizia eu sou mais eu e minha mãe tomar conta deles do que eu botar eles em creche, porque eu vejo tanta coisa acontecendo assim, eu tenho medo. Lá no Poço tinha uma história que uma criança sumiu, aí eu prefiro deixar de trabalhar e tomar conta deles. Assim se botar é no colégio de manhã. Mas assim porque era uma escola paga que eu tava botando eles.

Apêndice K: Entrevista com Sinoélia Gonzaga dos Santos

Realizada em 26 de novembro de 2014

Regina – eu queria que você começasse nossa entrevista falando sobre a história do assentamento, de quando ele surgiu, e como vocês chegaram aqui?

- rapaz quando eu cheguei até aqui era jovem e já tava grávida do primeiro filho, foi muito difícil o que a gente veio enfrentar aqui, passamos por muita dificuldade naquele tempo. Hoje em dia a vista o que nós passou estamos bem. Nós veio de Poço Redondo, lá do Alto Bonito,

nós passou mais o menos uma ano, eu e meu pai nós enfrentou, minha mãe ficava com os outros em casa, já eu já era casada já enfrentei mais o marido, entendeu? Nós não tinha terra nenhuma, meu pai morava em fazenda dos outros, todo mundo morava de favor, e quando nós veio pra qui foi pra consegui uma casa e um pedaço de terra pra trabalhar.

Regina – seu pai trabalhava onde?

- Trabalhava em roça ali numa fazenda de um homem em Santa Rosa. Aí agente trabalhava nessa fazenda junto com ele, depois nós foi com ele enfrentar com os sem terra também. Viemos para aqui e foi muito difícil. A chegada até aqui eu não vi porque tava grávida, já tava com a barriga bem grande, inclusive teve tiroteio, enfrentaram o dono da fazenda, aí era perigoso pra mim e não deixaram eu vim, veio meu esposo e meu pai. Ai quando eu cheguei já estava tudo mais calmo. Aí também passou o que, uns seis meses, não passou um ano não. Começaram a fazer as casas, eu ganhei o menino as coisas melhoraram mais um pouquinho porque era muito difícil nem agua pra beber agente tinha, era dos tanque assim (aponta para um tanque com uma água muito suja que ficava a frente da casa da entrevistada), e a vista hoje tá bem bom.

Regina – e a escola?

- A escola eu não estudava mais porque eu já tinha quinze anos, já estava esperando um filho, eu estudei muito pouco, a escola era como daqui para Aningas de pé (uns 20 km) aí tinha dia que eu não ia, pra ser sincera calçado a gente não tinha, não tinha livro, não tinha caderno, lápis, roupa suficiente pra ir, entendeu? Aí casei nova com treze anos com quinze já tava grávida do primeiro filho, a até hoje estou com trinta e três anos e tô com quatro filhos.

Regina – e seus filhos estudam aqui na escola do Assentamento?

- Meus filhos, dois estudam aqui no Assentamento Fortaleza, as duas meninas. Os dois rapazes estuda em Aningas, mas antes estudaram aqui também.

Regina – quando eles saíram daqui do Assentamento tiveram dificuldades de aprendizado com a escola de Aningas?

- Rapaz eu acho que é tudo a mesma coisa o que vale é o interesse. Pra mim foi tudo ótimo, aqui foi uma benção de Deus pra eles, e lá tem outras bênçãos agora se eles não aprenderam, é tanto que um tá na quinta, o mais velho de dezesseis anos, o outro passou pra sexta, por causa de interesse deles, agora falta de professor não, pra mim foi tudo ótimo.

Regina – e você acha que a escola aqui do Assentamento precisa melhorar em alguma coisa?

- rapaz, pra mim no meu conhecimento as meninas sempre que tão estão ótimas o que vale é o interesse das crianças, tem merenda no meu conhecimento, tem água, os professor todo dia, vão de pé que é pertinho, pra mim tá ótimo, se dissesse assim precisa melhorar alguma coisa no

colégio , essas coisas, como já tão se reunindo pra ajeitar as paredes, o piso, o banheiro que precisa de alguma coisa e eles vão ajeitando, pra mim em relação ao que eu era meus filhos tem mais coisa do que eu em meu tempo.

Regina – o que você entende por infância?

- uma infância pra dizer assim quando era no meu tempo tive as infâncias mais simples que as de hoje, agente brincava e não era como as crianças de hoje, também nos sofreu muito porque agente ajudava mais os pais, não é que nem as crianças de hoje, os de hoje não ajuda, só ajuda se botar mesmo , e pegar no pé, e infância pra mim eu não tive porque era trabalhando mas meu pai, era feche de lenha na cabeça, era carregar água como daqui lá embaixo, era plantando palma, era trabalhando... eu não tive infância pra mim eu não tive, aí foi tanto, casei novinha com treze anos, então pra mim a infância foi muito pouco. E estou casada até hoje um com dezesseis, o outro catorze, essa nove e a outra sete. Pra mim as infâncias deles é melhor do que a minha.

Regina – e sobre ser uma mulher do campo, o que você pensa sobre isso? Você acha que existe diferença entre a mulher do campo e da cidade?

- Muita. Pra mim as da cidade vive melhor de que nós, nesse interior, quer dizer assim, eu acho bom porque é interior, mas assim, pra gente conseguiu as coisas é com muita luta, muito trabalho e você tire pra da cidade uma hora dessa que tem um emprego, uma coisa, lá na sombra, pra nós quebrando milho num tempo desse (muito sol), que pega o que, uma infecção que nem eu já peguei muita, pra mim eu acho bom assim, porque foi onde foi que Deus me deu e onde agente arruma o pão de cada dia, agora é muito sofrido. Pra mim eu acho

Regina – então as pessoas da cidade você acha que tem uma vida melhor?

- Algumas eu acho, as que tem um emprego, porque tem muitos também que não tem emprego. Ai tem uns que tem emprego como professor, esses outro... pra uns coitado que tá aqui com os pés laxados nesse sol, vai pro tanque chega meio dia, com uma bacia de roupa, água tá nessa dificuldade que tá pra beber, as crianças tomando banho com umas águas veia dessas os pés tudo laxando, aí precisa melhorar em muitas coisas, um esfocinho da prefeitura, uma coisa... do governo também melhorar as coisas para as crianças na escola, para os pais, ...

Regina – então você acha que a escola do campo é diferente da cidade?

- Ah! Muito. Porque os da cidade já amanhece o dia lá, tem o que ... Já tem sua aguinha dentro de casa só é ir no banheiro tomar um banho, as escolas é mais perto, vai uns de ônibus, outros vai de pé, mas é mais melhor, as escolas da cidade ensina mais porque tem dois horários, se eu sou fraca e quero botar meu filho dois horários boto, e aqui não, só tem um horário. Uma opção

só, você nem pode dizer aí a tarde era melhor pra mim, não pode, porque se tiver de manhã a tarde não pode ter, aí a da cidade claro que é melhor. Mas é que a do campo as meninas não ensinam bom, ensinam. Agora nós não tem opção de dizer eu queria de tarde porque era melhor pra mim, tem que ser um horário só, se tivesse os dois horários seria melhor.

Regina – e quando as crianças faltam a escola por causa da colheita, da ajuda das crianças com os pais, a escola entende?

- Os meus já trabalha no leite essas coisas, mas a escola sempre bota uma faltinha, reclama que não pode estar fora da escola, eu digo mas não esta fora é ajudando o pai, não mas não pode mode o cartão da bolsa família. Na época da colheita não dá férias nenhuma, coloca falta. O meu pra fazer uma cirurgia, o de catorze, pegou quinze dias só, e os dias que tava fazendo os exames porque não compareci fui foi bronqueada, tive de ser chamada lá, e eu tinha avisado as professoras que ia, pronto não foi nem lá foi aqui no Assentamento agora, o menino fez uma cirurgia de hérnia eu avisava, hoje eu tô indo pra Glória fazer exame, muito bem botava lá, mas tinha de ter o comprovante de que passe pelo médico e como não consegui botava falta. Aqui não tem jeito que teja doente ou não tem de comparecer na escola. Não tem negócio de ajudar pai não, se for elas falam vá mas vá só um minutinho, só hoje, amanhã já não pode. Pelo menos aqui, já em Aningas é do mesmo jeito.

Apêndice L: Entrevista com Alessandra Silva Santos

Realizada em 26 de novembro de 2014

Regina: queria saber o que você faz aqui na escola, quanto tempo você mora aqui em Fortaleza, queira que você falasse quanto tem você está aqui no Assentamento.

Alessandra: Eu tenho sete anos que moro aqui. Minha família não mora aqui, mora na Santa Helena, eu conheci meu esposo porque minha mãe morava aqui. Quando eu cheguei aqui o colégio tinha pouco tempo, que era lá embaixo em uma casa, quadra que não tinha, muitas coisas aqui não tinha, agora aqui tem tudo.

Eu venho aqui de vigia no lugar de meu pai, quando saio daqui vou pra roça cuidar do gado e ajudar meu esposo. E quando chegar fazer minhas coisas em casa

Regina: Então seu pai é o vigia daqui?

Alessandra: é meu pai, mas eu trabalho no lugar dele porque a merendeira tá doente. Aí meu pai botou eu pra ajudar a merendeira aqui no colégio, fazer as coisas mais ela porque ela sozinha ela não pode fazer, aí eu fico no lugar de meu pai.

Regina: e qual o significado da escola pra você aqui no Assentamento?

Alessandra: Muitas coisas boas aqui na escola, os alunos aprendem muito. Nunca falta nada, tudo aqui tem, quando precisa aqui tem. Aqui a escola é melhor do que na rua (cidade) as mães estão perto dos alunos, as mães vêm olhar os alunos, como é que eles estão, e se for na rua não tinha condição de como as mães ir.

Regina: você gosta do campo, viver aqui?

Alessandra:

Gosto. Porque aqui no campo é mais melhor. Na cidade acontece muitas coisas, e aqui não é difícil, a pessoa fica a vontade aqui. Não é que nem na cidade, na cidade a pessoas fica presa dentro de casa. E aqui não, a pessoa sai e vai para onde quer.

Regina: e a questão do trabalho aqui?

Alessandra:

Aqui eu acho bom eu trabalhar no lugar de meu pai. Na roça eu ajudo meu marido, tiro o cílio, boto ração pro gado, apartar os bezerros, tudo isso eu ajudo. (Silêncio)

Regina: como foi que vocês conseguiram a terra aqui?

Alessandra:

Os gados estão lá no lote do pai dele, aí é dos dois, assim cuida dos dois gados, do dele e do meu sogro. Mas o lote é do meu sogro que é pelo INCRA o lote aqui.

Regina:

E tem quanto tempo que o seu sogro tem esse lote, desde que fundou aqui?

Alessandra:

É desde que fundou, já tem muito tempo, já tem mais de dezessete anos. O lote aqui foi muito bom porque ele ajudou os filhos, e ela acha muito bom aqui.

Regina: e pra você o que é infância?

Alessandra:

Coisas boas. Eu estudava, quando chegava em casa ia brincar, era bem bom quando eu era pequena. Meus pais e minha mãe era boa pessoas com nós, não judiava, meu pai mais minha mãe deixava eu a vontade. Criança aqui no campo é bom porque eles ficam a vontade. Muitos meninos da cidade quando vem pra aqui eles adoram, porque fica a vontade, brinca de bola, se mela na terra, eu acho melhor do que na cidade porque aqui vive a vontade.

Regina: você acha que aqui no campo as crianças trabalham?

Alessandra: Tem muitos pais que não deixam os alunos estudar porque eles vão ajudar os pais na roça aí não vão estudar, vão é trabalhar, aí muitos filhos não aprendem quase nada. Aí é ruim pro filho dele que não aprende nada, os meus filhos em primeiro lugar em mando eles vim pra escola. Aí depois quando ele quiser ir pra roça com o pai ele vai. Mas estudar primeiro. Está em primeiro lugar pra ele, pra quando crescer ele saber das coisas e pegar um emprego.

Regina: e para as crianças que ajudam os pais na época da colheita você acha que a escola deveria ter um calendário que respeitasse esse período?

Alessandra:

É devia ter mesmo. Precisava muito desse papel assim, acho que ia ajudar, aí os alunos iam trabalhar depois vinham estudar porque eles precisam muito. Porque tem muitos que não aprende quase nada, não sabem de nada, porque não veio estudar, estão trabalhando. Quem nem meu esposo ele só estudou na primeira série, ele não sabe ler não, só sabe o nome dele, é a única coisa que ele sabe fazer, não sabe mais de nada porque ele não veio estudar foi trabalhar na roça mais os pais pra poder botar comida dentro de casa.

Regina:

Você acha esta escola suficiente para o Assentamento ou teria de ter outra?

Aqui precisava mais porque aqui tem muito aluno, os prézinho, devia ter outra sala, pra eles para a professora ensinar 30 alunos é muita coisa, devia ter mais uma professora.

Apêndice M: Entrevista com Elvina Maria Alves Oliveira Dantas

Regina: queira que você me informasse como foi sua chegada aqui no Assentamento,

Elvina: Participei do processo seletivo, no início, já tem dois anos, é contrato, eu sou contratada. Eu chego todo dia aqui as sete e quinze no máximo, e assim, a dificuldade maior é a falta de apoio dos pais, mas não porque eles não queiram, na verdade é porque a maioria deles não são alfabetizados, aí não tem como dar um acompanhamento bom a eles em casa para poder agente ter um suporte melhor aqui com eles. Então, o que eu sinto aqui é falta disso, de apoio dos pais com eles em casa, mas que não é porque eles queiram.

Regina: Pra você o que é a infância do campo?

Professora: eu acho que a infância do campo ela é livre, eu percebo neles crianças bem livres que são criadas com muita liberdade, entendeu, é diferente de uma criança da cidade que vive

restrita a muita coisa, e eles aqui não, a vida deles aqui eu acho boa, são livres até demais da conta.

Regina: você acha que a escola percebe em sua prática pedagógica a relação da comunidade com a escola

Professora:

Olhe nos meus trabalhos eu trago a realidade daqui da comunidade da escola, apesar que os livros que agente utiliza não tem praticamente nada a ver com a realidade deles aqui, entendeu, então, eu é que tento trazer a realidade deles pra qui pra dentro da sala de aula juntamente com os trabalhos que a gente faz, agora os livros que temos, praticamente não tem anda da realidade deles, mas agente participou da escolha do livro esse ano e próximo ano o livro vai ser totalmente voltado pra escola do campo, se realmente acontecer....Agora no momento esses livros que a gente usa não tem nada a ver com as crianças.

As crianças entram aqui com quatro anos. Como aqui é multisseriado eu ensino o infantil , primeiro e segundo ano, então o que era que precisava aqui uma professora para cada série, porque querendo ou não, você sabe que... agente faz o que pode, eu dou o máximo de mim, eu saio daqui esgotada mesmo, mas não chega ali naquele ponto que eu quero chegar, porque não tem como, acaba prejudicando eles.

Regina:

Existe uma proposta da educação infantil do e no campo, você já ouviu falar?

Professora: não sabia desta discussão da educação infantil para o campo, o que sei é que existem alguns livros para trabalhar com as crianças do campo.

Regina: sobre o calendário aqui da escola, você acha que ele deveria ser diferenciado da cidade nesta perspectiva da criança e do trabalho

Professora: não. Pelo menos o calendário até agora não vi que eles sofrem com isso, tá adequado, tão se adequando... se adequaram ao calendário pelo menos aqui, não sei se é porque aqui na minha sala eu não tenho crianças que vão pra roça, aqui nessa sala não porque eles são pequenos.

Regina: mas eles não falam que vão pra roça ajudar os pais?

Professora: são poucos, um ou dois! Não é a grande maioria, agora assim é uma semana dessa aí eu fiz um trabalho como eles aqui e eu perguntei a eles qual era a profissão que eles queriam seguir, mas a maioria me disse que queria trabalhar na roça, queria ser trabalhador de roça, a maioria, foi uma questão da avaliação, eu pedi perguntando o que eles queriam ser no futuro e eu pedi que eles fizessem um desenho, só teve umas três que queria ser médica, e eu fiquei, não

vou lhe mentir não, fiquei decepcionada! Meu Deus do céu, mas é porque assim, aqui é assim, por aqui é assim, a cultura deles é essa, eles estuam muito pouco, no máximo estourando o que eles chegam é um quinto ano, sexto ano, depois eles param.

Regina: esta resposta deles de quererem ser trabalhadores da roça, o que você achou disso?

Professora:

Fiquei chocada, assim eu respeitei, mas, eu não pensei, não esperava, sinceramente eu fiquei espantada. Mas assim, como foi na prova eu não questionei nada não, respeitei, mas eu fiquei bem impressionada

Regina: Me fale um pouco sobre essa sua experiência que é nova, dar aula para crianças do campo

Professora:

Aqui é nova, porque eu sempre dei aula na cidade, aqui no campo, mas vou lhe ser sincera, eu estava falando isso hoje com minhas colegas, meu filho fez uma entrevista comigo ontem me perguntando meu nome, minha idade e sobre o meu trabalho, o que eu mais gostava e o que eu não gostava, eu disse pra eles que o que eu mais gosto é de transmitir os conhecimentos pra eles, de ensinar de passar pra eles o que eu tenho de ensinar e o que eu não gosto muito é da distância, mas quanto a minha experiência aqui no trabalho do campo eu me apaixonei, que pena que é muito longe! Eu amo essa escola tô lhe falando de todo coração, todas as pessoas que trabalham aqui são pessoas excelentes, gosto demais dos alunos, e sei que eles também gostam de mim, gostei mesmo. Um dia desse eu falei, vou pegar essa escola e levar pra mais perto de Glória (cidade onde mora a professora).

Professora: o ruim é que infelizmente a maioria dos pais não são alfabetizadas, novos, muitos mais novos que eu, a maioria, se conta um ou dois que tem pais mais velhos do que eu aqui. E infelizmente o suporte que eles não dão é por isso a falta de... aí que ensina a eles é o irmãozinho mais velho que já sabe ler, aí é quem dar ajuda a eles.

Regina: e você acha que é importante a escola aqui perto deles?

Professora: com certeza, isso eu não tenho nem dúvida, é tanto que quando eles saem daqui pra estudar fora, porque no caso aqui só tem até o quarto ano, pra eles é uma pancada muito grande, um impacto muito grande que eles sentem quando saem daqui, Maria tem um aluno que tem o que, mais ou menos um mês que ele teve que sair porque o pai dele teve que trabalhar fora, porque eles trabalham em firma assim quando chega assim o verão que não tem como trabalhar, muitos não tem como trabalhar no campo aí eles tem de ir trabalhar em firma, aí ela tem um aluno que teve, a mãe teve que sair daqui pra morar em Glória, porque o esposo dela ia trabalhar

fora, você precisa ver o sofrimento desse menino porque teve de sair daqui pra estudar fora, aí ela voltou aqui pro Assentamento, ela disse que foi uma tristeza, teve de voltar, e aqui é praticamente uma família, são todos parentes, mexeu com um, mexe com todos, você precisava ver como eles ficaram as crianças da escola porque Samuel ia sair para ir embora pra Glória.

Regina: e sobre a questão da terra, do Assentamento, o que você acha da formação do assentamento, do sem terra, qual a relevância da terra para estas pessoas?

Professora:

Olhe a relevância para as pessoas aqui do assentamento é muito grande viu, eles são apaixonados por isso aqui, é tanto que agente que vem de fora, muito longe, a gente sente aquele impacto e diz assim, meu Deus que lugar é esse, a gente tá no fim do mundo é? Mas não, para eles isso aqui é a vida deles, é muito importante isso aqui pra eles.

Regina: sobre o trabalho das crianças...você vê alguma exploração nesta atividade das crianças

Professora:

Não eles sentem tanto prazer em ajudar os pais, assim que não é uma coisa corriqueira, não é que eles estão todo dia na roça, que os pais levam todo dia, não, isso aí pelo menos aqui na minha sala eu não tenho conhecimento que aconteça, aquele menino que você entrevistou a mãe dele hoje, ele é bem danadinho, eu digo que ele é hiperativo, e ele triste, triste, e eu deixando, deixe ver o que ele tem, deixe ele agir, e ele sentado aqui, e eu passei atividade e ele mau terminou o nome da escola, e triste, mal levantava, uma criança que não para, eu pensei não tem uma coisa errada aí, e muito errada, e eu só observando, aí quando foi depois eu chamei ele eu disse Alex, alguma coisa aconteceu, me diga o que você tem, ele tava triste porque não tinha ido para o lote (roça) ajudar o pai, pra você ver que eles fazem isso como uma coisa prazerosa, que não é uma obrigação, eles ajudam os pais por vontade, por prazer, não como se fosse um ajuda. Ninguém quer sair daqui não! Por isso que a escola que está aqui mesmo!

ANEXOS (Termos de Consentimento)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(DOCENTES E FUNCIONÁRIOS)

Você está sendo convidado(a) para participar como informante, em uma pesquisa sobre Educação Infantil do/no Campo. Após ser esclarecido(a) sobre as informações da referida pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a).

INFORMAÇÃO SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DO PROJETO:

EDUCAÇÃO INFANTIL "DO" E NO "CAMPO": UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLA E COMUNIDADE DE CRIANÇAS RESIDENTES EM ÁREA RURAL.

Pesquisadora: Eliç Regina Nunes Mota Araújo

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Aparecida Bretas

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Isolanda de Moura,
concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Disponibilizando informações de interesse da pesquisa como relatos, fotografias, entrevistas, entre outros. Seu aceite condiciona-se ao uso exclusivo de depoimentos e imagens para fins acadêmicos e não particulares, resguardando a identidade dos participantes.

N. Sra. da Glória, 26, novembro de 2014

Assinatura do sujeito ou responsável:

+ Maria Isolanda de Moura

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(FAMÍLIA)**

Você está sendo convidado(a) para participar como informante, em uma pesquisa sobre Educação Infantil do/no Campo. Após ser esclarecido(a) sobre as informações da referida pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a).

INFORMAÇÃO SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DO PROJETO:

EDUCAÇÃO INFANTIL "DO" E NO "CAMPO": UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLA E COMUNIDADE DE CRIANÇAS RESIDENTES EM ÁREA RURAL.

Pesquisadora: Elis Regina Nunes Mota Araújo

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Aparecida Bretas

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, José Bernardo Correia, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Disponibilizando informações de interesse da pesquisa como relatos, fotografias, entrevistas, entre outros. A referida pesquisa também é desenvolvida com suas crianças na Escola Municipal Assentamento Fortaleza. Seu aceite condiciona-se ao uso exclusivo de depoimentos e imagens para fins acadêmicos e não particulares, resguardando a identidade dos participantes.

Assentamento Fortaleza, 10, fevereiro de 2015

Assinatura do sujeito ou responsável:

João Roberto Correia (Solteirinho)
- Ex-presidente da Associação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(FAMÍLIA)

Você está sendo convidado(a) para participar como informante, em uma pesquisa sobre Educação Infantil do/no Campo. Após ser esclarecido(a) sobre as informações da referida pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assiné ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a).

INFORMAÇÃO SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DO PROJETO:

EDUCAÇÃO INFANTIL "DO" E NO "CAMPO": UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLA E COMUNIDADE DE CRIANÇAS RESIDENTES EM ÁREA RURAL.

Pesquisadora: Elis Regina Nunes Mota Araújo

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Aparecida Bretas

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Luciana Gonzaga dos Santos,
concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Disponibilizando informações de interesse da pesquisa como relatos, fotografias, entrevistas, entre outros. A referida pesquisa também é desenvolvida com suas crianças na Escola Municipal Assentamento Fortaleza. Seu aceite condiciona-se ao uso exclusivo de depoimentos e imagens para fins acadêmicos e não particulares, resguardando a identidade dos participantes.

Assentamento Fortaleza, 10 de fevereiro de 2015

Assinatura do sujeito ou responsável:

Luciana Gonzaga dos Santos
Mãe: Daniell
Sofia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(FAMÍLIA)**

Você está sendo convidado(a) para participar como informante, em uma pesquisa sobre Educação Infantil do/no Campo. Após ser esclarecido(a) sobre as informações da referida pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a).

INFORMAÇÃO SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DO PROJETO:

EDUCAÇÃO INFANTIL "DO" E NO "CAMPO": UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLA E COMUNIDADE DE CRIANÇAS RESIDENTES EM ÁREA RURAL.

Pesquisadora: Elis Regina Nunes Mota Araújo

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Aparecida Bretas

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Jose Nilton de Lima,
concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Disponibilizando informações de interesse da pesquisa como relatos, fotografias, entrevistas, entre outros. A referida pesquisa também é desenvolvida com suas crianças na Escola Municipal Assentamento Fortaleza. Seu aceite condiciona-se ao uso exclusivo de depoimentos e imagens para fins acadêmicos e não particulares, resguardando a identidade dos participantes.

Assentamento Fortaleza, 10. fevereiro de 2015

Assinatura do sujeito ou responsável:

Jose Nilton de Lima

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(FAMÍLIA)

Você está sendo convidado(a) para participar como informante, em uma pesquisa sobre Educação Infantil do/no Campo. Após ser esclarecido(a) sobre as informações da referida pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a).

INFORMAÇÃO SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DO PROJETO:

EDUCAÇÃO INFANTIL "DO" E NO "CAMPO": UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLA E COMUNIDADE DE CRIANÇAS RESIDENTES EM ÁREA RURAL.

Pesquisadora: Elis Regina Nunes Mota Araújo

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Aparecida Bretas

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Jânio Santos da Conceição,
concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Disponibilizando informações de interesse da pesquisa como relatos, fotografias, entrevistas, entre outros. A referida pesquisa também é desenvolvida com suas crianças na Escola Municipal Assentamento Fortaleza. Seu aceite condiciona-se ao uso exclusivo de depoimentos e imagens para fins acadêmicos e não particulares, resguardando a identidade dos participantes.

_____, 10 de fevereiro de 2015

Assinatura do sujeito ou responsável:

Jânio Santos da Conceição
(Assinatura)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(FAMÍLIA)**

Você está sendo convidado(a) para participar como informante, em uma pesquisa sobre Educação Infantil do/no Campo. Após ser esclarecido(a) sobre as informações da referida pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a).

INFORMAÇÃO SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DO PROJETO

EDUCAÇÃO INFANTIL "DO" E NO "CAMPO": UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLA E COMUNIDADE DE CRIANÇAS RESIDENTES EM ÁREA RURAL.

Pesquisadora: Elis Regina Nunes Mota Araújo

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Aparecida Bretas

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Rosineide Guimarães, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Disponibilizando informações de interesse da pesquisa como relatos, fotografias, entrevistas, entre outros. A referida pesquisa também é desenvolvida com suas crianças na Escola Municipal Assentamento Fortaleza. Seu aceite condiciona-se ao uso exclusivo de depoimentos e imagens para fins acadêmicos e não particulares, resguardando a identidade dos participantes.

_____ de _____

Assinatura do sujeito ou responsável:

+ Rosineide Guimarães

Mãe de: Monique Raquel Guimarães Conceição

Natalia S. Santos (5 anos)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(CRIANÇAS)

EDUCAÇÃO INFANTIL "DO" E NO "CAMPO": UM ESTUDO DE CASO EM
ESCOLA E COMUNIDADE DE CRIANÇAS RESIDENTES EM ÁREA RURAL.

Pesquisadora: Elis Regina Nunes Mota Araújo

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Aparecida Bretas

Eu quero participar da pesquisa	Eu não quero participar da pesquisa
	
	

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(DOCENTES E FUNCIONÁRIOS)**

Você está sendo convidado(a) para participar como informante, em uma pesquisa sobre Educação Infantil do/no Campo. Após ser esclarecido(a) sobre as informações da referida pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a).

INFORMAÇÃO SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DO PROJETO:

EDUCAÇÃO INFANTIL "DO" E NO "CAMPO": UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLA E COMUNIDADE DE CRIANÇAS RESIDENTES EM ÁREA RURAL.

Pesquisadora: Elis Regina Nunes Mota Araújo

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Aparecida Bretas

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Genivaldo de Sá Silva,
concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Disponibilizando informações de interesse da pesquisa como relatos, fotografias, entrevistas, entre outros. Seu aceite condiciona-se ao uso exclusivo de depoimentos e imagens para fins acadêmicos e não particulares, resguardando a identidade dos participantes.

N. Sra. da Glória, 12. fevereiro de 2015

Assinatura do sujeito ou responsável:

Genivaldo de Sá Silva

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(DOCENTES E FUNCIONÁRIOS)**

Você está sendo convidado(a) para participar como informante, em uma pesquisa sobre Educação Infantil do/no Campo. Após ser esclarecido(a) sobre as informações da referida pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a).

INFORMAÇÃO SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DO PROJETO:

EDUCAÇÃO INFANTIL "DO" E NO "CAMPO": UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLA E COMUNIDADE DE CRIANÇAS RESIDENTES EM ÁREA RURAL.

Pesquisadora: Elis Regina Nunes Mota Araújo

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Aparecida Bretas

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Genivaldo de Sá Silva,
concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Disponibilizando informações de interesse da pesquisa como relatos, fotografias, entrevistas, entre outros. Seu aceite condiciona-se ao uso exclusivo de depoimentos e imagens para fins acadêmicos e não particulares, resguardando a identidade dos participantes.

N. Sra. da Glória, 12. fevereiro de 2015

Assinatura do sujeito ou responsável:

Genivaldo de Sá Silva

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(FAMÍLIA) DIRETORA**

Você está sendo convidado(a) para participar como informante, em uma pesquisa sobre Educação Infantil do/no Campo. Após ser esclarecido(a) sobre as informações da referida pesquisa, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a).

INFORMAÇÃO SOBRE A PESQUISA:

TÍTULO DO PROJETO:

EDUCAÇÃO INFANTIL "DO" E NO "CAMPO": UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLA E COMUNIDADE DE CRIANÇAS RESIDENTES EM ÁREA RURAL.

Pesquisadora: Elis Regina Nunes Mora Araújo

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Aparecida Bretas

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, Maria Joseilma da Mata, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Disponibilizando informações de interesse da pesquisa como relatos, fotografias, entrevistas, entre outros. A referida pesquisa também é desenvolvida com suas crianças na Escola Municipal Assentamento Fortaleza. Seu aceite condiciona-se ao uso exclusivo de depoimentos e imagens para fins acadêmicos e não particulares, resguardando a identidade dos participantes.

N. Glória 10 de fevereiro de 2015.

Assinatura do sujeito ou responsável:

Maria Joseilma da Mata (Diretora)

Daniel (5 anos)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(CRIANÇAS)

EDUCAÇÃO INFANTIL "DO" E NO "CAMPO": UM ESTUDO DE CASO EM
ESCOLA E COMUNIDADE DE CRIANÇAS RESIDENTES EM ÁREA RURAL.

Pesquisadora: Elis Regina Nunes Mota Araújo

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Aparecida Bretas

Eu quero participar da pesquisa	Eu não quero participar da pesquisa
	